

A TRAGÉDIA DO CESSNA 140

DE MILTON TERRA VERDI

NARRAÇÃO DE **WALTER DIAS**

EDIÇÕES AUTORES REUNIDOS

DIÁRIO DA MORTE

A emoção, o suspense, a revolta e também a sede e a fome que a leitura deste livro chega a provocar ou sugerir, decorrem da narrativa de fatos e do próprio "diálogo com a morte" que o jovem Milton Terra Verdi mantém durante setenta dias no "deserto boliviano".

Dias e noites entrecortados de esperanças. Desta ou daquela certeza vã. Contra o sol, a solidão, o silêncio, a fria escuridão, qualquer nova tentativa — enquanto restam últimas energias — é logo cortada pela visão aterradora do cipóal espinhento, dos galhos que uns contra os outros se retorcem, como se revoltados ante a presença de seres para ela estranhos. De vez em quando o ronco dum motor faz crescer a respiração do jovem. Mas, o silêncio de morte, o sol, o frio da noite, o desespero, a submissão à agressividade da selva. E somente a companhia dos próprios pensamentos.

Recomeça o diálogo com a morte.

Ao cumprirmos nossa missão de editores, não fazemos mais do que fixar um documento em toda a cruél pureza do fato consumado.

Mas, se o sensacionalismo provocado pela desdita destes dois jovens, Milton Terra Verdi e Antonio Augusto Gonçalves é uma natural decorrência, pouco influiendo na imposição da tarefa, esta porém ganha conteúdo e dever quando se descobrem nas palavras escritas por Terra Verdi, novos significados, antes misteriosos e não revelados, verdadeira e insubstituível advertência aos jovens das atuais gerações, expostos aos maus desumanos e desvirtuados apelos da má índole, alimentadora do espírito de vãs aventuras, da forte emoção instintiva e a cuja desesperosa seus fautores nem respondem congelados na impunidade. Caro leitor, este livro é, a um tempo, tremendo libelo contra a insensibilidade humana!

EDIÇÕES AUTORES REUNIDOS agradece a colaboração dos familiares de Milton, de "Última Hora", de seus diretores, repórteres e colaboradores, os quais ao compreenderem a necessidade de transformar o "Diário da morte" em livro, destacaram esta editora para o importante cometimento, evitando que na crônica efêmera

contém:

- Reprodução tipográfica, letra por letra, do original do diário escrito por Milton Terra Verdi no deserto boliviano, em seus últimos setenta dias de vida.
- Gravuras reproduzindo fotograficamente todas as páginas do diário, diretamente do original.
- Autenticação em Cartório de São Paulo da legitimidade dos originais, reproduzida da fotocópia.
- Gravuras reproduzindo os cardápios e as receitas culinárias imaginados e escritos por Milton Terra Verdi nos espaços em branco de revistas.
- Última carta dirigida a sua esposa por Milton Terra Verdi, copiada tipograficamente, letra por letra.
- Reprodução fotográfica da referida carta.
- Narração e comentários de WALTER DIAS
- Introdução de DORIAN JORGE FREIRE.
- Mapa localizando a clareira da morte.

NOTA DA EDITORA: Na transcrição dos trechos do diário, durante a narração dos fatos, sob o título, A TRAGEDIA DO CESSNA 140, foram feitas pequenas correções, acrescentadas pontuações de maneira a facilitar a leitura, mas o diário em sua autenticidade original é reproduzido no final do livro e também reproduzido fotograficamente.

*Revisão de
Três Volumes de Edição
São Paulo, 16/03/1961*



EDIÇÕES AUTORES REUNIDOS

apresentam

- ☆ Narração de WALTER DIAS
- ☆ Revisão de Nadalete Amorim Dias
- ☆ Capa em montagem de Eugênio G. Ruiz Alarnes
- ☆ Impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" S.A.
- ☆ Com base na equipe de reportagem da "Última Hora" e de Clécio Ribeiro a serviço especial desse vespertino
- ☆ Coordenação da obra feita pela "AR" Edições AUTORES REUNIDOS
- ☆ Introdução de DORIAN JORGE FREIRE

o volume da sua
"Coleção Extra"

"DIÁRIO DA MORTE"

Diário da **MORTE**

de

MILTON TERRA VERDI

(A tragédia do Cessna-140)

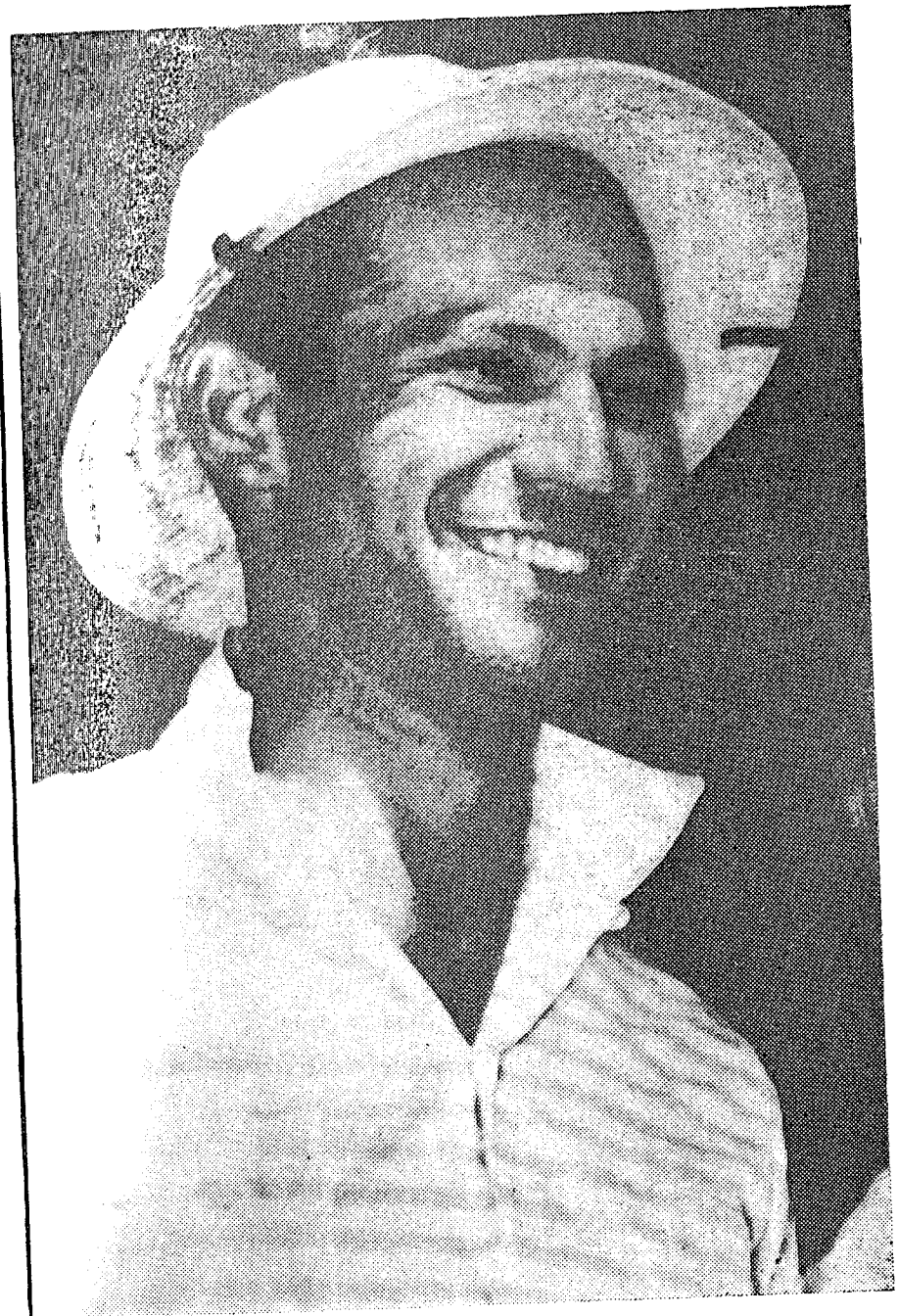
- Os direitos exclusivos de reprodução, no todo ou em parte, no Brasil, em Portugal e colônias, pertencem a Edições AUTORES REUNIDOS Ltda. — Brasil. Para os direitos de reprodução nos demais países, territórios ou colônias onde se falem outros idiomas, em jornais, revistas, filmes, mesmo adaptações, televisão, rádio, ou qualquer outro veículo, não se prescinde o prévio conhecimento e a participação de Edições AUTORES REUNIDOS Ltda. — Brasil

1961

Edições AUTORES REUNIDOS

Desta primeira edição de DIÁRIO DA MORTE
foram tirados cem exemplares em papel *Westerpost*.

EXEMPLAR Nº 03338



UMA DAS ÚLTIMAS FOTOS DE MILTON TERRA VERDI

Introdução
de
Dorian Jorge Freire

pe
Ve
na
po
tor
pa
sig
lad
ela
aor
da
vã
e
ros
lat
lib
dec
ton
rep
con
ma
car
mel

INTRODUÇÃO

O que terá levado Milton Terra Verdi a escrever, durante os setenta dias de seu martírio, o diário impressionante que o leitor, logo mais, irá lêr? Que força superior, que ânimo estranho, terão conduzido aquêle moço estouvado de São José do Rio Preto e Fernandópolis a violentar-se, no que nêle havia de mais autêntico, para gastar momentos preciosos de sua vida, por sinal os derradeiros, no fiel registro de tão espantosa tragédia?

Ninguém poderá saber. Ninguém poderá imaginar o que vai na consciência de um homem normal — e Milton era um homem absolutamente normal, nas suas ações e reações — quando colocado diante

do perigo que anuncia o fim, frente à morte iminente e inevitável.

Talvez as mesmas razões, profundamente misteriosas e pessoais, que conduziram-no àquela fé em Deus, dentro da inteira submissão à Sua vontade, que não tinha nada de renúncia à vida ou de covardia diante do perigo, mas de humildade total face aos planos inescrutáveis decididos desde o começo dos tempos pelo Criador, para realizar-se na vida de Suas criaturas. Nesse caso, a presença da morte terá aberto os olhos do coração daquele quase menino, para os valores legítimos e definitivos da vida. E Milton, ao mesmo tempo que compreendia, de forma singularmente dura, a fragilidade da condição humana e a lição sobre a vaidade do *Eclesiaste*, volvia para os valores humanos que deixara atrás e, num rasgo de surpreendente lucidez, decidia legar à família, a história de sua tragédia e de sua dor. Escapasse ao drama e as anotações seriam registros de mais uma aventura, possivelmente a última, na vida de quem nunca compreendeu a existência senão dentro da colocação nietzscheana do perigo. Morresse, o seu diário seria o seu legado, traço de união entre ele e os que continuavam.

O leitor poderá acompanhar, dia a dia, a terrível história. A história de um homem colocado diante da inexorabilidade de seu destino, de um homem,

moço e saudável, no melhor vigôr de sua juventude, dada as façanhas mais temerárias, posto frente a frente com a natureza brutal na sua indiferença e em meio a circunstâncias que ele, de forma nenhuma, poderia alterar. Em certo instante, Milton compreendeu que somente a interferência divina, poderia salvá-lo. Apenas um milagre — que encheria com gasolina o tanque vazio ou traria o socorro paterno — poria paradeiro à sua odisséia. Deus nem sempre é inteligível nas Suas decisões e querer atender os Seus desígnios é tentar alcançá-Lo na Sua sabedoria perfeita, o que só um Deus conseguiria ou tornar êsses desígnios de tal forma claros que jamais poderiam ser da responsabilidade de um Deus. O milagre houve. Não aconteceu na gasolina surgida de um instante para o outro nem na presença salvadora do pai. Mas na força sobrehumana adquirida pelo jovem para enfrentar a adversidade, na graça de sua confiança no céu, na lucidez que manteve até os derradeiros minutos.

Eis aí um documento humano de valor ímpar. Ponto inicial para um complexo de interpretações. Fascinante pelas possibilidades de análises que oferece. Não conheço coisa igual ou parecida e quero mesmo acreditar que diário nenhum supera o de Milton Verdi, na sua autenticidade integral e na sua profunda e absoluta sinceridade.

* * *

Não será preciso chamar as atenções dos leitores, para o que carrega, a história que irão lêr, de libelo. Denúncia contra todo um estado de coisas, realçado, em toda a sua inominável estupidez, por uma burocracia fria, inumana, falaciosa e, muitas vezes terrivelmente perversa.

Do começo ao fim da história, essa burocracia vai assumindo o seu papel importante, na trama que levou duas criaturas à morte. Não apenas quando criou dificuldades inumeráveis às buscas, quando fugiu aos seus deveres mais corriqueiros ou quando, sem nenhum sentido humano de fragilidade, não se deixou comover pela aflição daquele pai, na luta heróica para salvar os filhos. Mas, inclusive, quando permitiu o vôo fatal, fornecendo autorização irregular, uma vez que expedida diante de falsas qualificações do piloto e de seu passageiro. Milton e Augusto viajaram como solteiros, quando legalmente casados. O primeiro na qualidade de engenheiro, o que infunde em nós um espicaçante desejo de saber, qual a documentação, de tal forma indiscutível, apresentada por aquele à DAC de Mato Grosso, para convencê-la tão facilmente. Vem, depois, a política dos adiantamentos. do empurra-empurra, do sabe-com-quem-está-falando, das promessas firmadas para não serem cumpridas, das mentirinhas ditas e repetidas com incrível seriedade. Numa palavra tôda uma

imensa subestimação da pessoa humana, da dignidade pessoal, do direito à sobrevivência.

Não sei se tivessem agido de outra forma essas autoridades e não haveria viúvas cobertas de negro nem crianças que esperam os pais que não virão nunca mais. Não sei. Deixo o dilema para as noites insones de quantos sentem, hoje, responsabilidade, direta ou indireta, pela tragédia do "Cessna-140".

* * *

O diário de Milton Terra Verdi foi dos documentos mais ambicionados pela imprensa nacional e estrangeira. A corrida de jornais e revistas em busca daqueles originais, assumiu, em determinados instantes, características indescritíveis. À curiosidade de uma opinião pública esmagada pelo impacto de uma tragédia incrível, os órgãos da imprensa, deste país e de outros, respondiam com solicitações desesperadas e propostas mirabolantes à família do morto.

O jornal "Ultima Hora" de São Paulo terá entendido, melhor do que os outros, o verdadeiro problema. Talvez porque tenha acompanhado, através de seus repórteres, todo o desenrolar das buscas terminadas aos pés de dois cadáveres em adiantado estágio de putrefação. Compreendido que, em momento nenhum, os Terra Verdi quizeram transformar o diário num

troféu nem fazê-lo mercadoria para lucros facilmente gordos.

Duas razões levavam os Terra Verdi — a viuva dona Regina Verdi e o sr. Manoel Oliveira Verdi — a desejar a divulgação do documento: o conhecimento público de um libelo contra a irresponsabilidade oficial e a vontade de prolongar a vida de Milton, interrompida tão precocemente, através da obra que começou a escrever com um sorriso de aventura nos lábios e terminou com as mãos de agonizante. Esses desejos foram fiêlmente atendidos pela "Ultima Hora". O diário seria publicado em todos os jornais de sua cadeia, enquanto uma editora de responsabilidade e bons serviços prestados à cultura nacional, preparava o lançamento em livro, de toda a história desenrolada entre o Brasil e a Bolívia.

Nenhum desejo de lucro, inspirou as partes. O jornal não passou à família dos mortos, nenhuma soma em dinheiro. A família não se empenhou na discussão financeira, nos seus contatos com a editora. A editora, por sua vez, levada pelo humanismo do romancista Tito Batini, seu diretor, fugiu à rotina de suas atividades industriais, tendo o diário de Milton Terra Verdi como algo acima do programa normal de suas realizações.

O resultado dêsse esforço, será julgado pelo leitor. Embora muitas vêzes a técnica do livro possa lembrar

a ficção ou a própria história sugira a urdidura romântica, o que está aí é a verdade sem retoques. Nada foi acrescentado ou amputado ao diário de Milton, sendo feitas apenas algumas correções, sem maior importância, de equívocos naturais quando cometidos naquela contingência. O relato de episódios da vida de Milton, obedeceu às informações de seus familiares mais autorizados. A luta travada pelo seu pai para salvá-lo, não foi outra. Ou foi muito mais dramática do que se conseguiu revelar.

O meu trabalho foi coordenar jornalisticamente a narração minuciosa, criteriosa e inteligente de Walter Dias, primo das vítimas que acompanhou a Manoel de Oliveira Verdi, em tôda a sua dolorosa via-crucis. O carinho dêsse advogado pela família enlutada, o leitor ficará devendo o que vai lêr, que é extremamente dêle.

Por último, uma advertência que seria extemporânea se feita no fim do livro: o que irão lêr é uma reportagem. A mais terrível reportagem já lida por quem assina esta introdução.

DORIAN JORGE FREIRE

*A Maria Cristina e Miltinho;
a Mara Regina e Rosângela; e a
meu filho Walter, que em tenra
idade ainda não podem compreen-
der o grande drama vivido pelos
pais e primos, Milton Terra Verdi
e Antônio Augusto Gonçalves.*

WALTER DIAS

[illegible]

uom
liver
com
dia
Tori
no

cas.
o sq
qual
atlin
vado
gallit
com,
do g
quah
capt
morte
a sul
monet
monte
floc

A

cas.
can
canu

M

da d

adi

sture

sigu

do

clav

quifi

tas,

a ac

a m

nd

da m

a d

quon

lar,

mo

ED

cas.

cas.

cas.

cas.

cas.

cas.

cas.

cas.

cas.

*"Eu vos deixo minha sêde,
nada mais tenho de meu."*

(MURILO MENDES, "As metamorfoses").

I

— **T**ENHO vinte litros de gasolina no galão...
— E cinco minutos de vôo...
— ... o negócio é descer! Descer logo, Milton.

— Só mato fechado...

E falando mais para si do que para o companheiro:

— Mato ruim.

O avião começou a voar em grandes círculos, para um lado, para o outro, descontente, indeciso, naquele comêço de noite. Era preciso pou-sar sem maior demora. O mais ràpidamente possível. Vinte litros de gasolina, cinco minutos de vôo e a noite chegando, aparecendo no risco

do horizonte, por trás do sol que se ia, nos seus últimos clarões.

— Uma vargem, Milton. Uma vargem à esquerda. Vamos descer, o resto a gente resolve depois.

— Em terra firme, a gente resolve.

O avião fez novo círculo, povoou o entardecer com o seu ronco, foi perdendo altura, na descida sem alegria, sem perspectivas, sem espera. O seu contato com o chão, não favoreceu aquela sensação de descanso e de paz. A máquina rolou sobre as rodas fincadas na terra, agarradas aqui e ali pelo capinzal, misturando o seu ruído de desespero com os estalos dos galhos que se partiam, das fôlhas que se esmagavam, dos milhões de ruidos da selva. Selva, sim. Mato por tôda a parte. Mato e céu. Um céu de côr indefinida, um róseo que vai escurecendo, que vai desaparecendo nas primeiras sombras, só iluminado, aqui e ali, pela faísca de uma estrêla que se acende.

Os homens saltaram. O avião ainda parecia uma coisa viva, cansada, resfolegante. Uma coisa perdida no matagal desumano e fechado. Uma grande flôr aberta, despudoradamente aberta, na clareira surpreendente. Quem teria aberto aquele vazio, violentado a solenidade grave daquele verde integral? Ou a mata teria, ela mesma, nos seus planos e desígnios misteriosos, deixado aberta aquela ferida? Milton sorriu. Parecia uma ferida aberta na selva. No chão, o capim alto, os espinhos, os cipós cobrindo a terra, defendendo o chão, com as suas garras, os seus braços ligados na mais desesperada das solidariedades, para impedir o desvirginamento da areia

de areia, sem cheiro, aqui e ali coberta de folhas mortas, ressequidas e paradas.

Aqui Judas perdeu as esporas...

Augusto não viu graça na interrupção; livrou-se dos galhos, esmagou umas fôlhas, saltou sobre um tronco perdido. Era noite, um vento quente tocava os seus cabelos e, no entanto, êle estava. Com as costas da mão, limpou a testa suada e, sem palavras, começou a andar. Milton seguia de perto, defendendo-se do cipoal, afastando fôlhas, apanhando pedrinhas que jogava na floresta, para não ouvir nem mesmo o seu ruído.

Sim, senhor.

Nada, Milton. Coisa nenhuma...

Alguma coisa estará por perto. Há passarinhos, água. Amanhã sairemos. O avião ficará próximo da água e esperaremos o socorro. Vou dormir. Estou estalando de sono e de cansaço. Amanhã, iremos embora.

"Segunda-feira — Aterrizamos nesta vargem às 17,15 horas, do dia 29.8.60. Estamos com gasolina para sômente cinco minutos de vô. Há uma hora que procuramos um lugar para descer, pois tínhamos conosco um galão de vinte litros de gasolina. Passamos maus momentos, pois a gasolina estava no fim e só víamos mato fechado. Avistamos esta vargem, como se fôsse um milagre de Deus. Descemos bem: estávamos tomados de um cansaço geral. Logo escureceu, após termos feito um reconhecimento do terreno. Tínhamos sômente duas coisas em mente: nossa família e a possibilidade de decolarmos no dia seguinte".

Milton fechou a caneta, pensou um pouco, guardou o mapa barato, transformado em diário e se ajeitou para dormir. Augusto tinha os olhos fechados mas não poderia esconder que estava acordado. Que pensava. Que temia — quem sabe? Em tórno, o silêncio, o mato. Por cima, o céu já todo negro. Amanhã, subir, procurar melhor pouso e esperar.

II

— **A**INDA mais esta. Disse o Manolo que o Milton e o Augusto foram para a Bolívia. Vão passar nove dias por lá. Esperava que êle voltasse ontem, certo de que estaria em Presidente Prudente. Na Bolívia, vejamos só, na Bolívia.

Manoel de Oliveira Verdi, sorriu outra vez. Nenhuma surpresa. Era mais uma do Milton. Estava habituado às aventuras do filho, ao seu espírito irrequieto. Sentia até, no fundo de si mesmo, orgulho daquele menino, extraordinário na sua vivacidade, inigualável na sua bravura, para quem o perigo constitui sempre um atractivo, para quem as coisas difíceis oferecem um

fascínio agressivo, insuportável, invencível. Agora teria de esperar. Será que passaram por Presidente Prudente? Aquelas duplicatas pagas precisavam vir às suas mãos e o melhor era legalizar, o quanto antes, os papéis do automóvel recém-comprado. Até que ia esquecendo aquelas coisas, ainda esmagado pela tragédia do dia 24. Judiação, meu Deus, aqueles cinquenta e nove rapazes entrando de rio a dentro. Tudo gente conhecida, filhos de amigos, conhecidos.

— Diz que o ônibus desgovernado rodopiou, houve gritos, choro e depois o baque na água.

Dona Filhinha sentiu um calafrio, persignou-se:

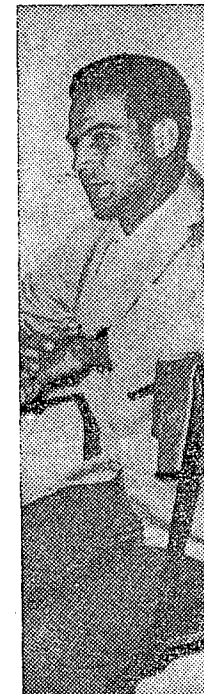
— Nossa Mãe do Céu...

Não pudera, ainda, esquecer o drama dos meninos. Fechava os olhos e parecia vê-los, um a um, molhadinhos e desesperados, transidos de frio e de medo, nos últimos gestos, na derradeira tentativa de salvação. Procurou afastar o pensamento. O marido comentou:

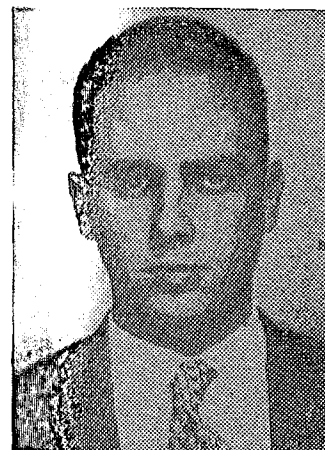
— O Augusto também com o Milton. Voaram para Fernandópolis, dormiram lá e viajaram juntos para Araçatuba.

— Quem falou?

— Passei lá pelo "Rancho Grande". Os empregados disseram e, depois, Manolo Laguna, o piloto, em Fernandópolis, confirmou. Deu instruções aos meninos sobre o vôo naquela região. Até nomes de pessoas conhecidas em Santa Cruz de la Sierra. Milton disse ao Manolo que demorariam sessenta dias. Brincadeira. No "Rancho Grande" a história é que voltariam logo, coisa de nove dias.



MILTON TERRA VERDI



ANTÔNIO AUGUSTO GONÇALVES

Nove dias já passaram, Neca.

Eu sei, mas desde quando o seu filho se preocupa com os dias, as horas, os prazos? Também hoje está diferente, vai de mal a pior. Lembra quando eu voava? Muitas vezes tive de dar uns pulos no Paraguai, Argentina e Uruguai. Mesmo o avião com cobertura de vôo, pelo rádio, da cidade onde eu decolava até o ponto de aterragem, papéis legalizados, tudo direito.

Com os meninos foi diferente?

Não sei, não deve ter sido. Sem licença ninguém sai do país e todo o vôo é comunicado à Diretoria de Aviação Civil no Rio.

O assunto morreu. Dona Filhinha foi aos últimos afazeres do dia. Mas o velho Manoel de Oliveira Verdi, não estava tranquilo. Os outros... O Milton de sempre. Aquela foi, no entanto, a última noite tranquila. Nos outros dias, no silêncio da fazenda "Rancho Grande", não conseguia conciliar o sono. Ou não dormia tranquilamente como antes. O medo, um não sei o que no coração, alguma coisa que lhe apertava as fronteiras, aquele suor sem razão. A cama o expulsava, ia para o quintal e seus olhos avançavam pelo céu, contavam as estrelas, procuravam respostas naquela escuridão.

O que há com você, Manoel?

Nada. Negócios. Nada de mais.

Terça-feira — 30.8.60 — Acordamos cedo, ainda cansados, depois de um sono incômodo no avião. Pusemos a gasolina no tanque, fizemos novamente o reconhecimento da vargem. Sabia que a possibilidade de decolagem era mínima. As 7 horas funcionamos o avião, depois de es-

A c
bém a
lvaro cl
sem da
diálogo
terra A
na "das

Din
can De
a sul, a
pré-qual
últimas
saão at
cathos c
com, coi
te aeres
prando
aparaçã
certo, o
abundã
ente
ntos.

como

Au c
nã
cent
mad

ta,
tadli

e A

al de

o di

o c

an

ado

vere

• Jov

ala i

• Ind

• crenti

• cupos

• adon

• ado

• emt

• mico

• eon

• q

• mico

• mico

• mico

• mico

quentar o motor, tentando decolar, de Norte para Sul. Porém o capim segurou o avião e não foi possível a decolagem. Não tinha vento”.

Augusto e Milton procuraram desobstruir o terreno, afastar os troncos soltos, quebrar os galhos, esmagar o capim alto e duro.

— Estou com sede.

— Água não há. No avião, Augusto, há guaraná.

Enquanto o cunhado, silencioso, andava em torno do aparelho, Milton voltou ao seu diário, abriu a canêta e escreveu:

“8.40 horas — Vento forte de Norte a Sul. Não temos água, somente uma garrafinha de guaraná, um sanduiche e um maço de cigarros. Vamos tentar encontrar água, em uma vargem que avistamos do avião, ao Norte daqui. Não temos nenhuma arma e nenhum canivete”.

Augusto o esperava. Saltou rápido, sorriu e foram à busca. A caminhada era difícil. O capim, por demais alto, os espinhos agressivos. O chão sem oferecer facilidade à caminhada, com os seus cipós que mais pareciam milhares de armadilhas a prender os pés, a agarrar as calças. puxando-os para trás, ferindo-os de leve, em pequenas arranhaduras.

— Ninguém chega lá, Milton. Faz uma hora e pouco que andamos e não estamos afastados cem metros do avião. O melhor é tentar de novo. Talvez agora o bicho arranque. Estou com sede e chateado. Não vejo a hora de deixar esta maldição.

A caminhada de volta foi mais rápida. Às 11.23 horas, Milton registrava no seu diário:

“Fizemos nova decolagem, de Sul para Norte, o vento está bom, mas não conseguimos decolar. O capim muito alto. Tentamos encontrar água, mas foi inútil. Temos muita sede”.

Com o sucesso da segunda tentativa, determinou o silêncio. Ninguém falava. Ninguém tinha o direito de falar. Ninguém tinha vontade de nada, senão de beber água. Augusto, encostado no avião, olhava o longe. Milton brincava com a caneta, olhava o mapa, sonhava com aquelas montanhas do documento. O silêncio só foi rompido com o barulho de um avião. Os dois saltaram. Ambos sorriam. Logo mais, novamente o silêncio. Milton voltava ao diário:

“11.23 horas, ouvimos barulho de avião, o que deu um pouco de alegria. Cruzou bem ao Norte de onde estávamos. Só ouvimos o barulho: não de Este para Oeste”.

Augusto bebeu um gole de guaraná, umedeceu os lábios. Segurava com força o vidro, mas se quizesse partí-lo, no esforço desesperado não sorver todo o líquido. Milton voltou o rosto para o outro lado, para que o cunhado não visse o seu medo nem ficasse indeciso. Bebesse todo o guaraná: a sua sede era visível nos seus olhos nervosos, no brilho de seus olhos, na agitação de suas mãos, até mesmo naquele tique, perceptível, que lhe erguia as sobrancelhas:

"15,00 horas — Tentamos decolar novamente. Desta vez deixamos as malas. Sòmente nós dois no avião. Tentamos três vezes, mas foi inútil. O guaraná, há muito que acabou. Temos muita sede. Estavamos passando água velta nos lábios, para refrescar um pouco".

Mais um anoitecer e nada. Apenas silêncio, estalar de galhos, passarinhos, ruído no mato. E aquela noite grande, absoluta, fechada.

— Agora é esperar, Augusto.

— Talvez eles ainda nem saibam que estamos aqui. Seu pai terá falado com o Manolo?

— Deve estar no "Rancho Grande".

— Vontade de vêr meus filhos.

Milton espantou o pensamento, olhou o céu:

— Parece que vai chover. Vamos tomar um porre de água.

Augusto também olhou o céu. Água. Choveria sim. Choveria. Iria haver água. Água para beber, muita água.

A espera foi longa e feita de silêncio. Mais tarde, só o ruído da pena no papel grosso. O diário registrava:

"À noite, o tempo mudou para chuva. Ficamos contentes, pois tínhamos esperanças de colher alguma água. Mas o vento virou durante a noite e levou a chuva embora, só caíram alguns pingos".

Outro dia. Augusto parecia mais confiante. Talvez porque no céu houvesse a promessa de chuva. Andou de um lado para o outro, mexeu no cipoal, afastou-se um pouco na tentativa de

...no mato, um ruído. Riu de dois passarinhos que viram no alto de uma árvore.

Que dia é hoje, Milton?

Trinta e um. Trinta e um e a gente aqui.

...na vontade tão grande de ver a Bolívia.

Você sempre falou na Bolívia.

Sempre quiz conhecer isto.

Isso?

Milton sorriu e continuou:

Por que, hein? Tanta vontade de conhecer a Bolívia, de ver a sua gente. Dizem que eles tem costumes engraçados. Povo desconfiado, mas simpático.

Milton, estou com saudade dos meninos, com pena da Miltis.

Também. Nem gosto de falar nisso. Procure pensar noutra coisa, embora não consiga. Mas êste pesadêlo passará. Vou passar um mês perto deles, vendo-os, conversando, brincando com os meninos, tratando dos papéis do mato. Um mês inteirinho junto deles, matando as saudades e sem pensar nisto.

Um mês é pouco. A vida tôda. A vida inteira sem pensar nisto, sem pensar em Bolívia, na família, só mulher, só filhos.

Vou tentar decolar para procurar água.

Eu fico. O avião fica mais leve. Você procura a vargem. Vamos.

Os dois homens se ergueram.

"Quarta-feira — 31.8.60 — O dia amanheceu nublado, estavamos pedindo a Deus que mande chuva. O vento mudou de Sul para Norte, o que melhorava as condições de decolagem. Sozinho tentei decolar às 7 horas. Consegui. Pro-

[illegible]

*“Coquetel de camarões.
 Filé com creme de milho vêrde.
 Banana a milaneza.
 Batata soutê.
 Ovos cozidos.
 Tomate assado.
 Arroz branco”.*

III

Um barulho, Augusto.
É' o vento.
Avião, tenho certeza.

Escreveu:

DI

A e
tém a
livo ch
com da
diálogo
Ferra V
na "des

Dias
can De
o nol, a
qualquer
últimas
não at
alhos q
em, cor
de seres
quato
capitaci
ante, o
subm
cont
ntes.

ome
vo e
nã
ent
mad

ca,
adi

A

do

d

e

adi

ere

for

ta

ine

ent

capitaci

de

de

de

de

de

de

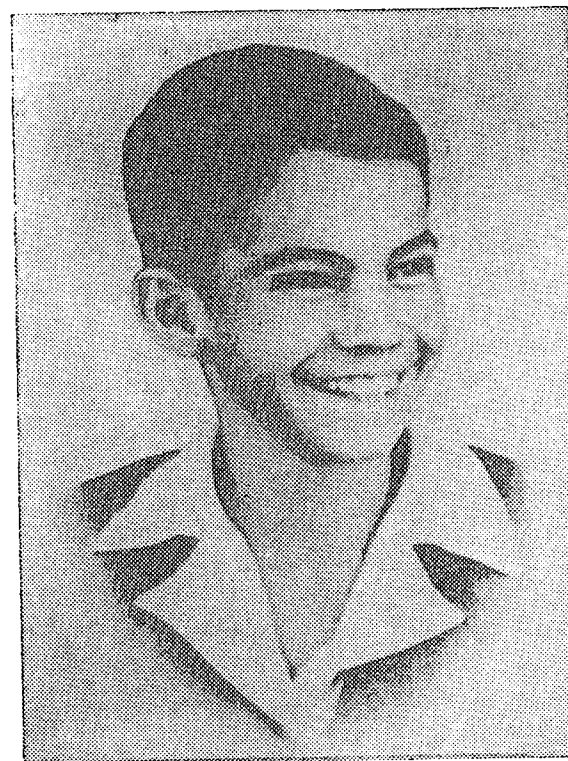
de

"10,15 horas — Ouvimos barulho de avião. Passou na mesma direção que o de ontem. Também não o vimos. Estamos com a boca completamente seca e com sede insuportável".

Escreveu e sem trocar palavras com o companheiro, ligou o motor. Augusto olhava-o com esperança. A máquina funcionou, o capim foi sendo esmagado, o "Cessna" furou o espaço e subiu com o seu ruído. Augusto ficou a olhá-lo com curiosidade, como se nunca, antes, o tivesse visto. Bom avião. Um pouco mais de gasolina e o vôo seria completado, haveria retôrno, abraços. Talvez depois, depois de muitos anos, contasse aos filhos, a história daqueles dias de tristeza e medo, daquelas horas compridas. Talvez dissesse a... Novamente o avião? Milton terá visto água? Terá encontrado a vargem? Procurava, no barulho do aparelho, a resposta. O "Cessna" perdeu altura e desceu aos trancos. Milton não disse palavra. Augusto viu a resposta nos seus olhos e sentiu que a sua sede aumentava, que os seus lábios estavam repuxados e pareciam prestes a rachar. A garganta fervia, o estomago parecia uma imensa chaga. Sentou-se ao chão e foi cavando a terra dura, abrindo o solo batido. Sem querer, os seus lábios tremiam e fazia a sua primeira prece. Milton parecia entendê-lo. Também cavava e também movia os lábios, igualmente secos, em murmúrios. Os seus olhos revelavam que ele rezava.

— Curioso, Milton. O chão é úmido neste local e não há água. Não há água em nenhuma parte do mundo. Não há mais água nunca mais.

— Agora é Deus.



MILTON AOS 10 ANOS

[illegible]

Ele trará socorro.

Sa Êle, Milton. Só Êle.

— E quando se e procurou afastar-se. Mais uma palavra e ambos rebentariam em soluços. O sol batia-lhe nos olhos, a bôca parecia crestada como a do velho. Viu Milton levantar-se e passar a espremer. Ele sempre estava escrevendo.

14 horas — Decolei novamente à procura de água. Nada encontrei, estamos no meio de um deserto. Não sentimos fome, mas a sede está desesperadora. Há 52 horas que não comemos e não bebemos água. Cavamos um buraco em um lugar úmido para ver se minava água. Água, pobreira abençoada que somente nesta situação é que se dá o valor que merece. Rezamos muito, fazemos promessas, pensamos na família e dormimos.

Água, rio, muita água. Milton lembrou os seus dez anos de idade. O pai dera-lhe de presente uma bicicleta de duas rodas. Igual àquela que um colega tinha. Igual, não. Melhor, novinha em folha. Como ficara alegre, mexendo naquelas rodas, engraxando, limpando os aros até vê-los brilhantes, ofuscantes ao sol. Nos primeiros dias, pedalara sem cessar. Daqui para ali, mostrando a todos a sua bicicleta, falando do seu aniversário, dos colegas que tinham ido à sua casa, das brincadeiras, dos outros presentes. Mas, principalmente, da bicicleta. Pedalando-a, na nos limites da cidade. Gostava de rodar no descompado, à margem do rio. Descer em ritmo alucinante aquela rampa e depois subi-la; fa-

zendo fôrça, suando por todos os poros mas já antevendo a felicidade que sentiria, lá no alto, quando olhasse o difícil terreno percorrido. Aquilo trazia uma sensação de fôrça, de poder, de coragem. Naquele dia, as coisas não andaram direito. Descia a rampa, rindo. Um descuido, um impulso irrefletido e a bicicleta disparou, perdeu o pêso, parecia uma bala, de rampa a baixo. Só parou no rio. Entrou de água a dentro, afundou com a bicicleta, sentiu o fôlego diminuir, o desespero da asfixia. Mas foi apenas um susto. Alguém assistira à proeza e entre admoestações, arrancava-o do rio. E as roupas molhadas? Como explicar em casa? Novamente a surra com chinelas e a prisão no banheiro. Gritaria até ser sôlto. Até deixar todos nervosos. Como acontecera com aquela empregada que, diante de seus gritos, implorava à sua mãe que não batesse mais. A moça parecia tão desesperada que teve de lhe segredar, de uma feita, que não ficasse nervosa, que a chinela era levezinha e que os gritos iam por conta do desejo de não ser mais punido e de despertar, na mãe, piedade.

Por que, agora, aquelas lembranças? Há quanto tempo, gente, não recordava aquilo! Tudo parecia ter desaparecido, se perdido na estrada longa dos dias. Mas tudo estava guardado. Sentia que aquelas coisas estavam repousando dentro de si e agora, naquela situação difícil, voltavam à tona, vivas, buliçosas. Tinha a impressão de que não pensava em coisas passadas mas ia vivendo novamente aqueles episódios. Parecia vê-los, um a um. Sorriu. Augusto tossiu. Talvez pensasse que o cunhado estava alucinado, delirasse. Por que rir? Pobre Augusto.

Quinta-feira — 1.9.60 — Dormimos muito pouco esta noite. Amanhecemos mais fracos. Mas nos conformamos com a situação, pensamos que ninguém no mundo merece uma morte desta, morrer de sede deve ser a pior morte do mundo. O tempo está nublado, estamos pedindo demais a Deus que chova para que possamos, pelo menos, molhar a bôca. Temos muita fé em Deus e já fizemos muitas promessas, para que nos encontrem. Sabemos que deve existir água aqui por perto, pois existem muitos passáros e muitos cantos de animais selvagens. Mas onde estará essa água, meu Deus? Já não temos mais disposição para procurar.

11 horas — Não resistimos à sede. Arranquei a bússola do avião para irmos procurar água mais longe, sairemos agora e não sabemos se voltaremos.

Mais tarde:

Não temos um desejo: tornar a ver nossas famílias. Andamos mais ou menos duzentos metros no meio deste mato fechado. Com o auxílio da bússola, conseguimos voltar. Chegamos exaustos, devido ao nosso estado de fraqueza e desânimo. A noite chegou. Dormimos pensando em nossas mulheres e filhos, pais, mães e irmãos.

Os dias correm iguais. Iguais? Não, Milton e Augusto estão cada vez mais fracos, mais abatidos. Não há desespero, mas uma expectativa penosa, uma espera como nunca outra deve ter havido. Andam de um lado para o outro, trocam

palavras breves, falam dos filhos, lembram as mulheres. Augusto fala com desânimo: parece que fala de coisas longínquas e irremediavelmente perdidas. Milton fala como se, logo mais, as coisas fossem resolvidas. Nem poderá ser diferente. Precisa animar o cunhado, para que o seu próprio desalento não grite, não se mostre, não lhe fira, não lhe tire a possibilidade de um raciocínio claro, de uma reflexão mais fria. O essencial é sair daquele buraco e para isso, é preciso esperar. Paciência e fé. Paciência e Deus. Deus é pai e é bom. Virá do céu o socorro. Alguém, em alguma parte, deve estar fazendo alguma coisa. Qualquer hora e o pesadelo desaparece e chega a salvação.

Não fôsse aquela sede! Aquela necessidade de molhar os lábios, de umedecer a garganta em fogo. Não fôsse aquêle silêncio, aquêle mato tão verde, tão denso, tão calado. Sempre o verde, verde no chão, verde na frente, verde nos lados, verde atrás. Até quando olhava o céu, via o verde. Até quando fechava os olhos, sentia a côr verde. Parecia que aquelas árvores, absolutamente verdes, obedecendo a um comando misterioso, despregavam-se do chão e, caminhando sobre as suas raízes, vinham em sua direção, avançando sempre, indiferentes ao seu medo, decisivas, insistentes, inumanas. Aproximavam-se, envolviam-no...

O recurso único era escrever. O diário passara a ser o terceiro companheiro naquela solidão. Era o parceiro inesperado. O papel, silencioso e branco, ia se enchendo, a pouco e pouco, de sua inquietação, de sua mágoa, daquela dor de estar só.

2.ª feira — 2.9.60 — Passamos mais uma noite dentro do avião, o que é muito incomodo, a temperatura estava muito frio. Às 6 horas, levantamos cedo, e aproveitando a hora da Ave Maria, oramos muito, fizemos promessas e pedimos a Nossa Senhora, que mandassem um avião a nossa procura. Temos muita fé em Deus e Nossa Senhora, é isso que nos ajuda a manter-nos calmos e esperançosos. Fome, não temos sentido, mas a sede cada vez mais desesperadora. Temos esperanças de resistir mais dois dias".

10 horas — Sai novamente à procura de água. Não andei muito, pois o terreno é sempre igual: há-se vê cactos e uma espécie de abacaxizeiro bem pequeno que está por todo lado. Não resistindo ao impulso, abaixei e arranquei uma folha desse abacaxizeiro, levei à boca, mastiguei, a que tinha muito caldo de côr verde e meio amarelado. Não sei se faz bem ou mal. Mordemos muitas dessas folhas, sentimos a bôca mais fresca e aliviada, engoli um pouco desse caldo. Vou esperar uma reação. Se não der, creio que poderemos aliviar um pouco a sede com estas fôlhas. O que mais me desespera é saber que tem água muito perto daqui, devido a quantidade de pássaros. Tenho procurado todas as tardes ouvir o cantar das saracuras, pois sei que elas só cantam na beira d'água, mas infelizmente creio que por aqui não existem as saracuras.

11.05 horas — Faz exatamente 100 horas que não comemos nada e nem bebemos "água".

16.05 horas — Avistamos um avião, a uns 20 quilômetros do Norte. Pedimos demais a Deus

DIA

para que ele desviasse a rota e nos visse. Ficamos olhando até que ele sumiu. Era um avião pequeno, deve ser Cessna. Às 18 horas rezamos um terço à Nossa Senhora Aparecida, para que nos ajude a sair desta dolorosa situação. Depois tentamos dormir, mas fez tanto frio à noite, que não foi possível pegar no sono. Passamos muito frio".

A situação se torna cada vez pior. As horas já não correm: arrastam-se. Tudo igual. Nenhuma novidade. Os dois homens já não conversam como nos primeiros dias. Murmuram. São pedaços de lembranças familiares, nomes dos filhos, senão diálogos com eles. Rezam muito e com fervor cada vez maior. Prostrados no chão, seus olhos percorrem o céu à procura de aviões, enquanto os seus corações, cada vez mais angustiados, se elevam em preces dolorosas a Deus. Não reclamam, não deblateram, não blasfemam, não gritam. Muitas vezes, no entanto, suas faces cavadas, daqueles olhos que se tornam, hora a hora, cada vez mais brilhantes, cada vez mais rútilos, descem lágrimas. Choram por eles, pelas mulheres sòzinhas, pelos filhos que ficaram longe, atrás daquele matagal fechado, atrás daquele risco do horizonte, em terras que não são da Bolívia.

Milton está sentado no bojo de seu "Cessna", os olhos voltados para a frente. Um cão seria de utilidade. Ouve ruídos no mato: um cachorro seria capaz de, pelo faro, encontrar água, surpreender um bicho, ser de alguma ajuda. O Leão, o Leão como seria de utilidade! Mas ele parece tão distante, parece que ficou tão para trás. Era grande, de pêlo liso (gostava de acari-

car, de, o resto no seu pelo). Não tinha raça, aparecia como por encanto e ficara. Era seu. Ambos sabiam disso. Engatinhando ou andando, Leão vinha atrás, sombra prudente, sem pânico, vigilante. A casa grande, construída em madeira antiga, não podia oferecer segurança àqueles traquinas e buliçosos. Leão aprendeu, sozinho, a ladrar nas horas de perigo. Ladrava alto que aparecia alguém. Depois, saltava, remexendo a cauda e provocando risos gerais. Uma vez se acercava do corredor que levava à cozinha, se aproximava da escada de vários degraus, observando o perigo iminente. Leão ladrava tão alto que a casa inteira veio em seu socorro. Ele era amigo mesmo. Noutra oportunidade, segurava as patas da "Duqueza", vaca brava. Milton batia nas pernas do animal com uma vara e reagia às gargalhadas ao nervosismo da "Duqueza". Os cuidados do cachorro iam se tornando exaustivos. Não fôsem os empregados e Milton teria sufocado, com as suas patas fortes, o pequeno, pretinho que, em brincadeira, o derretia. Mas tudo estava distante. Quando deixou São José do Rio Preto para um passeio, para que abandonasse Leão aos cuidados dos empregados: não o encontrou, na volta, o animal desaparecera.

Leão...

O que?

Nada. Um pensamento.

Hum!

Sábado — 3.9.60 — Estamos muito fracos e cansados, por não termos dormido à noite. Te-

mos esperanças que nos encontrem hoje. A nossa situação já está sendo desesperadora.

13.05 horas — Faz 124 horas que não comemos nem bebemos água, o que tem nos aliviado um pouco é a folha do abacaxizinho que tem sabôr azedo. Temos falado toda a hora que se sairmos desta, em nossa casa, nunca haverá de faltar na geladeira, principalmente água, mas também todas as qualidades de refrescos, com muita fartura. Já devemos ter emagrecido uns 8 quilos, cada um. Neste momento, faço um apêlo: "Deus, tende piedade de nós, precisamos vêr novamente nossas famílias".

15.15 horas — Ouvimos ronco de motores. Como o vento estava muito forte, não foi possível distinguir a direção que passou, mas creio que foi de Sul para Norte. Passou à nossa direita. Pelo barulho do motor, tive a impressão de que era um helicóptero. Isso nos deixou muito contentes, porque se for mesmo helicóptero é porque estão nos procurando. Ficamos atentos em novos barulhos, até que escureceu. Às 18 horas, rezamos a Ave Maria e fomos vêr se conseguíamos dormir, com muita fé que nos achem no dia seguinte".

Ninguém, nada no céu. Só nuvens e azul. Só o sol que já fere os olhos dos abandonados. Augusto fala nos filhos e na mulher, já sem procurar disfarçar as lágrimas, em voz entrecortada por soluços. Milton conta uma travessura da filhinha. Cada um conta alguma coisa de seus filhos, de suas traquinagens, de suas preferências.

Sorriem à lembrança. Falam também de suas esposas e dos pais.

— Coitada de mamãe!

Augusto se levanta com dificuldade e cambaleia, antes de conseguir o equilíbrio. Aproxima-se do nariz do avião e fica mexendo com as suas hélices. Milton, com um lápis, escreve na margem de uma página da revista, transformada em cardápio, o que gostaria de comer, naquele domingo:

"Maionese de camarão.

Macarronada a bolonheza.

Arroz de fôrno.

Supremo de frango à cubana".

Tem vontade de mostrar o cardápio ao Augusto. Encaminha-se para êle mas o cunhado fala:

— Que sede, meu Deus!

— Também estou me acabando de sede. A lingua já está ressequida.

— O que fazer, Milton?

— Esperar.

— Até quando poderemos esperar? Estamos morrendo de fome e sede, de fraqueza, não aguentaremos muitos dias.

— De uma hora para outra, chegará socorro. Corumbá deve saber que não chegamos à Santa Cruz.

— E se não souber? E se não vier logo?

— Se pelo menos houvesse água. Um pouquinho por dia, o bastante para umedecer os lábios, molhar a garganta.

— Minha Nossa Senhora, dai-nos chuva!

— Chuva, minha Mãe de Deus!

Milton caminha em direção à floresta. Augusto segue-o de perto. Procuram entrar de mato a dentro, descobrir alguma coisa, talvez a fonte que sacia os passarinhos. Impossível andar mais. Os espinhos atingem meio metro, o capim cobre um homem, o cipoal dificulta a caminhada, os carrapichos prendem as suas calças, furam-lhes as pernas. Nenhum canivete, nada. Agora, nem mais forças para romper com as mãos, a galharia poderosa. Temem perder a clareira onde o avião pousou. Sentem-se desnorteados e sem equilíbrio. Já não têm segurança sobre o que sentem e vêem: têm a impressão de estar sendo vítimas de alucinações. Augusto parece febril. Entre frases carinhosas dirigidas à família, tem palavras sem nexos, delira.

“Domingo — 4.9.60 — Esta noite também fez muito frio e não dormimos quase nada. Há duas noites que não dormimos quase nada e passamos frio, o que está contribuindo, ainda mais, para o nosso estado de fraqueza. Sêde nem se fala. Estamos a ponto de delirar e ter miragens de água. Temos muita esperança no dia de hoje e Deus que ajude para que nos encontrem hoje. 14 horas — Há 150 horas que estamos nesta agonia. Não estamos resistindo mais. As nossas forças estão nos abandonando. A única coisa que está evitando o suicídio é a crença em Deus e a vontade de ver novamente nossos filhos. Durante a tarde, sofremos muito com o calor que fez hoje, o que ainda nos ressecou mais. Temos rezado todas às 6 horas da manhã e de tarde e

pedido muito a Deus que nos leve às nossas famílias”.

Regina, tão longe. Milton não consegue afastar o pensamento da espôsa. Foi tão difícil o seu romance amoroso, como poderia, agora, quando êle frutificara em dois filhinhos, terminar abruptamente? Lembra-se do momento que conheceu Regina. Foi em Presidente Prudente. Seu nome é Maria Olimpia Bonassoli, mas resolveu chamá-la de Regina. Apenas Regina. Por que Maria Olimpia? Regina soava-lhe melhor. Aquela era Regina e assim haveria de chamá-la sempre. Sempre... Como foi curto, meu Deus, o sempre. O seu coração não foi difícil de ser conquistado. As afinidades ligavam esses moços e o amor veio rápido e intenso. Mas a sua família? Pai e mãe procuraram, insistentemente, dissuadi-lo. Noutras oportunidades, o filho se apaixonara, falara de amor eterno e sentimento definitivo. De uma vez, surpreendera os pais, no casamento do Augusto, apresentando-lhes a noiva, mocinha bonita que já exhibia a aliança. Agora seria a mesma coisa. Uma paixão rápida, um estouvamento a mais. Debalde as explicações e os conselhos. Para fazê-lo refletir melhor e esperar a idade mais prudente para o casamento, o pai tirara-lhe todos os privilégios: dinheiro, automóvel, avião, roupas sempre novas. Milton respondeu viajando para São Paulo. Na capital, fez-se sócio do marido de uma tia, lutou como um bravo, montou apartamento em Pinheiros e, no dia 28 de setembro de 1956, casava.

Do casamento, a família só soube meses depois. Quando foi informada, igualmente, que o

filho sofria privações junto à espôsa mas, orgulhoso como em tôda a vida, guardava para si as dificuldades. Foi na época em que teve de vender, por ninharia, o anel de brilhante que lhe dera o pai. Depois de um ano, voltou a ver a família. Foi em novembro de 1956, quando o avô, o velho Capitão Verdi, morreu. Pai e filho se abraçaram sem palavras e misturaram a sua dôr. Findo o entêrro, voltou a São Paulo, sem deixar transparecer o menor problema íntimo. Regina. Regina querida. Como sentia gôsto em ajudá-la, ensinar-lhe receita de doces. Quando ela estava indisposta, com que prazer servia-a na cama e ajudava-a nos seus afazeres domésticos! Era a única riqueza, ausente a família. Voltou a ver o pai no casamento da Miltis com o Augusto. Abraçaram-se e choraram. Mas retornou a São Paulo, para retornar à luta. Tudo melhorou em 1957. Melhor: tudo melhorou quando nasceu Maria Cristina. Como gostaria de tê-la em seus braços, para fazê-la dormir, embalando e cantando aquelas conhecidas cantigas de ninar, aprendidas em "Rancho Grande". Regina e Maria Cristina. Foi por amôr das duas que voltou aos seus pais e na casa grande da fazenda, passou a compor, novamente, a paisagem humana daquelas terras.

Agora Regina está longe. Espera e não poderá voltar. Quem sabe o caçulinha chora? Quem sabe faz frio e o pèzinho de Maria Cristina escapou do lençol? Até quando? Regina...

"Segunda-feira — 5.9.60 — Faltam tres dias para o meu aniversário de casamento e esse dia eu queria demais passar com a minha mulher,

filhos e familiares. Talvez Deus ainda permita isso. Esta noite não fez frio, o que permitiu dormissemos um pouco. E foi muito bom, porque o sono também alimenta. Acordamos mais dispostos hoje e mais esperançosos. Esperamos que hoje não faça tanto calôr como ontem, pois judia demais de nós. Porém o calôr foi insuportável. Ouvimos dois aviões que cruzaram. O primeiro, foi às 10,15, deve ser a "Cruzeiro do Sul" que vinha de Corumbá. O segundo foi à tarde, mais ou menos 15 horas. Tive a impressão de que esse estava nos procurando, pois chegou bem perto de nós e mudou de rumo. Ficamos com fé em que êle voltasse".

Por onde andarâ Nelson? Lembra-se perfeitamente da primeira vez que o viu. Foi em São José do Rio Prêto, para onde haviam se mudado. No velho prédio abandonado da rua Boa Vista, bem em frente à sua casa, moravam os três: um velho, Lina e Nelson, seus filhos. Moravam nos fundos, num pardieiro. Ficaram amigos. Unidos pelo mesmo amor às peladas, pelo fascínio das pescarias, por um punhado de afinidades, muitas delas pitorescas e curiosas. Nelson era engraçado. Sabia fazer as coisas com destreza, quando ria mostrava os seus dentes bons e limpos e êle ria muito. Era sadio e era amigo. De tanto conversar com o Nelson, andar junto com êle, terminou por levá-lo para sua casa. Lá, êle e a Lina almoçavam, na única hora que aceitavam interromper os brinquedos. Brigava com Nelson, brincava com Nelson. Nelson era introvertido tanto quanto extrovertido era o Milton. Quando o seu pai foi embora, foi morar com o

amigo e amigos foram tôda a vida. Separaram-se quando Nelson casou.

Nelson não sabe de suas dificuldades atuais? Não sabe que, num lugar qualquer da selva boliviana, o velho e querido amigo, está com sede, tem os lábios rachados pela sede e espera um socorro que não chega. E se Nelson aparecesse ali, saído de uma brecha do mato, com aquêle seu jeito manso e aquêles seus dentes brancos e bons? Fecha os olhos e tem a sensação perfeita de que o amigo se aproxima, rindo e trazendo água. Ah! Nelson! Êle sabia que o amigo não haveria de esquecê-lo, principalmente naquela amargura e naquela solidão. Como vai a Lina? Casou-se? Tão boazinha, a Lina. Mas tudo era fantasia. Ali, apenas êle, Augusto, o avião e o medo. Sômente a morte presente no mato verde, no céu despovoado, no silêncio quebrado apenas pelo fremito das fôlhas e pelo silvo, distante, de algum pássaro desconhecido.

*"Terça-feira
Salada mixta.
Rost-beef.
Camarão à Grega.
Arroz de forno".*

— Eu vou morrer, Milton.

— Bobagem.

— Não adianta dizer que não. As minhas forças já morreram. Eu não tenho mais resistência. Não tenho mais, Milton, com que resistir...

— Um pouco mais, Augusto.

— ... as minhas pernas estão cambaleantes, não têm mais firmeza, as mãos não seguram mais nada e já vejo pouco. Estou ficando cego. Cego de sede, Milton. De sede.

Augusto soluça. Milton também chora. Procura ampará-lo, mas também está torturado pela fome. Todos aquêles sintomas mencionados pelo cunhado, êle os sente em si mesmo. A perna que se curva, as mãos que titubeiam, os olhos cansados, a cabeça confusa... a sede...

Vê Augusto aproximar-se do avião e não pode impedir-lhe o gesto. Mais tarde, escreve:

"Terça-feira — 6.9.60 — Dormimos mais ou menos. Sonhei muito com água esta noite. Estamos mais fracos ainda e o dia de hoje promete fazer muito calor. Já tentei beber urina, mas não foi possível: tem sabor de sal-amargo. Temos muita fé em que Nossa Senhora Aparecida faça um milagre, hoje. Hoje não ouvimos barulho algum de avião. O calor foi insuportável. O Augusto desesperou-se e tomou uma garrafa de gasolina como se fosse água. Passou muito mal, a noite variou muito".

Ninguém chega, ninguém vem. Milton está mais só. O cunhado não mais consegue erguer-se. Fala o tempo todo, no seu terrível delírio. Frases soltas, incompreensíveis. O nome de Milton, adeuses aos filhos. Pede água, em momentos que não se sabe se de delírio ou lucidez. Outras vezes, chora. Sorri, outras.

Milton registra nos seus apontamentos:

"Quarta-feira — 7 de setembro de 1960 — Dia da Independência do Brasil, dia de festa no meu país. Amanhã, dia de aniversário de casamento de meus pais, minha irmã e meu. Dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Se fizer o calor que fez ontem à tarde, não resistiremos passar o dia de hoje, pois há 9 dias e 9 noites que não bebemos água, não comemos nada e dormimos muito pouco. Como se acabam as ilusões de um homem. Hoje, para mim, um litro d'água que é a coisa mais barata que nós temos, vale mais do que todo o dinheiro do mundo e um prato de arroz com feijão, não tem dinheiro que pague. Se Deus nos der nova chance, temos planos de ser os homens mais humildes do mundo. Queremos apenas ter nossa comida, água em abundância e o carinho das esposas, filhos e familiares".

Mais tarde, já escrevendo a lápis, Milton continuava:

"À tarde fez muito calor. O Augusto está delirando muito, creio que não resistirá hoje.

22,30 horas — Augusto faleceu, meu cunhado deixou-me só, que desespero, meu Deus".

IV

A GORA não há mais Augusto. Em seu lugar, a impressão de que o matagal se tornou mais denso, de que as noites são mais compridas e escuras, de que a solidão, muito mais profunda, está povoada de medos e tremores. Sôzinho no meio da selva, no coração desprotegido e abandonado de uma selva que não é a sua, num país que não é o seu.

Milton já chorou todas as suas lágrimas. Já soluçou abraçado ao cadáver do cunhado, do grande amigo, do irmão e companheiro. O que fazer, agora, sem a companhia de ninguém? Augusto ao seu lado, mesmo nos piores instantes, era a presença de sua família e...

infância e da sua mocidade, a presença, por assim dizer, de sua mulher e dos seus filhos. Ainda tinha a quem olhar, com quem conversar, com quem matar aquelas horas imensas, na recordação de dias vividos, na narração de fatos e, até mesmo, na construção de sonhos e castelos que se realizariam, um dia, quando deixassem, finalmente, aquela solidão.

Augusto estava morto. O seu cadáver, estendido sob uma das asas do avião, não deixava margem às dúvidas. Morto de sede e fome, morto de solidão e desespero. De uma certa forma, não havia que lamentar muito. Vira os sofrimentos do cunhado, assistira e partilhara de seu desespero. Quantas vezes não tivera medo de enlouquecer, vendo o amigo, andando de um lado para outro, a boca escancarada, a língua trêmula e cinzenta, na mais indescritível das sêdes? Agora está tranquilo. Vê paz e sossego nas faces encerradas do morto, nos olhos que fechou, naquelas mãos, esqueléticas, que cruzou, naqueles cabelos lisos e finos.

Ele será o próximo. Não venham logo os recursos, não desça do céu o socorro pedido com tanta fé e insistência, algo de novo não aconteça e dentro em pouco será mais um cadáver, acompanhando a Augusto na fase derradeira. Sente que não tem resistência para muitos dias. A fome, a sede, o desespero, a solidão e, agora, a morte do Augusto, realizam o seu trabalho de destruição. Mais dia, menos dia, também estará estendido, igualmente lívido, igualmente esquelético, a boca sedenta voltada para o céu indiferente, aguardando a decomposição.

Dirige-se, lentamente, para o avião e lê, mais uma vez, a carta-testamento escrita, no dia 7, para a sua Regina. Tem a impressão de que aquela carta é um pedaço da esposa e que a sua leitura consegue, por um desses insondáveis mistérios da vida, aproximá-lo da mulher distante. Lê alto:

“Minha querida esposa e dedicada mãe de meus filhos, primeiramente, peço que me perdôe, pelos maus momentos que te fiz passar. Vejo, agora, que se Deus me desse mais uma oportunidade, eu seria o marido e pai ideal, pois sei agora que tudo não passa de ilusão. O que vale mais no mundo, é água, a comida de todo dia e o carinho de nossa querida esposa e filhos. Saiba que você foi o único amor de minha vida. Não duvide, porque é um moribundo quem está falando. Nunca deixe ninguém passar sede, pois é a pior coisa do mundo. Regina lembre-me sempre a meus filhos, minha querida. Maria Cristina tão linda, meu pequeno Miltinho, que não vai me conhecer. Eu tinha combinado com o Augusto que se Deus nos tirasse daqui, ele e a Miltis seriam os padrinhos do Miltinho, mas não podendo ser ele, peço a você dar ele para o papai e a Miltis batizá-lo. Quero que você seja amiga de meus pais, pois eles são muito bons. Peço à mamãe arranjar um emprêgo para você, junto com a Miltis. Aos meus pais peço que me perdoem. Quizera apenas ter mais uma chance para mostrar o filho bom que poderia ser, pois fui bem castigado e já vejo a vida por outro prisma, completamente diferente. Beijos a meus pais. Aos meus irmãos Miriam, Manoelzinho, Miltis e

Marly, beijos eternos do irmão infeliz. Aos avós e tios, beijos também do neto e sobrinho. Regina, querida Regina, deixo para você o dinheiro que está nesta mala, Cr\$ 150.000,00 — cento e cinquenta mil cruzeiros — para que você possa tratar melhor de nossos queridos filhos. Rezem por nós. Eu, do céu, se Deus quizer, estarei velando por vocês. Do pai, marido e filho desesperado, Milton Terra Verdi”.

As lágrimas voltaram com singular intensidade. E no entardecer daquela selva, o silêncio não era total. Os soluços de Milton, confundiam-se com o leve farfalhar da folhagem.

“Quinta-feira — 8.9.60 — Dia da minha padroeira, Nossa Senhora Aparecida. Dia do meu aniversário de casamento, do meu pai e de minha irmã, dia de festa em casa. Esta madrugada choveu, deu para beber um pouco de água. Pena que o Augusto não resistiu, talvez se salvasse. Estou pedindo à Nossa Senhora que nos leve para casa hoje, para podermos fazer o sepultamento. Deus que o tenha em bom lugar: morreu como homem.

11 horas — Agora que a chuva está parando, deu para eu beber bastante água e juntar uns 8 litros na lata. Que farei com o corpo do Augusto, meu Deus? Iluminai-me a respeito. Não tenho nada com que enterrá-lo, pobre cunhado, grande amigo”.

Doze dias de provas e nenhum socorro. O que é da proteção ao vôo ou, pelo menos, do mais comezinho respeito pela vida humana? Então um avião sobe e ninguém toma conheci-

mento de sua missão, ninguém sabe de seu destino, ninguém lembra as vidas que êle conduz?

Terá havido o alarma? A certeza de que, em alguma parte, há um piloto em dificuldade, quem sabe ferido, quem sabe cadáver? Sim? E por que não as buscas, por que não instruções para encontrá-lo? Não? Como permitir o desconhecimento de um fato que, normalmente, não pode ou não deve passar despercebido às autoridades da aviação civil?

Em que país estamos, meu Deus, onde a vida humana não tem nenhum valor e onde as autoridades não cumprem o mínimo de seus mais claros e rotineiros devêres?

No dia 29 de agosto o avião desceu na selva. E’ nove de setembro e nenhuma providência. Nenhum socorro, nada.

“Sexta-feira — 9.9.60 — Hoje fará 12 dias que estamos perdidos aqui. Nunca pensei que a aviação estivesse tão desorganizada assim, a ponto de um avião ficar perdido 12 dias, sem eles ir procurar. Como é duro ficar sozinho aqui, que farei, Deus, com o corpo do meu cunhado? Sei que não pode ficar assim. Ó Jesus, iluminai-me. Fazei que chegue socorro agora cedo. O calor da tarde foi castigante. Agora me sinto um pouco mais forte, devido a água. Como é duro controlar a água, quando se tem sede. Que dia solitário, meu Deus. Como é duro ficar sozinho em um lugar deste. Rezei o dia inteirinho, já fiz várias promessas para que Deus nos tire daqui. Não suporto mais ficar aqui nesta solidão. Acabarei enlouquecendo, se Deus não me tirar daqui”.

V

-E o MILTON?
O velho Manoel Verdi, coçou a cabeça e respondeu ligeiro:

— Na Bolívia. Foi com o Augusto, sem ninguém esperar. Deixou dito, com o Manolo e com a turma do “Rancho Grande” que estará de volta dentro de sessenta dias.

E num sorriso aberto:

— Qualquer hora estará estourando por aqui, com as suas novidades, as suas brincadeiras. Não vai demorar muito. Já deve estar morto de saudade da Maria Cristina e do Miltinho. E tem o Augusto. Você sabe que o Augusto é homem

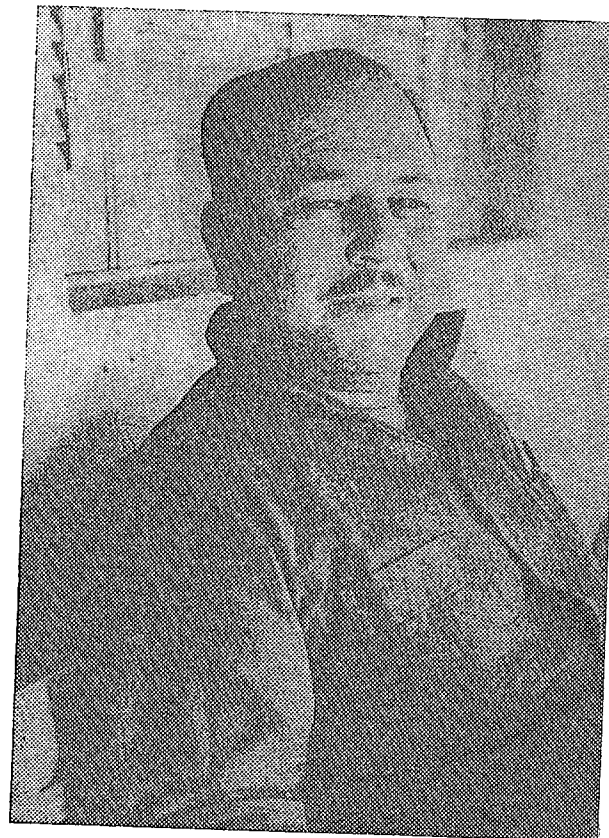
do lar, da sua casa, da sua família. Não esquentava longe de casa.

A conversa morreu aí. Manoel Verdi lembra os dois netinhos, filhos do Milton. Agora será o batizado do caçula. E, no entanto, parece que foi ontem o nascimento do filho que agora já é pai de dois sapecas.

Foi a 3 de agosto de 1934, em São José do Rio Preto, naquela casa grande da rua Boa Vista. Quando ouviu o primeiro chorinho do filho, o vagido há tanto tempo esperado, uma alegria imensa invadia o seu coração. Os olhos cheios de água, as mãos apertando as mãos da esposa feliz e compensada, só tinha pensamentos para Deus, na prece cheia de agradecimento. O filho era a benção do céu. Era a alegria geral, alegria para todos. Do lado de seus pais, era o primeiro neto que chegava. Mais um descendente dos Verdi da Itália. E um filho forte, chorão, buliçoso. O seu pai não se cansava de dizer, na conversa com os amigos, o peito estufado e os olhos muito acêsos:

— Não há neto como o meu. Bonito e esperto assim, só mesmo o Miltinho.

Depois foi o batizado, dez dias após, na Igreja de Nossa Senhora Aparecida. Houve festa, bolos e doces, vinho bom italiano. Os padrinhos foram os avós maternos, contentíssimos pela escolha: Dídimo Terra e Carmem Sodré Terra. Mais um homem na família, um machinho para continuar a tradição. Descendente dos distantes Verdi italianos e dos valentes Terra do Rio Grande, fiéis à tradição, à bravura e à lembrança de Ana Terra.



MANOEL DE OLIVEIRA VERDI

Agora o filho é um homem. Tem organizada a sua vida, tem a sua mulher, os seus filhos, a sua própria responsabilidade. Faz o que quer, pensa o que quer, fala o que deseja. Nestas horas, estará por alguma parte da Bolívia, com aquêles seu temperamento extrovertido, aquelas suas gargalhadas compridas e sadias, aquêles seu ânimo forte.

— E, ontem, cabia inteiro nos meus braços!

“Sábado — 10.9.60 — O dia amanheceu muito limpo. Promete fazer muito calor. Fiz minhas orações à Ave Maria, às seis horas. Já fiz promessas a Nosso Senhor Jesus Cristo, à Nossa Senhora Aparecida, a São Judas Tadeu, a São Bom Jesus de Pirapora e a Santo Antonio, que se me tirarem com vida daqui, irei uma vez por ano, durante cinco anos, às igrejas dêles, entrarei de joelhos da porta da igreja até os seus altares, rezarei, darei graças e acenderei velas do meu tamanho, de minha mulher e de meus filhos. Deus, tende piedade de nós. Tirai-nos daqui hoje, que tenho que providenciar o sepultamento do meu querido amigo e cunhado.

10 horas — Passou bem sobre nós o avião do Loyd Aéreo Boliviano. Ai, meu Deus, que desespero em pensar que talvez seja a única chance de salvamento e ele passou tão alto e não viu os sinais que eu fiz. Ó Deus, tende piedade. Por misericórdia, Jesus Cristo!

15 horas — Passou sobre nós outro avião. Fui levantar depressa para fazer sinal mas, devido ao meu estado de fraqueza me deu tontura e me escureceu a vista, quando fiquei bom já tinha

passado. Será que ninguém vai se lembrar de nos procurar, meu Deus? À tarde fez calor. Não consigo economizar a água. Às 18 horas rezei a Ave Maria e procurei dormir, pensando se no dia de amanhã, alguém nos achasse".

Os pássaros continuam passando, em seus vôos rasteiros. Para onde irão? Onde beberão água? Agora respostas já nem adiantariam. Milton já não tem forças para enfrentar as longas caminhadas, embrenhando-se no matagal, saltando o cipoal, afastando o capim alto, pronto a defender-se de animais que apareçam ou, quem sabe de índios que habitem a região.

O que está sob a asa do avião, é um cadáver. O corpo defunto do Augusto e sob a outra asa, à sua sombra, um molambo de gente. Um rapaz envelhecido pelo sofrimento, de aspeto penoso, os cabelos sujos e desgrenhados, uma barba negra e dura. Os seus olhos têm um brilho diferente, a sua boca se contorce em ritos de desespero e mágoa. Tem muita sede e já nem sente fome. As poucas forças que lhe restam, dão apenas para esperar. Esperar, esperar, esperar sempre e ainda. Esperar um socorro que tarda e que, talvez, não chegue em tempo. Esperar um milagre de seu Deus, um milagre obrado pela intercessão dos santos de sua devoção, da sua Nossa Senhora Aparecida que não pode ter ficado insensível às suas preces e à sua confiança.

As unhas grandes estão sujas de terra e mexem nos cipós que cobrem o chão. Os dedos estão muito magros e só têm força para segurar o lapis, nos instantes nos quais, reunindo todos

os restos de fortaleza, registra no estranho diário, as suas penas.

O céu está claro. O dia é igual a outro qualquer e, no entanto, é domingo.

Milton lê o cardápio para o domingo:

"Salada mixta com frios.

Lazanha ao forno.

Arroz de forno.

Lingua frita com creme de milho".

Já não consegue sorrir. Aos tombos, dirige-se ao interior do aparelho e faz a sua anotação cotidiana:

"Domingo — 11.9.60 — Como todos os dias tenho feito, levantei às 6 horas para rezar a Ave Maria. Mas não é só essa hora que rezo, não. Tenho rezado o dia todo, a toda hora. Estou sosinho, não tenho com quem conversar, tenho a impressão que faz um ano que estou aqui. Tenho muita saudade de casa, da minha mulher, meus filhos, meus pais e meus irmãos. Tenho pensado muito nas minhas sobrinhas e na Miltis, coitadinhas tão novinhas e já sem pai. Se Deus me tirar daqui, quero cuidar delas como se fossem minhas filhas. Tenho rezado muito, para a alma do saudoso Augusto e rezado para que Deus nos tire daqui. Eu rezo muito porque tenho a impressão de estar conversando com Deus. Ó Deus, não consigo controlar a água, levo a lata à boca para molhar os lábios, quando vejo já tomei 6 ou 7 goles, preciso me controlar para não acabar logo. Todos os dias de manhã, me levanto e olho no avião para ver se serenou.

Aqui serena muito pouco: o dia que serena um pouco, pego uma camisa minha, vou enxugando o avião e torcendo a água na lata... sempre dá para aproveitar 1/2 ou 1 copo de água, pena que não serena toda noite.

10,30 horas — Meu Deus, já faz três dias e meio, ou melhor, 84 horas que o Augusto está morto... que farei, meu Deus, com o corpo? Tenho certeza que, com esse calor, até a tarde ele entrará em decomposição. Ajudai-me, Jesus, para que nos tirem hoje daqui, para que eu possa providenciar uma urna lacrada, para levá-lo para casa”.

Há uma confusão de lembranças. As recordações chegam baralhadas, disformes, confusas. Por que terá pensado naquele dia quando, menino ainda, agarrara o revólver do pai e acionara o gatilho? O tiro assustou aos da casa e ele próprio. Todos correram e, não foi sem dificuldade e muitos tremores, que informou que nada acontecera: a bala machucara apenas uma têlha. Depois vem a lembrança de “Tango”. Engraçado, pensar em “Leão” e “Tango” naquela oportunidade, naquela situação... Mas que “Tango” era um bom cavalo, era. Foi presente de um seu tio. Com quanta alegria montava o animal e, disparado, às vezes com os pais, ia visitar a Mãe Velha, a avozinha na fazenda próxima.

Uma vez, conseguira, não sem grandes dificuldades e insistentes rogos, arrancar uma permissão da mãe para, sozinho, ir pedir a bênção de Mãe Velha. Montado, fazendo jeito de adulto, o chicote firme na mão direita, saíra. Andou



Na «clareira da morte» foi encontrada uma revista em cujas páginas Milton escrevia cardápios, receitas de bôlos, de sorvetes etc.

três quilômetros e, para escândalo da vovôzinha, são e salvo chegou à fazenda, já consagrado como intrépido cavaleiro.

Tudo parece que aconteceu faz tanto tempo. Agora só o mato, o capim alto tremendo ao contato do vento, o cipoal no chão, o sol estalando o corpo sem vida do Augusto e... a sede. A grande e horrível sede. Sente-se desamparado. Desamparado ele que, toda a vida, contara com os desvelos mais carinhosos da família. Casado, com as atenções permanentes da esposa. Menino, com a companhia dos pais. Em "Santo Antonio", vilarejo próximo, quando da época do nascimento da Miltis, tivera uma bronquite. Ainda recorda aquelas noites de doença e febre, de suores e medo. Noites e noites, pai e mãe ao seu lado. A mãe segurando a sua mão, dizendo-lhe palavras boas. O pai, alisando a sua testa, remexendo nos seus cabelos, prometendo passeios e brinquedos para quando sarasse.

Agora estava só. Nem mulher, nem pai, nem mãe, nem filhos. Nem mais a companhia do Augusto. Só. Absolutamente só.

"Segunda-feira — 12.9.60 — Faz 2 semanas, ou melhor, 15 dias que estamos aqui. Será que ninguém vai se lembrar de nós? O dia hoje amanheceu nublado... pedi a Deus que chovesse, pois minha água já estava no fim. Às 7 horas, depois que rezei a Ave Maria, começou a chover, chuva forte. Conseguia, desta vez, também beber bastante água e guardar uns 15 litros na lata. Para guardar essa água, dá muito trabalho. É preciso me molhar todo... estendo uma porção de roupas (camisas, calças e paletós de linho) na

asa do avião e de pouco em pouco tempo, vou torcendo essas roupas na lata. Molho-me todo e fico com receio, devido o meu estado de fraqueza, pegar uma doença forte. Passei muito frio, às 9 horas a chuva parou, troquei toda a roupa, que estava molhada e entrei no avião para me esquentar um pouco. O corpo de Augusto já está com mau cheiro, estou pedindo a Deus que nos tire hoje daqui. Meu Deus, por clemência, por caridade, por piedade, por tudo que há de mais sagrado no mundo, tirai-nos daqui, hoje, por favor”.

A tarde toda passou fria e sem sol. Esta solidão me mata. Se ao menos Augusto tivesse resistido mais um dia, não teria morrido, pois tenho muita água, agora. A noite promete ser muito fria, o que é ruim, pois não tenho cobertores e não consigo dormir com o frio”.

Os dias correm iguais. Milton, cada vez mais débil, espera socorro, chora, reza, olha o céu, aguarda chuva, sente fome e sede e frio e calor. Ainda espera, contudo. Os acontecimentos dos dias iguais, vai registrando no seu diário, a letra progressivamente mais trêmula:

“Terça-feira — 13.9.60 — Não dormi nada à noite, devido o frio. Às 6 horas, rezei a Ave Maria. Será que Deus vai nos tirar daqui hoje? Nossa Senhora Aparecida, ajudai-me.

9,15 horas — Cruzou um avião grande de Santa Cruz para Corumbá, via São José. Deu bem para eu avistá-lo, tenho certeza que a estrada de ferro não está a mais do que 20 quilômetros

daqui. Tem hora que fico com vontade de alcançá-la a pé, mas devido o mato muito fechado e meu estado de fraqueza, fico com medo de não ter forças para ir até lá.

16 horas — Passou um avião grande, bem por cima de nós, mas estava muito alto e não nos viu. Não há dúvida de que estou bem na rota de Corumbá a Santa Cruz. Se Deus fizesse um milagre de encher um tanque de gasolina, eu me salvaria”.

Nenhum momento, esqueceu ou desprezou o cunhado morto. No dia seguinte, registrava:

“Quarta-feira — 14.9.60 — Faz 7 dias que o Augusto morreu. Deveria estar rezando uma missa muito bonita e ainda estamos aqui, sem ao menos o sepultamento do corpo, que está despreendendo um mau cheiro horrível. Há 16 dias que estamos aqui. Será que ninguém vai se lembrar de nós? Estou ficando desesperado. Meu Deus, tirai-nos daqui hoje, pelo amor de tudo o que é mais sagrado no mundo, pelo amor de meus filhos.

10 horas — Cruzou um avião muito longe. Só ouvi o barulho. Depois que comecei a tomar água, tenho sentido uma fome horrorosa, muita fome mesmo tenho passado. A tarde passou monótona”.

No dia 15, Milton sentiu a fraqueza aumentar. O desânimo, a pouco e pouco, toma conta de todo o seu ser. Nem mesmo a vontade de escrever. E o que mais teria a dizer? Novidades

não há. Tudo continua igual, na monotonia das horas mortas. A sua anotação é breve e foi feita com letra tremida:

"Quinta-feira — 15.9.60 — Levantei às 6 horas, rezei a Ave Maria. Tenho rezado todos os dias às 6 horas da manhã e da tarde a Ave Maria. Rezo muito pela alma do Augusto, pela saúde de minha família e peço a Deus que nos tire daqui. Que monótonos são os dias aqui sosinho".

E no dia 16:

"Sexta-feira — 16.9.60 — Hoje fará 19 dias que estamos aqui. Será que ninguém vai se lembrar de nos procurar? Amanhã meu filho completará seis meses. Queria tanto estar com ele. Hoje faz um mês que minha filha fez três anos, faz um mês também que não os vejo. Mais um dia de desespero que passou".

VI

TANTAS vêzes escapara de morrer, trágicamente, na terra, no céu e na água, para terminar ali, esquecido, definhando, ao lado de um cadáver em decomposição, impotente para qualquer atitude. Recorda dois grandes desastres automobilísticos sofridos e dos quais saiu absolutamente ileso. Um aconteceu com um cadillac que levava sua mãe e manos, de São Paulo para a fazenda. Era noite alta, o trajeto era longo e o sono muito. Milton dormiu na direção e só foi despertar com o choque do carro de encontro a outro. Os dois automóveis ficaram bastante danificados, muitos dos seus ocupantes ficaram feridos, menos ele. Depois,

em 1956, na estrada de Presidente Prudente, após uma pescaria, lançara o seu Volkswagen embaixo de um caminhão. O carro saiu um montão de ferros retorcidos. Esposa e um casal amigo, sofreram escoriações, além de fraturas. Ele, como sempre, saiu ileso. Apenas assustado com o incidente e preocupado com o estado de saúde de seus passageiros.

Mesmo no avião, quantas vezes não brincara com o perigo? Quando tinha 19 anos de idade, arranjou uma namorada que estudava interna em um colégio de Araçatuba. Iniciou uma linha entre a sua casa e aquela cidade e antes de ali chegar, fazia tais acrobacias sobre o colégio, para chamar a atenção da namorada, que as autoridades tiveram de proibir o pouso de seu avião em Araçatuba. As viagens se tornaram fascinantes, porquanto tinha de pousar em Birigui e, de automóvel, chegar até a namorada.

Outra vez, por pouco não perdera a vida! Foi quando levou Regina e um amigo para um passeio aéreo até o Salto de Itapura. Voava tão baixo sobre a cachoeira, que por pouco não metia o avião entre os fios de alta tensão da sua usina elétrica. Indiferente ao perigo, os seus vôos eram sempre mais baixos, obrigando o assustado vigia da usina a desligar a corrente elétrica, ante cada investida do avião. Numa dessas vezes, o aparelho foi de encontro aos fios, arrebatando-os e danificando a biquilha do avião. Estivesse ligada a corrente e todos teriam morrido eletrocutados. Com o choque, o avião perdeu altura e quase se lançou à cachoeira. Com sorte e sangue frio, fez o aparelho ganhar altura. As

autoridades, revoltadas com a imprudência, quiseram tirar-lhe o "brevet".

Como seria bom tivessem tirado a sua licença de voar. Decerto não estaria ali, morrendo aos poucos, no esquecimento total. Milton se arrasta até o avião. Novas anotações no diário:

"Sábado — 17.9.60 — Hoje meu filho completa 6 meses de idade. Deus lhe dê saúde. Às 10 horas esperei que passasse o avião do "Loyd Boliviano", mas não passou. Só às 15,30 horas é que ouvi barulho de avião, mas não o vi. Não sei o que fazer. O corpo do Augusto está se decompondo, os urubús estão rondando, não quero que eles o comam. Deus, tende piedade, tirai-nos daqui para que eu possa levá-lo para casa e sepultá-lo".

E no dia seguinte:

"Domingo — 18.9.60 — Tenho rezado e pedido muito a Deus para nos tirar daqui".

O cadáver do cunhado cada vez apresentava aspeto mais triste e penoso. O mau cheiro já tomava conta de toda a clareira que agora vivia à sombra de centenas de urubus, ansiosos para chegar ao defunto. Milton, sem forças maiores, espantava as aves com pedrinhas e pedaços de pau.

"Segunda-feira — 19.9.60 — Meu Deus será que ninguém se lembra de nós? Às 8,40 passou um avião grande, bem em cima de nós e baixo. Acendi uma fogueira que tinha preparado, fiz sinais, mas infelizmente não me viram. Que desespero.

10,20 horas — *Ouvi barulho de avião grande. Será que estão nos procurando? Deus queira*".

Mas ficou no barulho que foi se perdendo, até desaparecer por completo. Mais uma esperança baldada. Milton chorou mais uma vez, entre uma oração e outra. A lembrança de sua gente, era constante. Os dias corriam vagarosos e o socorro não chegava nunca. Dormiu entre lágrimas.

"Terça-feira — 20.9.60 — Dia do aniversário da Mara Regina. Como o Augusto falou neste dia... queria passar junto de sua filha. Minha água está acabando, estou perdendo as esperanças, 23 dias de sofrimento".

Vinte e três dias de sofrimento e um mês longe dos seus queridos. A próxima anotação, revela toda a mágoa do solitário piloto:

"Quarta-feira — 21.9.60 — Hoje faz um mês que vi minha querida Regina, pela última vez. Às 7,30 horas avistei um avião que cruzou ao Norte rumo a Corumbá. Às 8,40 cruzou um avião bem em cima de nós, não muito alto, avião grande. Fiz muito sinal e pedi a Deus para que me vissem, mas não viram e foram para Santa Cruz. Sei que Santa Cruz está a 300 graus daqui, uns 50 quilômetros. Ó Deus, se eu tivesse gasolina. A água está no fim".

E no outro dia:

Quinta-feira — 22.9.60 — Às 9,10 cruzou um avião grande para Santa Cruz. À noite minha água acabou".

VII

Não era mais possível esperar. Aquelas noites insones, aqueles pressentimentos, a vontade enorme de fazer alguma coisa, o coração, sem compasso, anunciando sofrimentos próximos... A ausência de notícias, cercava todas as apreensões. Manoel de Oliveira Verdi, no dia 23 de setembro em São José do Rio Preto, desabafa para o advogado da família e seu sobrinho, Walter Dias, os seus temores.

— Já não posso esperar, Walter. Estou muito cansado, muito cansado.

O advogado procura animá-lo. Conhecendo Milton, ligado a ele por laços de parentesco e afetividade, lembra que o rapaz é mesmo estou-

vado, impulsivo. Nada aconteceria de mal. Qualquer momento, Milton e Augusto, risonhos e felizes, retornariam, após escreverem novas páginas nas suas vidas de moços audazes.

— Não, Walter. Alguma coisa me diz que eles estão em perigo.

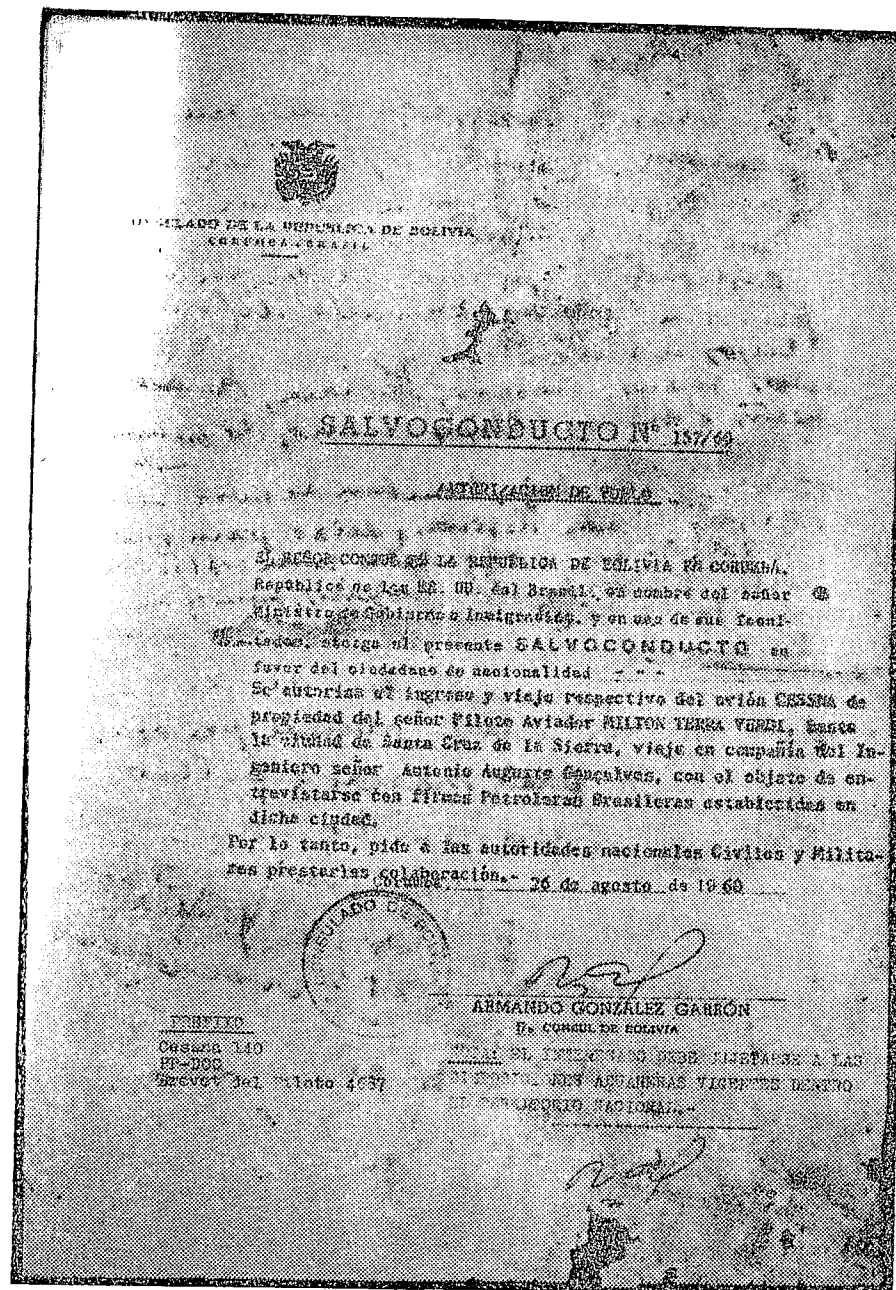
— Bem, vou agir. Logo o senhor estará tranquilizado.

No mesmo dia, Walter se encaminha à Delegacia Regional de Polícia, pedindo providências por parte daquelas autoridades junto à Quarta Zona Aérea de São Paulo, à qual está afeto o Serviço de Busca e Salvamento. Depois de ouvi-lo, o delegado encaminhou-o à Secretaria de Segurança Pública, na capital e de lá, com a devida recomendação, no dia 25 do mesmo mês, o advogado entrava em contato com a Quarta Zona Aérea, na pessoa do Tenente Ávila.

Estava iniciada a segunda odisséia do grande drama de 1960. Enquanto Milton, perdido na selva, ao lado de um cadáver, vivia instantes terríveis, toda a sua família se empenhava na luta para salvá-lo, enfrentando o maior inimigo deste país: a burocracia desumana.

“Sexta-feira — 23.9.60 — Hoje faz um mês que saímos de Rio Preto. Ó Deus, tirai-nos hoje daqui ou mande chuva”.

O Tenente Ávila era todo ouvidos. Sem apartear, ouviu todo o relato do advogado, soube dos temores da família, dos pressentimentos do pai do piloto. O que lhe pediam, não era difícil: informações de Milton Terra Verdi e Antonio



Na parte seguinte deste livro, Walter Dias explica a preocupação de Milton e Augusto por negócios de petróleo, o que se vê confirmado por este documento.

Augusto Gonçalves, se haviam entrada na Bolívia, quando e em que cidade se encontravam.

Com a promessa de atendimento rápido, o tenente Ávila apertou fortemente a mão do advogado. E três dias passaram-se, na dolorosa expectativa. Nenhuma informação, nenhuma palavra, nenhuma notícia. Tôdas as conjecturas continuavam a ser feitas. O advogado, não sem dificuldade, continuava na capital aguardando as informações solicitadas, inquieto ante a demora e preocupado pela necessidade de manter o tio informado de todos os acontecimentos.

Enquanto aguardava, Walter era procurado por terceiros que o aconselhavam a desistir da ajuda oficial, uma vez que poderia acontecer que os moços estivessem em missão de contrabando. Não recuou. Os primos não necessitariam de expedientes grosseiros para viver. Estariam a passeio ou em viagem de negócios, sem ilícitas complicações. E a espera continuava. Por que a demora? Vira o tenente Ávila transmitir, pelo telefone, à Interpol, à Polinter e ao Serviço de Busca e Salvamento, no Aeroporto de Congonhas, o seu apêlo. No dia 29, já desesperançado, entrou em novo contato com a Quarta Zona Aérea para informá-la de que fazia um mês, naquela data, que Milton e Augusto haviam entrado em território boliviano.

Seis dias depois, chegou a resposta. O "Cessna-140-PP-DOO", pilotado por Milton Terra Verdi, voou de Corumbá para Santa Cruz de la Sierra, no dia 29 de agosto, às 13,30 horas, segundo os registros da D.A.C. de Corumbá. Só. Insistiu pela necessidade de ser informado se o avião pousara ou não, na cidade da Bolívia.

A Quarta Zona Aérea voltou, mais uma vez, a prometer informar, após novos contatos que iria realizar.

* * *

O desespero vai tomando conta de Milton. Já não é aquele rapaz que todos conheceram. E' um trapo de gente, a arrastar-se por entre o capinzal, os olhos arregalados, as mãos tremendo, vencido pela sede cada vez mais impiedosa. Os seus dias se tornam cada vez mais difíceis e prolongados. Há instantes, agora, onde as esperanças desaparecem e a certeza do fim próximo e inexorável vai tomando o seu lugar, naquele pássaro abandonado no meio de uma clareira perdida do mundo e de todos esquecida. O mau cheiro do cadáver em decomposição, toma todo o ambiente. Os urubus se tornam mais agressivos e Milton está só. Sôzinho com o seu diário:

"Sábado — 24.9.60 — A sede está ficando insuportável, calor demais. Papai, venha à nossa procura. Como Deus tem sido bom para mim: hoje rezei o dia todo pedindo que chovesse. Às 15 horas choveu e deu para beber e guardar um litro".

Abandona o lapis. Está febril e treme de frio. Sente a cabeça girar e uma irresistível dôr no estomago. Entre o sono e a vigília, chega a noite. De instante a instante é acordado por sobressaltos. Nos sonhos, confusos, vê as suas pessoas queridas, a filhinha Cristina, o pequeno Miltinho nos braços de Regina: acorda chorando. E' domingo.

"Domingo — 25.9.60 — A sede era demais, a água acabou durante toda a noite passada. O dia amanheceu nublado e frio. Estou rezando e pedindo a Deus que chova. Que saudades da minha família".

O dia inteiro foi gasto na expectativa ansiosa de chuva. Embora nublado o céu, nenhum pingo de água. O domingo morreu atrás da linha do horizonte distante. Milton não sabe se dormiu simplesmente ou se desmaiou de fome, sede e frio.

"Segunda-feira — 26.9.60 — Estou pedindo a Deus que mande socorro ou chuva. 29 dias de sofrimento".

Nem socorro e nem chuva. Só sede e solidão.

"Terça-feira — 27.9.60 — Tenho muita sede. Piedade, meu Jesus Cristo. Tire-nos daqui por favor".

Por que inúteis tôdas as preces? Por que teria de pagar tão caro a sua humana condição? Por que as suas orações, de instante a instante mais fervorosas, não tocavam o céu nem sorriam diante do Deus Todo Poderoso, único capaz de arrancá-lo daquela provação que já se ia tornando insuportável?

"Quarta-Feira — 28.9.60 — Há 30 dias que estou aqui. Que sede horrorosa. Há 3 dias e 3 noites que não bebo".

A família esperava novas informações. Teria chegado a Santa Cruz de la Sierra, o "Cessna"? O silêncio foi cortado por uma manchete de jornal paulistano: "Furtaram o avião Cessna e fugiram para a Bolívia". E o texto: "A Polinter de São Paulo recebeu radiograma da autoridade policial de São José do Rio Prêto, pedindo colaboração na localização e apreensão de um avião Cessna-140 PP/DOO, ocupado por Milton Terra Verdi e Antonio Augusto Gonçalves. Esse avião foi furtado daquela cidade, de onde levantou vôo há 30 dias, rumo à Bolívia, via Corumbá e não mais foi visto. Pelas investigações procedidas pela policial local, o aparelho teria, realmente, sido furtado".

Manoel de Oliveira Verdi saltou da cadeira.
— Mentira! Infâmia.

Logo depois Walter Dias, entre veementes declarações de protesto, informava à Quarta Zona Aérea e à imprensa que a notícia não tinha fundamento, eis que o avião era da propriedade de Milton. Também a Câmara Municipal de São José do Rio Prêto, da qual ele era o vice-presidente, indignada com a calúnia, protestava contra a falsa notícia.

A imprensa ia tomando, pouco a pouco, conhecimento da tragédia. Dias depois, um vespertino publicava: "Cessna há 30 dias sumido: prosseguem as buscas". E textualmente: "A polícia paulista intensificou as buscas do Cessna de prefixo PP-DOO, que se encontra desaparecido há 30 dias. O avião levantou vôo em São José do Rio Prêto, ignorando-se, até agora, o que ocorreu com ele. A bordo, viajam os srs. Milton Terra Verdi e Antonio Augusto Gonçal-

ves, pertencentes à alta sociedade local. As primeiras notícias, enviadas pelas autoridades de São José do Rio Prêto, pediam que se procurasse localizar o aparelho. Em vista disso, julgou-se, na capital bandeirante, que o PP-DOO fôra furtado. Mais tarde, entretanto, soube-se que tudo não passara de um mal-entendido, pois o Cessna decolara para uma viagem normal".

De onde partira a notícia infame? Quais os responsáveis pelo punhado de lama jogado à família Verdi, em momento de tanta dramaticidade para todos os seus membros? Impossível saber. Impossível até mesmo averiguar a procedência da patranha, em instante tão difícil, quando a família via terminar o mês de setembro, sem uma notícia dos seus filhos.

"Quinta-feira — 29.9.60 — Estou completamente acabado. Já devo ter emagrecido uns 20 quilos. Tenho muita sede".

E no dia seguinte:

"Sexta-feira — 30.9.60 — 33 dias de desespero e sofrimento. Não resisto à sede. Estou muito fraco... vou me aprofundar no mato à procura de água. Deus, dai-me forças. Sinto que não resistirei mais".

O telefonema era interurbano e foi atendido por uma tia de Milton. A Quarta Zona Aérea informava que, de acordo com a informação de um sargento do D.A.C. de Corumbá, o "Cessna-140", estava, são e salvo, no aeroporto de Santa

Cruz de la Sierra. Manoel de Oliveira Verdi sorriu aliviado. Houve alegria naquela casa.

— Vão mesmo passar sessenta dias flanando, os marôtos. Que fiquem e se divirtam. O que importa é que estão vivos, graças a Deus.

Amigos de Milton e Augusto, comemoraram a boa nova. Mais tarde, toda a família reunida, vieram à baila as falsas informações divulgadas por certa imprensa. A avó de Milton e seus tios, Lavínia de Oliveira Verdi, Ida, Waltério, Waldemar, Waldemur, José, Walmir e Wilma, desejavam que a família adotasse uma posição diante dos boatos, de forma a resguardar o nome da família. Ficou decidido, contudo, que qualquer ação só seria adotada quando do regresso de Milton. Manoel de Oliveira Verdi estava feliz demais para pensar em apurar responsabilidades de terceiros. Voltou ao trabalho. Alguém ouviu mesmo que êle cantava. Era o homem saudável de sempre.

Aquela tranquilidade, no entanto, durou pouco. Dona Filhinha sentia, no âmago de seu coração de mãe, que os seus filhos necessitavam de socorro. Estava saudosa e queria as suas notícias. Queria, até mesmo, abreviassem o passeio, retornassem aos seus lares, para o carinho de suas famílias e os seus beijos e abraços de mãe. O marido procurava, em vão, acalmá-la. Um dia, não contendo a sua perturbação, foi até Fernandópolis e de lá telefonou para um seu irmão, Paulo Sodré Terra, residente em Niterói, pedindo entrasse em contato com o Serviço de Busca e Salvamento e por meio dêle fizesse chegar aos filhos, o seu apêlo. Ao mesmo tempo, Manoel de Oliveira Verdi solicitava as provi-

dências do SAR, do Rio de Janeiro. Talvez no Rio, as providências fossem mais rápidas e eficientes e o SAR, em contato com o Ministério do Exterior, contasse com melhores recursos para um entendimento com a Bolívia.

“Sábado — 1.10.60 — Em 9 dias e 10 noites que eu bebi água uma só vez, sábado passado. Hoje, não resistindo mais, tapei o nariz e bebi uma garrafinha de urina que misturei com um pouquinho de água velva e um pouquinho de gasolina. Bebi como se fosse laranjada. À noite, bebi outra vez urina”.

A situação se agravava. Milton definhava de forma assustadora, de momento a momento. Já não tinha forças para erguer-se e sentia-se impotente para embrenhar-se no mato, conforme desejava. No dia seguinte, confessa a sua crescente debilidade:

“Domingo — 2.10.60 — Minhas forças estão no fim... se fizer muito calor hoje, não sei se resistirei”.

A resistência continuou, no entanto. A anotação do outro dia, é menos pessimista:

“Segunda-feira — 3.10.60 — Dia das eleições no Brasil. Quando pensava que estava tudo perdido, Deus mandou chuva esta manhã. Não deu para guardar, mas sim para beber. O céu continua nublado, estou pedindo que chova mais, tenho quase certeza que nesses 2 dias o papai

virá à nossa procura. A tarde choveu novamente. Agora tenho esperança de voltar para casa”.

Por que Milton não mandava notícias? Um telegrama, um telegrama ao menos para tranquilizar os seus pais, irmãos, a sua mulher? Por que Augusto não escrevia? Não entenderiam as apreensões de seus familiares? Manoel de Oliveira é um homem obcecado pelo pensamento do filho. Sentado, na espera das notícias pedidas, fecha os olhos e relembra a infância do Milton.

Em tórno, apenas silêncio. De quando em vez, um sorriso aflora aos lábios daquele homem forte que, nos últimos dias, envelheceu anos. Parece ver o Milton no Colégio Piracicabano, cursando a primeira série ginásial. Menino inquieto, aquêle. Empolgou-se de tal forma na prática dos esportes que foi descuidando das outras obrigações escolares. O resultado veio no fim do ano e não foi de todo inesperado: reprovação. O campeão de nataçáo, não conseguiu atingir a segunda série ginásial. Não gostava de piscina e muitas vêzes desafiava os melhores nadadores, para provas nos rios Grande e Paranaíba. No ano seguinte, o remédio foi matricula-lo no Colégio Estadual de São José do Rio Preto. Foi o terror dos professores, dada a sua inconstância nos estudos. Obtinha notas altas quando se tratava de descrever paisagens, animais e rios. Numa sabatina, a professora pediu o desenho de um grupo escolar. Para hilaridade geral, Milton desenhou uma tapera à margem de um rio. Foi reprovado mais uma vez. O castigo foi não ir a Santos, como acontecia anualmente. Foram todos para a fazenda e

lá, sob a vigilância da mãe, ficou proibido de passear.

Agora está longe. E' um homem. Pai de filhos, dono de sua vida. E não manda notícias e não diminui o sofrimento dos seus. E não sente, na distância, que todos sofrem a sua ausência e que o lugar que deixou vazio, há mais de um mês, foi ocupado pelas piores apreensões. Manoel Verdi balança a cabeça e pronuncia o nome do filho. Milton, Milton...

“Terça-feira — 4.10.60 — Tenho muita fé que o papai virá hoje à nossa procura. Hó Deus fazei com que êle venha, agora tenho esperança de voltar para casa”.

E no dia seguinte:

“Quarta-feira — 5.10.60 — 38 dias de sede, fome e solidão. Rezo muito e tenho esperança. Papai, venha logo”.

VIII

QUEM seria o ladrão da carne de vaca? Na fazenda, como é costume, a carne do gado morto, por falta de geladeira para conservá-la, é retalhada e colocada ao ar livre, em varas, para que seque e não se deteriore. Tôdas as vêzes, no entanto, que Manoel de Oliveira Verdi determinava que uma de suas vacas fôsse abatida, um ou mais pedaços de carne desapareciam, misteriosamente. Pelo rastro, ficou verificado que o ladrão noturno era uma onça. E onça de proporções exageradas. Milton era um menino de 14 anos de idade mas resolveu, auxiliado por um empregado da fazenda, ir à caça. Armado de carabina, desapareceu de mato a

dentro, resolvido a trazer, como trofeu, a cabeça da onça. Quando dona Filhinha conseguiu encontrá-lo, já ia a quilômetros de casa. Trouxe-o de volta, sob reprimendas. Ordenou desarmassem a carabina. Na operação, foi atingida por uma bala no pé. O valente caçador de onça, chorava desesperadamente. Ninguém conseguia convencê-lo de que não fôra o culpado pela bala que atingira, levemente, a sua mãe e a deixara enferma.

“Quinta-feira — 6.10.60 — Minha água acabou-se toda, durante esta noite. Vai começar o martírio da sede”.

E, um dia depois:

“Sexta-feira — 7.10.60 — O dia amanheceu nublado. Estou pedindo a Deus para que chova bastante. 40 dias hoje. Faz um mês que o Augusto faleceu. Seu corpo ainda está ao meu lado, sem sepultamento, ó Deus”.

Não veio a chuva. Milton volta, mais uma vez, os olhos para os céus:

“Sábado — 8.10.60 — Tenho muita sede. Deus, dai-me água ou tire-nos daqui hoje”.

A prece não se transformou em água. A sede aumentou, o desalento também.

“Domingo — 9.10.60 — Ameaçou chuva durante a noite, mas não choveu. Sede bárbara”.

A segunda-feira não foi diferente do domingo. A sede aumentou. Milton não tira os olhos do céu.

“Segunda-feira — 10.10.60 — Novamente ameaçou chuva à noite, mas não choveu. 43 dias de sofrimento”.

Até quando duraria o martírio? Até quando teria de subir a via-crucis? Até quando teria de saldar, de forma tão ríspida, as suas faltas? Quando as orações que dirigia ao céu, tocariam o Pai?

“Terça-feira — 11.10.60 — A noite serenou. Enxuguei o avião e consegui beber um copo de água. Como é boa a água. Não tem coisa melhor... só que me deu mais sede. Que sede insuportável estou sentindo. Estou fraco demais. Deus, dai-me chuva por piedade”.

Foi no dia 24 de outubro. O SAR respondendo à pergunta feita, informava que o paradiro do “Cessna-140” era desconhecido na Bolívia. Ninguém o vira naquele país. O terror voltou ao lar dos Verdi. Sem um minuto de descanso, o chefe da família contratou os serviços do piloto Lavínio Laguna. No dia 26, partindo de Fernandópolis, no “Cessna-170”, seguiam para Corumbá, em procura das terras bolivianas.

Manoel de Oliveira Verdi sabia que as buscas eram iniciadas tarde. Mas como poderia ter sido de outra forma? Vinte e oito dias depois da viagem dos filhos, fizera a sua reclamação junto à Quarta Zona Aérea. Recebera garantias

de que as autoridades estavam investigando, auxiliadas pela Interpol. Prometia, ainda, mandar os seus aviões de socorro, a qualquer momento, iniciar as pesquisas. Prontificou-se a pagar tôdas as despesas das buscas. O tenente Ávila respondeu, através do advogado, que essas despesas correriam exclusivamente por conta do Serviço de Busca e Salvamento. A família teria apenas de pagar indenização, no caso de o Milton ter plano de vôo para a Bolívia e preferido viajar para outra região. Asseguraram, mais ainda, que os aviões fariam busca em forma de pente, inclusive com o auxílio de paraquedistas. A informação errônea de um sargento de Corumbá, teria posto tudo a perder.

O "Cessna-170", chegou a Corumbá no dia 27 de outubro. Passageiro e piloto legalizaram os seus documentos junto ao consulado da Bolívia, ouvindo do consul, algumas informações. Disseram-lhe que Milton e Augusto haviam chegado a Corumbá no dia 26 de agosto, lá permanecendo três dias, no apronto de seus documentos e do pedido de autorização para seguir viagem a Bolívia. Após as investigações de praxe, o consul autorizou a viagem e a permanência no seu país por oito dias, a fim de entrarem em contato com companhias petrolíferas. A viagem foi autorizada até Santa Cruz de la Sierra. Pelas cópias dos salvo-condutos expedidos, ficava verificado que Augusto viajava como engenheiro e Milton como piloto. Estado civil de ambos: solteiros. O pai dos rapazes não emprestou importância à qualificação errada do estado civil dos filhos, tendo em vista que, por diversas vezes, assim eles agiam, para o uso de

antigos documentos de identidade. Intrigava-o, porém, o registro do genro como engenheiro.

Saindo do consulado, dirigiu-se Manoel de Oliveira Verdi à diretoria de Aeronautica Civil (DAC) de Corumbá, obtendo os seguintes esclarecimentos:

a) que ambos estavam autorizados pelo consulado da Bolívia, em Corumbá, para ingressarem no território boliviano, por prazo de oito dias;

b) que Milton, estando com o exame médico prescrito, necessitou de novo exame, o que foi feito naquela cidade;

c) que Milton pediu autorização à DAC para voar de Corumbá para Santa Cruz de la Sierra, preenchendo para tanto uma ficha de vôo;

d) feito o plano de vôo, Milton verificou que o "Cessna-140" não tinha autonomia de vôo para alcançar Santa Cruz de la Sierra. Porém tinha autonomia para atingir San José de los Chiquitos ou campos existentes nas imediações. Foi informado, na oportunidade, que naquelas pistas não encontraria gasolina para a complementação do vôo;

e) Milton pediu lhe arranjassem um galão para levar gasolina a bordo, a fim de pousar numa daquelas pistas e reabastecer o avião, possibilitando o acesso a Santa Cruz de la Sierra;

f) que foram eles, da DAC, que emprestaram um galão de vinte litros para o transporte da gasolina;

g) que a notícia dada pelo sargento da DAC de Corumbá, de que o "Cessna-140" se encontrava em Santa Cruz de la Sierra não era verdadeira;

h) que, chegando da Bolívia, um avião da "Cruzeiro do Sul", Milton conversou com o seu comandante, de nome Cláudio, sobre as condições do tempo entre Corumbá e Santa Cruz de la Sierra, sendo informado que o tempo era bom. O comandante Cláudio, no entanto, teria advertido para que fizesse a rota Corumbá-Roboré-San José de los Chiquitos, tendo em vista que a rota Corumbá-Santa Cruz de la Sierra era perigosa, ao que respondeu Augusto: "Saiba que Milton é piloto toda a vida";

i) que a DAC não procurou dificultar o vôo, facilitando-o;

j) que a DAC não fez comunicado de vôo do "Cessna-140" quer para o Rio de Janeiro, quer para Santa Cruz de la Sierra. Assim, o vôo ocorreu sem proteção;

h) a alfândega também autorizou a viagem de ambos;

l) que Milton e Augusto, às 13,30 horas, de 29 de agosto, após se despedirem, inclusive de um amigo chamado Acary, voaram em direção ao território da Bolívia, não tendo a DAC, até aquele momento, notícia do paradeiro do avião;

m) que havia entregue a Milton a seguinte carta de recomendação:



A esquerda, Milton escreve uma receita e à direita, uma relação de «coisas de necessidade em casa», o que dá uma idéia de sua constante atividade mental, agravada pelo isolamento em que se encontrava.

*"Armas da República.
Ministério da Aeronautica.
Diretoria de Aeronautica Civil.
Corumbá, 29.08.1960*

*Meu querido amigo
Sr. Rene Artenzana
D. Sub. Diretor da Aeronautica Civil
BOLIVIA.*

*Espero que esta o encontre com muita saúde,
por aqui tudo bem, só com saudades do querido
amigo.*

*O portador deste é o sr. MILTON TERRA
VERDI, meu amigo particular o qual estimo
muito, e que vai a essa terra amiga e hospitaleira
fazendo uma visita de turismo. E aproveitando
a oportunidade do portador, para te enviar um
forte abraço, e ao mesmo tempo pedir a sua
colaboração afim de que o mesmo tenha uma
estadia feliz nessa terra irmã.*

*Sem mais receba as minhas saudades e aqui
fico às suas ordens.*

Com todo respeito e estima seu

*José de Azevedo, Administrador do Aero-
porto de Corumbá".*

** * **

*"Sábado.
Salada simples.
Arroz-feijão-bife acebolado.
Ovos assados em fôrma.
Batatas fritas.
Legumes cozidos".*

Outro homem que não Manoel de Oliveira Verdi, outra razão que não a procura de um filho e de um genro, teriam feito o fracasso da viagem. A DAC que ofereceu tôdas as facilidades para a viagem dos rapazes, obstaculou o mais que pôde a viagem de busca de seu pai. Com as côres mais sombrias, pintou um quadro sôbre o território boliviano, informando que na rota que tem como ponto de referência a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, com exceção dos povoados Roboré e San José de los Chiquitos, tudo é floresta densa e impenetrável, oferecendo os piores perigos a quem se aventurar a sobrevoá-las. Diante da decisão do passageiro, fizeram-lhe a estranha proposta, razão verdadeira para tôda aquela tétrica descrição: abandonasse os serviços de seu pilôto particular, contratasse o taxi-aéreo de um tal Pôrto. Verdi recusou. Tentaram de novo: pelo menos levasse Pôrto como piloto do seu "Cessna-170". Nova negativa. Só desistiram da insistência, diante da ameaça de que aquelas propostas seriam levadas ao conhecimento da DAC do Rio. A rota que tem como ponto de referência aquela estrada, é bastante povoada, havendo diversas pistas em pequenas cidades e fazendas.

A grande e decisiva viagem foi iniciada. Tôdas as cidades, de Corumbá a Santa Cruz de la Sierra, foram percorridas. Em muitas fazendas, o "Cessna-170" pousava para averiguações. Nas imediações da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, desde Corumbá, as pesquisas foram minuciosas. Em Roboré, a informação de que um mecânico vira um avião pequeno voando

à direita daquela cidade, rumo a San José de los Chiquitos, à tarde do dia 29 de agosto: era sem dúvida o Milton, uma vez que raramente um avião daquele porte cruzava os céus de Roboré. Informados de que no aeroporto de Roboré havia sido registrado um vento de quarenta quilômetros horário, os passageiros do "Cessna-170" concluíram que o vento soprando de norte para sul, na altura de San José de los Chiquitos, poderia ter sido violento, obrigando Milton a pousar em qualquer parte da floresta, no caso de não ter caído antes. A mata foi sobrevoada, demoradamente, à direita e à esquerda. Sul e norte.

— Milton está vivo, Laguna. Além de corajoso, é bom pilôto. O avião estava excelente quando saiu de São José do Rio Prêto. Ele seria capaz de pousar em qualquer parte, até na copa de uma árvore. Se caiu junto ao rio, eles não morrerão de fome e sede, pois a maior diversão do Milton foi sempre pescar e caçar em rios e matas de Mato Grosso, Goiás e Minas.

— Vivo, sim. Deve estar por aí.

— Tenho medo que alguma coisa tenha acontecido ao Augusto. Nos desastres, por piores que eles sejam, o Milton sai sempre ileso, enquanto o outro sofre as consequências.

Uma pausa e um silêncio. O avião roncava sôbre a floresta densa e extremamente verde. Manoel de Oliveira Verdi, falando mais para si do que para o companheiro de viagem, observou:

— Desde os 21 anos de idade que Milton falava em vir à Bolívia. Sempre me consultou sôbre essa viagem. Perguntei, muitas vezes, por

que a Bolívia. Respondia que sempre desejara conhecê-la. Para êle, só existia um lugar no mundo: a Bolívia.

“Quarta-feira — 12.10.60 — Muito relampago à noite, mas não choveu. Estou dando tudo o que tenho para voltar com vida para casa. Se não chover hoje, não sei se resistirei mais. Papai, por que não me ouve, tenho chamado o senhor toda a hora”.

IX

ENQUANTO Manoel de Oliveira Verdi chegava a Santa Cruz de la Sierra e ouvia das autoridades bolivianas que não havia qualquer notícia do paradeiro do “Cessna-140” e a declaração de que se o Brasil quando autoriza a entrada de aviões na Bolívia, comunicasse o vôo, as pesquisas jamais tardariam, amigos e familiares, no Brasil, insistiam para que o Serviço de Busca e salvamento enviasse aviões de socorro. Um irmão de dona Filhinha, por exemplo, esteve naqueles dias no Ministério do Exterior e na embaixada da Bolívia, pedindo que as buscas fôssem iniciadas.

Em Fernandópolis e São José do Rio Preto, o povo esperava, na mais completa expectativa,

quaisquer notícias. Todos confiavam numa solução favorável, num final feliz para a grande aventura. A residência dos Verdi era assaltada, dia e noite, por amigos em busca de notícias. Somente o SAR continuava indiferente. Os apêlos, àquela altura, já eram dirigidos diariamente à Força Aérea Brasileira.

O "Cessna-170" retornou a Corumbá, depois de uma viagem sem êxito. Manoel de Oliveira Verdi fôra informado de que aviões e helicópteros procuravam seu filho e com eles deveria encontrar-se na cidade matogrossense. No dia 29 de outubro, chegou a Corumbá: não encontrou ninguém.

Conheceu, naquele dia, o rapaz chamado Acary, amigo de Milton e com ele foi à residência do Dr. Manuel Moreira Neto, presidente da "Labre" naquela cidade. À noite, pelo seu rádio-amador, pediu o Dr. Manuel Moreira Neto que um colega carioca localizasse o cunhado de seu visitante no Rio, para a busca de informações. No dia seguinte, o contato foi conseguido. O SAR do Rio mandava informar que as buscas deveriam ser feitas pelo Serviço de Busca e Salvamento de São Paulo, uma vez que aquele serviço tem suas respectivas zonas de ação e o território boliviano pertencia à jurisdição paulista... Não adiantava insistir: procurasse o SAR de São Paulo.

Sentiu o pai de Milton que o jogo de empurra começara. No dia 26 de setembro pedira, por intermédio de Walter Dias, ao SAR de São Paulo, fizesse as buscas. Foi informado que elas só poderiam ser feitas, com a autorização do Rio. Agora o Rio o devolvia a São Paulo. Insistiu

para que o SAR do Rio, mandasse seus aviões à Bolívia. Entenderam errado e imaginaram que pedia para que buscas não fossem feitas, porquanto Milton e Augusto fariam contrabando de cocaína. Quando a notícia explodiu, jogaram a culpa da informação sobre o prestimoso Dr. Manuel Moreira Netto. Àquela altura, a mentira já circulava nos jornais cariocas, nos seguintes termos:

"Agora se tem uma notícia do paradeiro do Cessna-140-PP-DOO. A polícia acaba de ser informada de que os aviões não devem ir ao território boliviano, procurar o avião desaparecido desde 29 de agosto último, porque o mesmo fazia contrabando de cocaína entre a Bolívia e o Brasil. Os traficantes e ocupantes do Cessna-140 são Milton Terra Verdi e Antonio Augusto Gonçalves. A polícia já está investigando o paradeiro de ambos, para prendê-los, bem como o respectivo avião. A notícia que os dois tripulantes do "Cessna" estavam traficando entorpecentes, foi transmitida ao Rio de Janeiro pelo rádio-amador Dr. Moreira Netto, de Corumbá. A Delegacia de Costumes está investigando a vida pregressa daqueles dois traficantes de cocaína".

Se as autoridades cruzavam os braços, no momento de procurar um avião desaparecido com dois tripulantes, agia com rapidez para investigar mentiras. A Delegacia de Costumes de São Paulo iniciou investigações sobre o "contrabando de entorpecentes", enviando a São José do Rio Preto, à sua Delegacia Regional de Polícia, o radiograma 5.603, solicitando informações sobre

as ocupações e antecedentes dos moços. Informaram-lhe que ambos dedicavam-se à agricultura, trabalhavam com seus pais, não tinham antecedentes criminais, de acôrdo com o radiograma 2.603, assinado pelo delegado regional Tácito Pinheiro Machado.

Manoel de Oliveira Verdi já não ostenta aquela barba negra de dias atrás. Está velho, alquebrado e triste. Pergunta aos circunstantes, de momento a momento:

— Por que o SAR não informou logo que não faria investigações? Eu teria começado a trabalhar mais cedo.

Agora só restava ir a São Paulo. Iniciar mais um capítulo da luta para salvar os filhos.

Torta de avelãs

“Ingredientes — 4 claras, 250 gramas de açúcar, 150 gramas de avelãs descascadas, três quartos de litro de creme de chantily e 1 pitada de vanilina. Modo de fazer — Bata bem as 4 claras e vá juntando aos poucos o açúcar (250 gramas) com a pitada de vanilina. Acrescente 50 gramas de avelãs torradas e moidas. Coloque em fôrma de tortas forrada com papel impermeável em fôrno regular, até endurecer. Prepare o recheio com tres quartos de litro de creme chantilly, misturado com 50 gramas de avelãs torradas e moidas, e coloque-o sobre a massa. Enfeite com avelãs ao caramelo. Derreta ao fogo 2 colheres de açúcar até o ponto do caramelo, junte 50 gramas de avelãs torradas. Deite o caramelo sôbre mármore, esfarelando com pau de macarrão”.

Em São Paulo, Manoel de Oliveira Verdi entrou imediatamente em contato com Congonhas, acompanhado sempre por Walter Dias. No Serviço de Busca e Salvamento foi informado que as pesquisas em tôrno do paradeiro do “Cessna-140” só poderiam ser feitas pelo SAR do Rio. Dependessem essas buscas da Quarta Zona Aérea de São Paulo e os seus aviões já teriam viajado para a Bolívia. Logo depois, o velho Verdi ouvia de seu cunhado Paulo, recém-chegado do Rio, a notícia de que o SAR dali lhe garantira que as buscas teriam de ser feitas pela sua congênere de São Paulo.

Novas informações teve de prestar ao SAR carioca, para depois continuar esperando que a burocracia fôsse vencida e as autoridades pudessem ajudá-lo na missão de encontrar os seus filhos. Foi durante êsses dias de espera que Manoel de Oliveira Verdi foi informado que o seu velho e querido amigo padre Canizzio, da paróquia de São Caetano do Sul, profundamente chocado com a falsa notícia do transporte de cocaina pelos seus filhos, fôra vítima de um enfarte do miocárdio. Pobre padre Canizzio. Foi êle quem celebrou os casamentos de Milton, Augusto e Miriam, além de ter sido êle quem batizou os irmãos menores do piloto, quando residia em Fernandópolis.

Uma informação chegou. A Diretoria de Saúde da Aeronáutica enviou ao pai de Milton, o seguinte certificado de saúde do seu filho:

“República dos Estados Unidos do Brasil. Ministério da Aeronautica. Diretoria de Saúde da Aeronautica. Certificado pertencente a Milton

Terra Verdi. Pôsto: piloto privado. Expedido em 4.11.60".

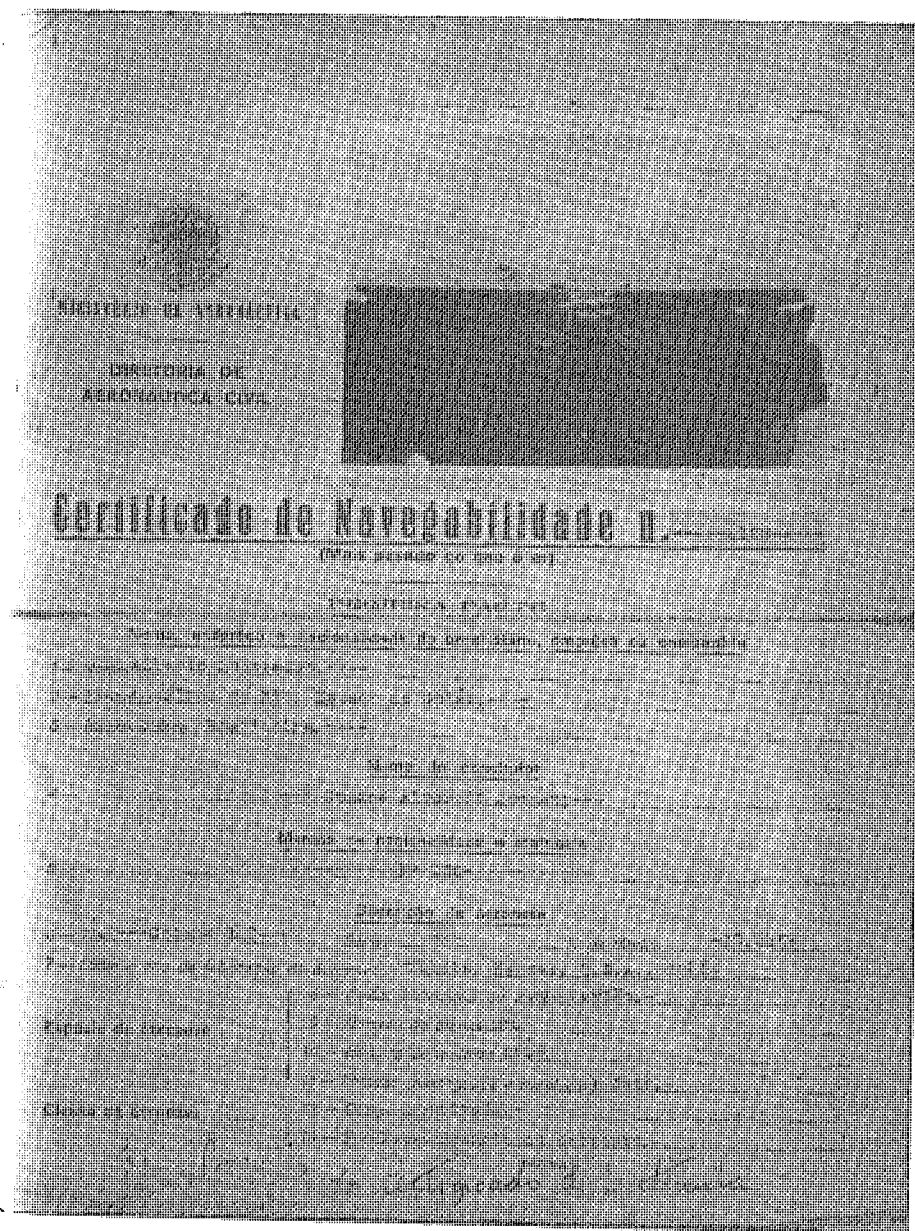
No verso do certificado, constavam os seguintes registros:

*"Junta: JES da Quarta Zona Aérea. Registro n.º 3.052 — sessão 167. Inspeccionado em 4.11.60-
Julgado: APTO. Assinado pelo presidente da Junta".*

A confusão era cada vez maior. Como Milton teria sido inspeccionado em 4 de novembro, se desde 29 de agosto se encontrava desaparecido, ausente do território nacional? Mas que valia indagar? Aquêlê era o reinado da balbúrdia, da atrapalhão, da inconsistência.

Manoel de Oliveira Verdi resolveu pedir a colaboração de seus amigos. Telefonou para Brasília, para o deputado Coutinho Cavalcanti, padrinho de casamento de Milton. Quando começava a sua narração, o parlamentar o interrompeu para informar que já estava ciente dos fatos e que, mesmo adoentado, já adotara as primeiras medidas, em contato com o Serviço de Busca e Salvamento. Desligou. No outro dia, o deputado fazia uma ligação para dizer-lhe que ficasse sossegado que havia recebido do SAR do Rio notícia informando que as buscas já estavam sendo feitas. Um momento de tranquilidade. No dia seguinte, aquela mesma informação era transmitida pelo deputado Coutinho Cavalcanti ao sr. Olavo Amorim, tio de Milton.

Nesse entretanto, Verdi procurou o presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo,



Nêste certificado está a foto de Cessna 140 — PP-DOO, fabricado em Wichita, Kansas, U.S.A

Dr. Abreu Sodré, primo de sua espôsa. O parlamentar ouviu-o com atenção, pedindo retornasse à sua presença no dia seguinte, na sala da presidência do Legislativo. Ali, naquele dia, houve uma reunião, da qual participaram, além de Manoel de Oliveira Verdi e do advogado Walter Dias, os deputados Abreu Sodré, padre Godinho e Wilson Lapa. Sucederam-se os telegramas para Brasília e Rio. Ninguém conseguia falar com o Ministério da Aeronáutica. Com o deputado Coutinho Cavalcanti, já não se podia falar, tendo em vista o estado agravado de sua saúde. Para o SAR do Rio, era inútil ligar: ocupado sempre. O Serviço de Busca e Salvamento não sabia dizer outra coisa senão que tudo dependia do SAR do Rio. Novos apêlos foram feitos à INTERPOL.

Manoel de Oliveira Verdi resolve entrevistar-se com o brigadeiro comandante da Quarta Zona Aérea de São Paulo. Não foi fácil ser recebido por aquela autoridade. Deve a audiência que teve com ela, à interferência do sr. Mário Neiva, ex-diretor da Rádio Nacional. Finalmente, foi recebido.

O brigadeiro parecia informado dos acontecimentos e pediu ao Tenente Ávila, fizesse um relato das providências até então adotadas. Depois de ouvi-lo, o brigadeiro, com um mapa da Bolívia nas mãos, informou:

— Os aviões da Quarta Zona Aérea estão na Base Aérea de Cumbica, prontos para decolar há muito tempo, rumo ao território da Bolívia, na procura do "Cessna-140". Para fazer essas bus-

cas, no entanto, dependo de ordens do Rio. Logo que elas cheguem, providenciarei tudo.

Depois, calmamente, sem perder a sua solemnidade e o seu ar superior, informou conhecer a região onde o "Cessna" deveria ter pousado e podia informar que era região extremamente perigosa. Não acreditava dela pudesse alguém sair com vida. E, não atentando para o sofrimento que as suas palavras causavam naquele pai cansado, o brigadeiro, continuou, para dizer que ali habitavam índios ferozes e que se até aquele momento, Milton e Augusto não haviam dado notícias, ficasse certo de que ambos já haviam morrido.

Vencido, o velho Verdi chorava, procurando encontrar forças e argumentos que provassem que Milton era bom piloto e não morreria tão facilmente.

Deixando a sala do brigadeiro, Manoel de Oliveira Verdi procurou o consulado da Bolívia em São Paulo, pedindo o socorro do próprio governo boliviano. O consul falou das dificuldades que o seu país atravessava, em matéria de gasolina, acrescentando que a Bolívia não possuía aviões próprios para as pesquisas e os encaminhou — Manoel de Oliveira Verdi, Walter e o deputado Wilson Lapa — ao Embaixador do seu país, no Rio.

Para a antiga capital viajava, no dia seguinte, Walter Dias, levando um ofício do presidente da Assembleia Legislativa, onde se expunha ao embaixador, todo o drama do "Cessna-140".

Chegando ao Rio à tarde, só às 20,30 horas encontrou o major Genes que marcou encontro para o dia seguinte, às 15 horas, no SAR. A

nemhã daquele dia foi gasta na Embaixada da Bolívia. Recebido pelo adido militar daquela embaixada, Coronel Frederico Casanovas, o advogado fêz o relato do caso. O estrangeiro ouviu tudo em silêncio, lamentou tudo e informou, por fim, que só o Brasil poderia encetar as buscas.

Novamente as esperanças se concentravam no SAR do Rio. Logo no início de seu encontro com o major Genes, o advogado Walter Dias ouviu dêle que a Bolívia estava procedendo tôdas as buscas. Contraditado pelo advogado, reafirmou a sua informação, dizendo-a baseada em radiograma recebido de La Paz. O Dr. Walter Dias pediu para lêr o documento e, nesse momento, entrou na sala o capitão Sena que, após ler o despacho, afirmou:

— Major, o doutor tem razão. O radiograma não diz que a Bolívia está fazendo buscas. O texto foi interpretado erroneamente.

Ainda para interpretar o texto do radiograma, chegou à sala o Tenente Floripes. Depois de vai e vens, concordaram que a Bolívia não fazia buscas. Logo em seguida e sem a menor dificuldade, informaram que os aviões brasileiros não poderiam seguir imediatamente para a Bolívia, tendo em vista que aquêle país estava vivendo dias pré-revolucionários. O advogado procurou mostrar que tudo andava calmo na Bolívia mas foi interrompido pelo oficial:

— Por um tratado assinado pelo Brasil com outros países, atinentes ao salvamento de aviões, a Bolívia é obrigada a fazer as buscas.

Novas discussões. Os oficiais conduzem Walter Dias a um mapa e mostram a posição onde

estariam desaparecidos alguns aviões brasileiros. E concluíram:

— Antes de procurar o seu “Cessna”, temos que salvar todos esses, que desapareceram por último.

Walter Dias insiste. Mostra um pequeno mapa da Bolívia, indicando a região próxima a San José de los Chiquitos. Argumenta que Milton tendo saído de Corumbá e tendo sido visto passando por Roboré rumo a San José de los Chiquitos, não teria atingido o banhado de Izozog, porquanto o seu avião não tinha autonomia de vôo suficiente.

Os oficiais balançavam as cabeças, indiferentes. Walter Dias declarou-lhes que o deputado Abreu Sodré procurava um contato pessoal com o Ministro da Aeronáutica, para um apêlo. Responderam-lhe que o SAR era autônomo e que interferência estranha não teria sentido, nem efeito... Mais: que sendo militares, não poderiam pedir ao governo Boliviano autorização para as buscas. Que tal pedido fôsse feito pela família interessada.

“Quinta-Feira, 13.10.60-Como Deus é bom. Choveu esta madrugada. Bebi e guardei uns 5 litros, não quero passar mais sede, é horrível. Deus, por piedade mande socorro”.

Manoel de Oliveira Verdi não titubeou um instante:

— Contrate um “Douglas” para as buscas.

O comandante de uma companhia particular de avião, no entanto, informava que ficariam

caríssimas as buscas num avião grande e, o que era pior, elas seriam infrutíferas, pois os aviões de carreira não têm boa visibilidade nem são aparelhados para os serviços de busca. Tivesse o velho milhões de cruzeiros, queimasse-os, porque contratando o avião, melhor resultado não teria.

Atentando para o conselho daqueles oficiais da Aeronáutica, o pai de Milton telefonou ao Coronel Frederico Casanovas, adido militar da embaixada boliviana, pedindo o auxílio da Bolívia. O coronel ficou estupefato diante das afirmações dos seus colegas brasileiros mas, atendendo à aflição daquela família, prometeu estudar a melhor maneira de encaminhar o assunto ao seu governo.

Dias e dias gastos naquela troca de palavras, ouvindo desculpas, sendo empurrados daqui para ali. No dia 12 de dezembro, ficou claro que todos estavam sendo enganados: Manoel de Oliveira Verdi, Walter Dias, os deputados Abreu Sodré e Wilson Lapa e até mesmo o parlamentar Coutinho Cavalcanti que morreu acreditando na sinceridade das autoridades de seu país...

Manoel de Oliveira Verdi viaja para o Rio. Diante de sua insistência junto ao pessoal da Aeronáutica, informaram-lhe que o capitão Caldas estava designado para prestar-lhe esclarecimentos. Por três dias, em dezenas de telefonemas, procurou fazer contato com esse capitão. Inútil. Aos seus chamados diziam ora que o assunto era da alçada do major Genes, ora da responsabilidade do capitão Sena, ora do conhecimento do Tenente Floripes. Por fim informaram que as buscas só poderiam ser iniciadas, finda uma greve geral que eclodira na Bolívia. Procurou o con-

sulado boliviano e para as suas autoridades, a notícia da greve era uma novidade. Ninguém tinha conhecimento de um movimento paredista na Bolívia. Voltou o velho Verdi ao SAR, sendo informado, então, que a Bolívia negava visto aos aviões brasileiros, para as buscas.

Nesse interim, os jornais publicavam:

“Continuam desaparecidos piloto e passageiro do Cessna que caiu em Mato Grosso”.

E, textualmente:

“Uma caravana do Serviço de Busca e Salvamento da FAB está tentando, por via terrestre, localizar o paradeiro do piloto Milton Terra Verdi e do passageiro Antonio Augusto, que se encontram a bordo do Cessna-140, acidentados em Barra dos Bugres, na Aerovia Cuiabá-Vilhena, Estado de Mato Grosso. O avião foi visto capotado em local de difícil acesso, notando os pilotos da FAB, que os tripulantes haviam deixado sinais de que não pereceram. Para localizar o aparelho acidentado, aviões da FAB totalizaram 453 horas de voo”.

Tudo equívoco. Aquêles era outro avião. Milton e Augusto voaram para território boliviano e não chegaram a descer em nenhum aeroporto. O pai de Milton volta à luta. Tenta conseguir os bons ofícios do Ministério do Exterior, para lograr permissão da Bolívia para as buscas. Telefona ao seu cunhado residente em Niterói. O homem é médico e oficial da reserva e se mostra agastado. Fornece o telefone do Dr. Wilson, do Itamarati. Não foi difícil encontrá-

lo. Êste, depois de ouvir a história que Manoel de Oliveira Verdi contava pela centésima vez, afirmou que era um carnaval o que o SAR estava fazendo e que a Bolívia não opusera o menor obstáculo às buscas.

Telefonema para o SAR:

— A Bolívia não oferece dificuldades às buscas. Permite-as.

E o capitão Sena, do outro lado:

— E'? Não acredito.

E agora? Verdi procura a imprensa, o rádio, a televisão. Conta ao povo, o seu drama. À proporção que a opinião pública vai conhecendo fatos tão graves, o SAR vai tomando conhecimento do assunto e a êle mais se dedicando.

X

MANOEL DE OLIVEIRA VERDI é um homem esmagado. A cabeça está coberta de fios brancos e todos acham que envelheceu dez anos. O seu silêncio é cheio de gravidade e fala o mínimo possível. Nos raros momentos de descanso, não separa o pensamento do filho.

Milton. O que terá acontecido com o Milton? E o Augusto? Recorda quando o filho era pequeno, magrinho. Tinha os olhos muito negros, o cabelo liso e o rosto moreno. Era irrequieto e risonho. Quando começou a andar, as suas perninhas não tinham descanso. Andava por baixo das mesas, se embarafustava por sob as camas, vasculhava tudo, quebrava o que estivesse

ao seu alcance. Vestido com calções xadrezinhos, era um pedaço de sua vida, de sua alegria, de seus dias. Quando voltava da luta, era o guri que ia recebê-lo, subindo pelas suas pernas, batendo palmas, chamando-o e acariciando-o ternamente. Lembra-se que logo o cansaço desaparecia e desapareciam as maiores e mais renitentes preocupações. Tudo dava lugar àquela alegria infantil, àquela alegria integralmente pura. Agora êle está longe. Vivo? Morto? Como gostaria de ver o tempo andar para trás. Reencontrar a infância do filho, vê-lo brincando de circo (êle era sempre acrobata ou palhaço e a entrada para o espetáculo custava cinco palitos de fósforo queimado), metido nas suas pescarias, andando de um lado para o outro, com as suas gargalhadas e a sua inconfundível alegria. Era bom o seu filho. Travesso mas de coração bom. Quando aquêle menino japonês morreu, colhido pelo automóvel, deixou como oferta, junto ao seu túmulo, o seu album de figurinhas. Era traquinas, mas bom. Quando deixou o Colégio São José, dos padres agostinianos, voltou, mais sério, mais compenetrado, melhor encaminhado. E, principalmente, mais ligado às coisas de Deus e da sua Igreja. Deixou o ginásio, formado, no Ginásio Estadual de Fernandópolis. Ah! foi engraçado aquêle dia. O traje para o baile era o de rigor, porém a sua namorada foi com vestido de passeio. Milton dançou com a sua pequena. Ordenaram que cessasse a música e lembraram-lhe a obrigatoriedade do traje a rigor. O môço não concordou com a exigência e, aos olhos de todos, de cabeça erguida, ao lado de sua namorada, deixou a festa.

Os pensamentos são interrompidos por um chamado. E' a sua esposa Filhinha que, de Fernandópolis, telefona.

— E as notícias?

— Tudo ruim. Apenas confusão.

— Continui, meu velho. Não esmoreça.

— E' tudo tão difícil.

— Deus está conosco.

— Sim... Mas...

— Fique tranquilo, não se preocupe com os negócios. Venderemos tudo, se fôr preciso, para procurar os meninos.

— Claro, Filhinha. Tudo.

Chegou dezembro. O Serviço de Busca e Salvamento, de São Paulo, exibiu um telegrama do SAR, do Rio de Janeiro, comunicando que haviam seguido dois aviões para o território boliviano, a fim de fazer as buscas. Ocorreu que, na rota entre Guaiquil e Iquitos, um "Cessna-310", procedente dos Estados Unidos, desapareceu. O SAR, do Rio, recebeu ordens para mandar dois aviões procurá-lo. Terminada essa missão, em região peruana, de volta, procurassem o "Cessna-140"... Essa informação foi transmitida a Manoel de Oliveira Verdi pelo Tenente Floripes, no aeroporto de Santa Cruz de La Sierra, no avião B-17.

— Tenente, porque o "Cessna-310" tem mais importância do que a vida de meus filhos?

— Tinha ordem para seguir diretamente para Lima. Como teria que passar com os dois aviões B-17 pela rota seguida pelos seus rapazes, chamei a atenção da tripulação para que fôsse olhando. Em dado momento, numa clareira, avistamos o "Cessna-140-PP-DOO. Tomamos nota

do prefixo, amarramos bem as coordenadas da posição da clareira e transmitimos ao Rio, com as seguintes informações: o avião estava intacto e os tripulantes haviam deixado uma seta de roupas, indicando a direção que tomaram pela mata. O avião foi localizado no dia 2 de dezembro e, pelos vestígios, há sobreviventes.

A notícia caiu com um extraordinário impacto sobre aquele homem. Refeito do primeiro choque, dirigiu-se à Quarta Zona Aérea e pediu ao Coronel Nascimento, confirmação da notícia. O coronel telefonou ao SAR do Rio e recebeu, além da confirmação, as coordenadas da clareira, enviada de fato pelo avião B-17: 18 graus e 25 minutos ao sul de San José de los Chiquitos, longitude oeste 61,55.

* * *

Milton espera. Em momentos de lucidez, recorda pedaços de seu passado. Encontra, algumas vezes, forças para sorrir, diante daquelas lembranças. Olha para o avião e vem-lhe à memória o seu primeiro dia de Aero Club. Foi em São José do Rio Preto. O seu instrutor era o piloto Aparecido Dalafini. Com quanto entusiasmo, com quanta excitação, estudava. Tinha ganas de aprender, o mais rapidamente possível, os mistérios daquele avião, as suas nuances. O desejo incontável de poder dominá-lo e ganhar altura. Logo nos primeiros vôos, ousou muito. Não sabia o que era medo. Sentia-se senhor do avião e dono de seu destino. No dia que voou com Flávio, seu primo, fez tantas peripécias que foi suspenso dos treinos por quinze dias. Aborre-

cido, resolveu prestar exames em São Carlos, onde foi brevetado, alcançando o primeiro lugar na sua turma.

O curso científico, deixara-o quando, em São Paulo, se apaixonara por uma pequena com quem, em determinado instante, desejou casar. Voltou para casa e lá, no dia de seu aniversário, ganhou o seu primeiro avião, um "Pipper". Naquele avião, naquele "seu" avião, ajudava o pai nos negócios da fazenda. Iniciou-se, então, nos segredos da arte de negociar com boi e muitas vezes foi comprar gado, por conta própria ou para o pai, em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás ou interior de São Paulo. Com o "Pipper", ia buscar compradores e levava-os de volta. Decolava em fazenda, voando baixinho, jogava bilhetes, encomendas e, algumas vezes, fazia até pagamento. Lembra-se que, de uma feita, jogou um pacote com vinte mil cruzeiros. Errou a pontaria, a encomenda caiu num canavial e não foi jamais encontrada.

Agora, estava ali. Sòzinho, ao lado de um "Cessna-140". A falta de gasolina, impedira a sua salvação. O aparelho estava em ordem mas o líquido faltava e por essa falta, quem sabe? haveria de morrer. Morrer como morreu o Augusto, coitado, agora estirado sob a asa do avião, o corpo em adiantadíssimo estado de decomposição.

Milton se encaminha para o diário e escreve:

"Sexta-feira, 14.10.60-Hoje começou a chover cedo. Foi o dia que mais choveu. Deu para encher o latão. Tenho muita fome, demais da conta. A saudade que estou sentindo de casa é

muita. Papai, venha logo que eu já estou muito fraco".

A notícia de que, finalmente, o "Cessna-140" fôra encontrado, teve a fôrça de rejuvenecer aquele homem. Manoel de Oliveira Verdi retornou aos seus melhores dias. Agitado, nervoso, já sorria com alguma felicidade. Já não lembrava a luta encetada, as tristezas, os aborrecimentos, o vai-e-vem decretado pelas autoridades, o inominável descaso delas pela vida humana. Informado de que aviões do SAR iriam para a Bolívia — dois aviões e um helicóptero — preparou as suas malas para voar junto com a tripulação. Já se via ao lado do filho e do genro, levando-os para casa, tratando dêles, aconselhando-os e, principalmente, sentindo-os vivos. Iria devolvê-los às suas mulheres e seus filhos. Depois, bem, depois trabalharia com mais sossêgo, teria a tranquilidade de antigamente.

Avisou ao SAR que, de acôrdo com o anteriormente combinado, viajaria com êles. Para surpresa, recebeu uma negativa: em avião militar, não se permite a viagem de civis.

Manoel de Oliveira Verdi não se deu por vencido. Acompanhado pelos reporteres Clécio Ribeiro e Regnier de Oliveira, do jornal "Última Hora" de São Paulo, seus companheiros de lutas nos últimos dias, viajou para São José do Rio Preto. Era 10 de dezembro quando chegou em casa. Passou o domingo com a família e à noite, chegava de Campo Grande o piloto Aparecido Dalafini, em seu taxi-aéreo. Trazia a notícia de que Milton e Augusto estavam presos na cadeia pública de San José de los Chiquitos.

Chorou de contentamento. Vivos, enfim vivos. Convidou Walter Dias para acompanhá-lo e, no dia 12 de dezembro, às 10 horas, no "Cessna-180", de Dalafini, Manoel de Oliveira Verdi, Walter Dias e Clécio Ribeiro voavam em direção a Corumbá. Um temporal obrigou o avião a pousar em Campo Grande e lá demorar-se três horas. Terminado o temporal, a viagem foi reencetada e às 17,30 horas estavam em Corumbá. Era preciso tomar providências de praxe, junto ao consulado boliviano e a DAC, de forma a não haver dificuldades. Era sempre de bom alvitre, estar prevenido contra as artimanhas da DAC.

XI

"Café da manhã — n.º 1

1 — Presuntada.

2 — Mingau de maizena.

3 — Frutas.

4 — 1 variedade de doce com queijo.

5 — Leite, café e açúcar.

6 — Pão, manteiga, bolacha e geleia".

A sorte. Estava ali a morrer de sede, enquanto toda a meninice, toda a juventude, passara junto aos rios, em grandes pescarias. Sim, porque afóra a aviação, a pescaria sempre fôra o seu esporte predileto, o seu forte. Foi em 1953, quando das férias passadas na Lagoa Santa, que

pela primeira vez pescou. Pescava e caçava na região do rio Aporé ou do rio do Peixe. Mais tarde, acompanhado pelo amigo Olinto Veltroni, saía a pescar. Certo dia, não pescaram nada e resolveram tentar a caça. Descobriram um bando de ariranhas, ariscas e ferozes, parecidas com lontras. Vários tiros inúteis. Já escurecia quando divisou, na outra margem do Aporé, algo prêso aos galhos de uma árvore. Seria uma ariranha abatida por sua arma e resolveu ir apanhá-la. Debalde foram os conselhos do amigo e as suas advertências sobre os perigos da empreitada.

— Pode haver jacarés, Milton.

— Volto já...

Nadou até a outra margem. O que seria uma ariranha, não passava de um tóco de árvore.

Pescava pelo menos duas vezes por ano — no carnaval e na Semana Santa — no rio Aporé. Acompanhado por Oswaldo Santana, Walmyr Verdi, Nelito Santana, Sylvio Lamartine Miranda, Ozório Pinto, Antonio Augusto Gonçalves, Renato Biroli, Benedito Vieira da Silva, Otoni Ernando Verdi, Ângelo Souza, enfrentavam o mato e as águas. Descia com o seu avião numa roça ou na praia. Ao decolar, entrava na água para aproveitar a maior extensão do improvisado aeroporto. Preferia o perigo dessas pousadas, quando levava no avião cinquenta ou sessenta quilos de peixes, malas e passageiro, a descer na pista da fazenda de seu amigo Oswaldo Santana, quando teria de caminhar quilômetros até atingir o rio. Quando ele estava cheio, ficava a caçar. De uma vez, demorou-se dez dias, caçando capivara, pato selvagem. Ele mesmo retalhava a caça e preparava a comida. Tinha uma predileção

especial por jacaré, o que deixava confusos os amigos, infensos àquela carne. Uma vez inesquecível, fogueou um jacaré de quase cem quilos no rio Paranaíba.

Em 1960, pescou durante o carnaval. Acompanhado de amigos, viajou pela madrugada. Quando chegou ao porto Rondon, encontrou o balseiro em greve. Há três dias que não fazia o transporte de São Paulo para Minas Gerais. Sem pestanejar, Milton apresentou o seu tio Sylvio como deputado federal, com missão urgente a cumprir em Minas Gerais e ele próprio como seu secretário. Advertiu o balseiro de que se não terminasse a greve, Sylvio conseguiria a sua demissão e encamparia o porto. O transporte foi feito. Atravessaram Minas, passando por fazendas e pastagens, encurtando o trajeto, sob chuvas constantes. Somente depois de 17 horas chegaram à margem do rio Paranaíba. Lá não havia ninguém para transportá-los. Milton deu vários tiros e gritou por mais de uma hora o nome de Abdias, seu velho amigo que vive na ilha fronteira. Somente depois de vários palavrões que lhe foram dirigidos, Abdias resolveu atender.

— Gosto de ver branco implorar os serviços deste prêto. Fique aí mais um pouco para alimentar os pernalongos mineiros.

Era noite alta quando fizeram a travessia do Paranaíba para Mato Grosso, onde acamparam numa casa de táboas, de seu amigo Caparroz.

O tempo estava horrível. Chuvas intermináveis. Foi lá que perdeu o seu cachorro, mordido por uma sucuri. Todos andavam armados, esperando o pior. À noite, contavam histórias.

Os caboclos falavam de mistérios e medo e suas "estórias" eram sempre precedidas de advertência: não se esqueçam de que o que menos vale aqui é a vida!

— Aqui sobrevive o mais forte. Uns morrem para que outros vivam. É' comum ver cadáveres rodando pelos rios. Não adianta revistar os defuntos: outros pescadores já fizeram a tarefa, rio acima.

O negro dava longas pitadas no cigarro de palha e continuava:

— Se, por infelicidade, alguém for picado por uma cobra ou atacado por animais, é melhor cuidar da alma. À noite, ninguém deve sair de casa nem para vêr a lua, pois aqui o perigo é tão grande que ela talvez venha a explodir na nossa cara. Se ouvirem barulho no telhado, é cobra caçando rato...

Tempo bom. Quando a chuva diminuiu, os peixes apareceram. Começaram a pegar piapara e dourado. A caravana de Uchoa cevou a margem do Aporé: pegou mais de quatrocentos quilos de piapara no anzol. Resolveu pescar poitado a uns cinquenta metros acima da ceva, no meio do rio. Pesca com linha larga. A água se encarregaria de levar a linha em direção à ceva. Os outros pescariam piaparás pequenas e eles as grandes. Com linha larga, jogava a carritilha e trazia enormes piracanjivas e piaparás. Nem sempre, é verdade, encontrava companhia para suas perigosas pescarias. Uma vez teve de enganar o primo Walter e o amigo Ângelo. Convidou-os para uma pescaria rápida numa prainha próximo. Saltou dentro do barco, ligou os motores e só parou ao anoitecer, rindo gostosamente.

Levara-os para bem longe, naquele rio de mais de mil metros de largura. A volta não foi fácil. Sem perder o bom humor, avisou aos companheiros:

— Vamos voltar. Se o bote virar, não larguem. O azar será se ele chocar-se com tóras, árvores ou animais mortos. Se isso acontecer, Walter, não nade para a margem, que morrerá. Deixe a água levá-lo à vontade. Ela sempre conduz aos barrancos. E você, Ângelo, como não sabe nadar, eu ajudarei.

O motor arrancou e deslisou na escuridão. Sòmente depois de três horas longas e silenciosas, o bote se aproximou do barranco de Minas Gerais. Não atendeu aos pedidos de esperar nascer o dia. Prosseguiu a difícil jornada. Subia rio acima, sempre acima.

Voltaram mais de quinze dias depois. Na chegada, prometera nova pescaria para o carnaval de 1961...

* * *

Como sempre, Corumbá começou a opor obstáculos aos viajantes: autorização do consulado, exames médicos, vistoria na alfândega, autorização do governo brasileiro, quitação com o imposto de renda. Ou, do contrário, um pulo até Cuiabá. "onde arranjarão tudo".

Walter Dias apresentou as razões da viagem. Não se tratava de turismo mas de uma emergência. Auxiliado pelo repórter Clécio Ribeiro, discutiu longamente com os responsáveis pela DAC. Acabaram permitindo a viagem, mas proibindo que ela fosse feita no taxi-aéreo do piloto paulista.

— Seu piloto está fazendo concorrência à "Cruzeiro do Sul". Vá de avião de carreira.

Não demorou e veio a proposta desonesta: pegassem um táxi-aéreo local.

— Qual a diferença?

— Muita. No taxi-aéreo seu está escrito “Taxi-Aéreo”, o que não acontece com o daqui.

Não houve acôrdo. A DAC telegrafaria à congênere do Rio, pedindo autorização para o vôo do “Cessna-180”. Os passageiros foram para o hotel.

O consul da Bolívia, no entanto, não dificultou a missão. Embora estivesse com uma filha hospitalizada, após uma intervenção cirúrgica, preparou todos os papéis. No dia seguinte, logo de manhã, todos estavam no Aeroporto de Corumbá. O plano de vôo foi feito. Dalafini pediu uma cópia da ficha: foi negada. Solicitou ao repórter Clécio, fotografasse a autorização, prova de que houvera plano de vôo. Não permitiram a foto. Examinados o avião e as malas pela alfândega, o “Cessna-180” partiu para San José de los Chiquitos, passando à esquerda de Roboré.

A descida foi normal em San José de los Chiquitos. Emocionado, Manoel de Oliveira Verdi fazia as suas primeiras indagações. Logo verificou não haver fundamento nas notícias de que Milton e Augusto estivessem presos na cadeia local. Nem tampouco haviam chegado, ainda, os aviões e o helicóptero do SAR. Nenhuma notícia do “Cessna-140” nem de aviões brasileiros. Como possuíssem as coordenadas enviadas do Rio de Janeiro, do local onde se encontrava o “Cessna-140”, logo à tarde daquele dia, o piloto Dalafini iniciou o seu vôo. Os graus e os quilômetros fornecidos pela B-17, davam sempre no banhado de Izozog.

XII

“Sábado, 15.10.60-Tenho água para beber, graças a Deus. Mas estou com a pele sobre os ossos, de tão magro. A saudade de casa e a fome são demais”.

O “Cessna-180” sobrevoava a mata. Manoel de Oliveira Verdi tinha os olhos no chão e o pensamento no filho. Milton sempre gostara de aventura. Das maiores às menores. Nas pescarias, era o mais afoito. Lutava com piracanjuva, enfrentava feras. No automóvel, perdia a noção da velocidade. No avião, com extraordinária perícia, fazia coisas incríveis. Últimamente andava pensando em explorar o ramo da pescaria. Com

o Augusto, comprara uma pequena ilha no rio Paranaíba e ali mandara construir um campo para aterrissar com o seu avião e poder transportar o peixe para São Paulo. Comprou dois novos botes e motores, contratou pescadores, discutiu preços com casas de peixe. Só deixou todos esses preparativos quando inventou a viagem da Bolívia. Dos dez anos até hoje, tem escapado de tragédias. Um dos seus primeiros acidentes ocorreu quando brincava com o seu primo Flávio, no quintal do avô, que era uma verdadeira chácara. Haviam chegado da escola. Entre inúmeras árvores do pomar, havia um velho e alto jambeiro, em cujos galhos se escondiam. Escolheram dois galhos, dizendo que eram dois aviões. Junto ao pé de jambo, uma laranjeira quase da mesma altura. Nela Milton divisou um galho que formava uma forquilha, excelente para estilingue. Não hesitou: pulou de galho em galho e chegou até a laranjeira. Sacando de sua faca, que trazia na cintura, começou a cortar o galho. Advertido por Flávio de que poderia cair, respondia com risadas. Num dado momento, perdeu o equilíbrio e foi ao chão. Horrorizado, Flávio pediu socorro, acreditando morto o primo que estava desacordado. Quando o socorro chegou, Milton estava de pé e limpava a roupa.

Com o avião, tinha ideias fabulosas. Num "Paulistinha", em viagem de Fernandópolis a Palestina, aterrissou sob um temporal forte que por pouco não arrancava o frágil avião de suas mãos. Foi auxiliado pelo amigo Sebastião Tavares que amarrou o aparelho a uma forte árvore. Como o tempo, no entanto, não amainasse, resolveu regressar de qualquer forma, procuran-

do alcançar Tanabi. À altura de Cosmorama, com o temporal cada vez mais violento, fez uma aterrissagem forçada. Passado o temporal, amarrou a cauda do aparelho a uma árvore, ordenando ao peão que, com a sua faca, cortasse a corda, ao seu sinal. Isso foi feito com precisão e a decolagem foi correta.

Agora estava ali embaixo, em qualquer parte. Com vida, decerto. Ele sempre escapava. Sempre recebia a proteção de Deus. Por que não escaparia agora, quando era casado, pai de dois filhos, tinha planos para o futuro e era procurador geral de seus negócios, cinco fazendas nos Estados de São Paulo e Mato Grosso? Escaparia, sim. Poderia continuar a ajudá-lo. Milton gostava de ajudá-lo. Não apenas na venda de bois mas em tudo. Até em política, quando foi candidato a prefeito de Fernandópolis. Voltaria vivo. Para os pais, a mulher e os filhos. Para a sua Regina, com quem fizera questão de casar-se no religioso, em 1958, quando das bodas de prata dos pais e do casamento da mana Miriam com Edmo Toro Ovídio. Até então, era casado apenas para efeitos civis.

O avião se aprofunda. Voa à direita e à esquerda, voa em pente. Manoel de Oliveira Verdi continua pensando no filho. No seu estranho e paradoxal Milton. No moço de aventuras e de coração bom, no esposo carinhoso e no jovem amigo da boemia, no negociante atilado e no tocador de violão, no menino traquinas que, sem professor nenhum, perdia horas pintando. Pintando paisagens e animais.

Era preciso encontrar Milton e Augusto. Levá-los de volta e terminar, de uma vez por todas, aquela tortura.

“Domingo, 16.10.60-A novidade do dia de hoje, foi que eu peguei um cágado com muito sacrifício. Consegui quebrar um pedaço do casco dêle e comi um bom pedaço de carne crua e sem sal, mas fez-me um bem. Senti-me mais forte. Hoje faz dois meses que não vejo meus filhos, que saudade louca”.

Walter Dias e o repórter Clécio Ribeiro tomam informações, em San José de los Chiquitos sobre os rapazes. O major boliviano, responsável pela segurança pública, declarou que há seis meses não ocorria, naquela localidade, uma só prisão. Ninguém, nem os sitiados que por ali chegavam, atarefados com as suas responsabilidades, nervosos e desconfiados, tinham notícia dos rapazes.

Procuraram os americanos evangelistas, pedindo informações sobre os índios da região. Contaram-lhes coisas sobre dois mil selvagens, mais ou menos catequizados. Informados dos objetivos do advogado e do repórter, entraram em contato, pelo rádio-amador, com os americanos missionários que se encontravam junto a tribos, pedindo notícias. A resposta veio no dia seguinte: os índios não sabiam nada. Os missionários prometeram solicitar informações dos selvagens mais bravos, dizendo que as informações talvez fossem prestadas, porquanto estavam em contato direto com eles, na luta para evitar uma guerra iminente entre duas tribus.

Nos céus, o “Cessna-180” continuava a sua demorada busca. Nada encontrou. O piloto Dalafini, o pai de Milton e um guia boliviano, tinham os olhos cansados de perscrutar o verde do matagal virgem. Três horas foram gastas nas vãs pesquisas. Quando chegou a noite, o “Cessna-180” terminou a sua missão. A sua inútil missão.

Em San José de los Chiquitos, o calor era insuportável. Das 13 às 16 horas, a temperatura subia de tal forma, que todos temiam a insolação. Pela madrugada, no entanto, o frio era intenso. Manoel de Oliveira Verdi e seus companheiros regressaram a Santa Cruz de la Sierra, para conferir as coordenadas e verificar se os aviões e helicópteros prometidos haviam chegado.

Nenhum avião. Dirigiu-se à sede do “Correio Aéreo Nacional” (CAN), sendo informado pelo sub-oficial Ananias que, realmente, haviam passado por aquela cidade dois aviões B-17, rumo ao Perú, e que um deles havia localizado o “Cessna-140-PP-DOO”, tendo deixado as coordenadas da clareira com o comandante da Base Aérea Boliviana, Coronel Castilho. Sobre novos vôos, nada sabia.

Todos, em Santa Cruz de la Sierra, acompanhavam com interesse emocionante, o drama daquele pai. Jorge Arroio, piloto que sofreu um acidente em Aquidauana, em Mato Grosso, apresentado por dona Rachel Azevedo Varlota, e cujo marido falecera naquele acidente, foi de uma gentileza muito grande. Ainda foram muito amáveis: dr. Carlos Gonzales Lack, Adan Gutierrez Hijo, a tradicional família Gutierrez, coronel Castilho e muitos outros. O apoio que, no Brasil,

era tão escasso e tão frio, na Bolívia se tornava intenso e caloroso.

No dia seguinte, na base da Força Aérea Boliviana, foi tirada a posição da clareira, de acôrdo com os dados deixados pelo avião B-17, ao coronel Castilho. Os graus e latitude indicavam o banhado de Izozog, já percorridos durante sete horas. À tarde, novo vôo. Ou melhor, novo vôo inútil. Nada de proveitoso. Através do radio amador Adan Gutierrez, que ficou conhecendo através do major boliviano Herman Moreno Roca, Manoel de Oliveira Verdi faz um contato difícil com os seus familiares de Fernandópolis, São José do Rio Preto, São Paulo, Rio e Niteroi.

As buscas eram infrutíferas. Depois de onze horas de vôo sôbre a região indicada, regressam ao Brasil o piloto Dalafini e o repórter de "Última Hora": ambos não podiam ficar à mercê da burocracia. O velho Verdi ficou acompanhado por Walter Dias. As noites eram gastas em apêlos, transmitidos pelos rádio-amadores, para que intercedessem junto ao SAR para que mandassem seus aviões e helicópteros. Quantos desses apêlos foram feitos ao SAR pelos radio-amadores Moacir Ribeiro, de Fernandópolis e Dr. Tacio Dória, de São José do Rio Preto? Tudo em vão.

Quando os apêlos se tornaram mais insistentes e partiam de todos os pontos do Brasil, o SAR mandou informar ao velho Verdi que regressasse ao Brasil e solicitasse o que pedia diretamente ao Ministro da Aeronáutica.

— Desisto da ajuda do Brasil. Vou procurar as autoridades da Bolívia.

XIII

COM uma carta do consul da Bolívia em Cumbá, Manoel de Oliveira Verdi procurou o governador de Santa Cruz. O homem o ouviu com extrema atenção. Convocou, para o dia seguinte, uma reunião, com a presença das autoridades da base aérea. Colocou à disposição daquele pai, cinquenta soldados bolivianos para as buscas, tão logo o "Cessna" fôsse localizado outra vez. Verdi arranjaría a gasolina e os seus aviões fariam as buscas. No dia seguinte, chegou do Rio a comunicação de que um avião "C-82", conduzindo um helicóptero, partira para Santa Cruz.

No dia 21 de dezembro, às 7 horas, chegava o "C-82", com a seguinte tripulação: Comandan-

te Capitão Thomaz; pilotos tenentes Gilson e Celestino; mecânico sargento Bouzada, sargento Cabral; rádio-operador sargento Conde. Do helicóptero: tenente Mota, sargento Lemgruber e auxiliar coordenador, sargento Zózimo. O B-17 localizara o "Cessna-140" no dia 2 de dezembro. No dia 21, chegava o primeiro socorro.

À tarde, o "C-82", voou em direção às coordenadas enviadas pelo "B-17", que conferiam. Foram dar em cima do banhado de Izozog. Toda tripulação estava atenta. Três horas durou a minuciosa pesquisa, assistida por Verdi. Regresso a Santa Cruz, sem êxito. Todos afirmando que a coordenada estava errada e era inútil insistir nas buscas. Voltou-se a falar com o Brasil, pelo rádio-amador, pedindo ao SAR determinasse a volta do "B-17" que localizara o "Cessna" e que se encontrava em Lima. Naquele dia, Verdi conheceu um amigo de seu sobrinho, vice-almirante Almyr, que estava de passagem para Lima e que era concunhado de um dos tripulantes do "Cessna-310", que havia caído naquêlê país. Como êle ia entrar em contato com as tripulações dos dois "B-17" que lá se encontravam e das quais faziam parte o major Genes, Capitão Sena e Tenente Floripes, Walter Dias enviou ao Capitão Sena, a seguinte carta:

"Caro Capitão Sena:

Estou com o meu tio Manoel de Oliveira Verdi aqui em Santa Cruz há uma semana. As coordenadas deixadas pelo B-17, sob o comando do Tenente Távora, dão exatamente num banhado denominado Izozog. Voamos várias horas, jun-

tamente com um piloto boliviano naquele setor. Não foi encontrado o Cessna PP-DOO. O nosso avião particular já regressou para o Brasil. Só existe uma solução: o B-17 vir a Santa Cruz novamente indicar onde está caído o Cessna, ou então mandar um dos tripulantes que conheça o local para voar num avião particular. Pelo menos esta é a instrução do Coronel da Fôrça Aérea daqui. Mostrado o avião, o governador de Santa Cruz mandará soldados ao local. Qualquer informação a respeito, favor transmitir ao sub-oficial Ananias, pelo rádio do aeroporto local".

De Lima, o vice-almirante Almyr enviou a Walter a seguinte resposta:

"Chegando a Lima procurei logo saber do capitão Sena, a fim de entregar-lhe sua carta, mas infelizmente, soube que êle já se encontrava no Rio. Por outro lado recebi a comunicação de que já se encontrava hoje em Santa Cruz de La Sierra, o avião e o helicóptero do Serviço de Busca e Salvamento que haviam prometido ao sr. Verdi, pelo que a carta que eu trouxe já perdera sua oportunidade. Por isso, faço que ela chegue de novo às suas mãos, acompanhada de meus mais sinceros votos de que, desta vez, a Busca e Salvamento do Cessna procurado se proceda com o maior êxito. Queira Deus — para quem nada é impossível — que o sr. Verdi possa vir a ter a felicidade de voltar a ver salvos seu filho e genro. São esses os desejos do amigo Almyr".

Completada a sua missão no Perú, sem que fôsse encontrado o "Cessna" desaparecido, re-

gressou para o Brasil, o segundo avião "B-17", trazendo entre a tripulação, pilotos que conheciam a posição da clareira. Fizeram escala em Santa Cruz de la Sierra, no dia 22.

"Coisas de necessidade em casa:

Creme de Leite — 10
Creme de milho verde — 10
Leite condensado — 10
Cat-chup — 3
Môlho inglês — 3
Maizena — 4
Aveia — 3
Chocolate em pó — 3
Toddy — 3
Manteiga —
Geleia de frutas — 6
Queijo mineiro — 3
Presunto e salame — 1-3
Sardinha em lata — 6
Bolacha — 1
Palmito e ervilha — 6-6
Frutas —
Refrescos — 6 suvas
Dôces — 10
Massa de tomate — 10
Vanilina — 3
Mostarda — 3
Cha mate — 4
Pimenta — 6
Canela — 6
Cravo
Azeite de Oliva — 4
Mel de abelhas — 6
Mortadela — 1".

À tarde do dia 22 de dezembro, o "B-17" que conduziu o avião "C-82" até o local, apontou a clareira. Manoel de Oliveira Verdi, trêmulo, os olhos cheios de lágrimas, grandes soluços, viu o "Cessna-140", de seu filho. Estava intato, em posição de levantar vôo. Nas imediações, peças de vestuário. Daquele local mesmo, o "B-17" prosseguiu viagem para o Rio. O pequeno avião continuou fazendo buscas, procurando os rapazes nas imediações. Não conseguiram encontrá-lo e regressaram a Santa Cruz.

Depois de muitos dias, Verdi sorria. Vira o avião de seu filho e estava possuído pela certeza de que ele e o Augusto estavam vivos em qualquer lugar. Prometeu aos rapazes da tripulação do "C-82", uma boa festa de Natal. O seu amigo Adam Gutierrez Hijo, também conhecido por Loly, colocou à sua disposição seu rádio-amador, para que a tripulação pudesse, na noite natalina, enviar às suas famílias, votos de felicidade. As mágoas estavam esquecidas. Manoel de Oliveira Verdi já não lembrava o erro das coordenadas que davam uma diferença de quarenta quilômetros do banhado de Izozog. Na mesma noite, transmitiu à família, a grande notícia:

— Eu vi o "Cessna-140".

E voltando para Walter Dias:

— Farei na minha fazenda, na passagem do ano, a maior festa da vida. Dormiu fácil e feliz. No dia seguinte desceriam de helicóptero na clareira e ali encontrariam qualquer escrito, indicando o paradeiro dos rapazes.

"Segunda-feira-17.10.60-Hoje meu filho completa 7 meses, como deve estar bonito. Já deve ter dentinhos nascidos e deve estar engatinhando. 50 dias de tormento".

Era 23 de dezembro. Mais precisamente: madrugada de 23 de dezembro. Manoel de Oliveira Verdi passeava, nervoso, braços cruzados nas costas, de um lado para o outro do aeroporto. Estava decidido a embarcar no helicóptero que, horas depois, desceria no local onde descansava o "Cessna-140".

O comandante, não sem dificuldade, procurava explicar:

— Senhor Verdi, o senhor vai me entender. Não é possível permitir a sua viagem no helicóptero. O amigo poderá viajar, mais confortavelmente, no "C-82" que dará cobertura àquele vôo até a clareira.

— Seja...

O vôo foi iniciado. Logo, a confusão foi estabelecida entre os dois aparelhos que tomaram rumos diferentes. Apesar de piloto, o velho Verdi sentia-se mal e tinha pressentimentos ruins. Pensava até que morreria durante o trajeto. Durante toda a viagem, teve de ser assistido pela tripulação. O remédio foi regressar o "C-82" a Santa Cruz, após mais de duas inúteis horas de viagem. Logo em seguida descia também o helicóptero. Sentindo os pés em terra firme, o pai de Milton viu passar a indisposição. O "C-82" e o helicóptero ergueram-se novamente e partiram para o local, somente regressando às 18 horas. Por mais de seis horas, sem interrupção, o "C-82" voara.

XIV

No aeroporto, Manoel de Oliveira Verdi aguardava novidades. De instante a instante, voltava os seus olhos para o céu. Deus não permitiria aquela tragédia. Deus devolveria os seus filhos, porque Ele é pai e infinito na Sua misericórdia. Ele precisava voltar para a sua Regina, para a sua Maria Cristina e para aquele Miltinho que nem o conhecia. Quando regressou a Fernandópolis, a mulher estava grávida. Milton não pensava e não queria outra coisa que não fôsse homem, o seu segundo filho.

— Vai ser um menino. Um menino homem...

Regina sorria. Homem ou mulher, ficaria feliz e sabia, no fundo do coração, que, menina ou menino, o nascimento de um filho traria igual alegria ao marido. Foi menino e nasceu no dia 17 de março de 1960. Milton, na sua alegria sem contrôles, jogou-se no avião e foi comunicar-lhe a boa nova em São José do Rio Preto.

— Nasceu, pai. Milton Terra Verdi Júnior.

Havia lágrimas nos seus olhos e maior maturidade na sua alegria. Agora desaparecera. Andaria pelos esconderijos daquele matagal, sofrendo fome e sede, lutando contra os elementos, na mais comprida das esperas. Por que não ouviu a voz da sensatez, quando Regina quiz removê-lo daquela viagem?

Estavam em São Paulo, onde haviam chegado no dia seguinte ao aniversário, o terceiro, da Maria Cristina (como Milton estava feliz, diante dos olhos alegres da filhinha ao receber a grande e bela boneca de louça!) e Regina tudo fizera para mantê-lo ao seu lado.

— Eu vou, Regina.

— Por que não deixa para depois?

— Tenho de ir...

— ...despache os assuntos de seu pai e depois viaja.

— Volto logo.

— Por que a Bolívia, Milton?

— Eu volto, eu preciso ir...

Não voltara até aquele dia. Voltaria, sim. Tinha certeza que ele voltaria. Deus não permitiria o contrário. Não encheria de negro a juventude daquela esposa nem enlutaria duas crianças em plena inocência. Deus não tornaria amargo o seu fim de vida nem mataria aquele

sorriso confiante de Filhinha. Voltaria, sim. Haveria de voltar.

"Terça-feira, 18.10.60-Hoje, com muito sacrifício, consegui fazer uma arapuca. Se conseguir pegar alguns pássaros para comer carne, creio que resistirei mais uns dias. Meu Deus, por que o papai não vem à nossa procura? À tarde, levantei e olhei para cima. Devido à fraqueza, eu desmaiei. 51 dias".

Cinquenta e um dias. Poucas esperanças. Ou esperanças na medida exata do resto de suas forças. No dia seguinte, a anotação é ainda mais lacônica e amarga:

"Quarta-Feira, 19.10.60-O Deus, que espera desesperadora. Será que não vou voltar vivo?"

Sentia, agora, viva e marcante, a presença da morte? Aquela despreocupação das primeiras horas, desapareceu. Também aquelas certezas de antigamente:

"Quinta-Feira, 20.10.60-Hoje cedo, tive um desmaio. Estou muito fraco".

A família, distante, parecia cada vez mais perto de seu sofrimento. No dia seguinte, todos os seus pensamentos estiveram limitados ao seu mundo familiar:

"Sexta-Feira, 21.10.60-Hoje faz dois meses que não vejo a minha querida Regina. Que saudades, meu bem. 54 dias de tormento".

Nunca foi tão estirada uma espera. Manoel de Oliveira Verdi, passa o lenço na testa suarenta, olha o relógio e suspira. Trarão Milton e Augusto de volta? Eles devem estar muito fracos, extremamente abatidos. Vão precisar de muito repouso, alimentação muito saudável, alguns meses de absoluta tranquilidade. Estarão cansados e fracos. Talvez nem seja bom para eles, o reencontro da família. Estarão em condições de enfrentar uma emoção forte?

Fecha os olhos e prevê a cena. Milton nos braços de Filhinha, Milton nos braços de Regina, Milton chorando nos bracinhos pequenos de Maria Cristina e reclinando-se, em lágrimas, sobre o berço de Miltinho. Augusto com Miltis. Augusto com os filhos. Ficarão de lado. Sempre gostou de assistir, de lado, aquelas efusões familiares. Dão-lhe a sensação exata do dever fielmente cumprido. A impressão de que soube, através de sacrifícios e lutas, dificuldades que se contam nos vincos de seu rosto envelhecido, formar uma verdadeira família, prolongando os Verdi da Itália através da união feliz com os valentes Terra do Rio Grande do Sul.

Por que aquela demora? O relógio parece quebrado, não anda, está emperrado. Confere as horas com o relógio de parede do aeroporto pobre, caiado de branco. Sim, não há engano. A mesma hora. A hora difícil, cujos minutos vão caindo, gôta a gôta, numa tortura sem fim.

“Sábado, 22.10.60-Hoje foi um dia muito monótono. Tive muitas saudades de casa”.

Depois:

“Domingo, 23.10.60-Faz hoje dois meses que saímos de Rio Prêto. Papai, por misericórdia, veja que não está certo ficar tanto tempo fóra. Venha à nossa procura. Não estou resistindo mais. Tenho rezado muito para Deus me dar forças para eu resistir. Preciso vêr minha família novamente”.

O último recurso é a fé. A esperança na misericórdia de Deus, demonstrada num milagre. Milton não desespera e confia:

“Segunda-Feira, 24.10.60-Estou com muita esperança que o papai saia hoje à nossa procura. Queiram Deus e Nossa Senhora que assim seja. 57 dias de sofrimento”.

O pai não chega. Nêle reside a salvação. Ele trará a salvação. Milton implora:

“Terça-Feira, 25.10.60.Papai, só o senhor poderá me salvar. Venha logo”.

Logo, porque o que resta de forças é um mínimo. Não há mais resistência para muitos dias. Já não é apenas a sede, já não é apenas a fome, nem aquele silêncio impregnado de murmúrio de fôlhas, de silvos de vento, de estalos misteriosos. E' todo um complexo de problemas agravados. A debilidade física acentuando-se de segundo a segundo, a perda de forças, a morte lenta. As pernas sem equilíbrio, os braços sem força, a vista que se turva, as palavras que já

saem difíceis, os pensamentos que se confundem, um barulho na cabeça, o coração pulsando em ritmo inconstante. Ninguém morre, pensa, de uma vez. Vai-se morrendo aos poucos, aos nacos. Para cada minuto, há uma morte. O fim total, é a última morte, quando várias mortes já ocorreram.

Milton já não sai do avião. O seu único movimento é segurar o lapis e escrever o seu diário:

"Quarta-feira, 26.10.60-Dia chuvoso e frio. Durante a noite fez muito frio. 59 dias".

A certeza vai se diluindo com o correr das horas e dos dias. Milton vê morrer também as suas esperanças:

"Quinta-Feira, 27.10.60-Sessenta dias de sede, fome e solidão e saudades. Papai, o que o senhor está esperando? Estou perdendo as esperanças. 60 dias de sofrimento".

Dona Filhinha não tem tranquilidade. Não consegue parar. Anda daqui para ali, na mais emocionante expectativa. Por que não chegam notícias do marido? Por que, principalmente, não chegam logo êsses meninos, pondo um ponto final naquele pesadêlo de tantos dias?

Os seus olhos pousam no olhar meigo do Jesus da estampa familiar. Ele poderá ajudá-la, mais uma vez. Lembra-se da Mãe de Deus e, sem palavras, só com o coração e o olhar enternecido e sofredor, dirige à Virgem Mãe, a sua prece:

— Pelos sofrimentos do calvário, santa, tenha piedade.

"Sexta-feira, 28.10.60 — Ó papai, há dois meses que estou neste sofrimento. Venha por favor à minha procura. O senhor é a minha única esperança. Não me abandone, venha logo porque eu estou muito fraco. 61 dias".

Não haverá lugar para um olhar de Deus, naquela selva?

"Sábado, 29.10.60 — Ó Deus, tende piedade deste seu filho que implora por compaixão, por clemência. Mandai uma salvação: quero voltar para o meu lar".

Não consegue retirar da casa, os seus pensamentos. Só pensa naqueles seres distantes: mulher, filhos, pais, irmãos, sobrinhos, parentes, amigos.

"Domingo, 30.10.60 — Que dia monótono. Hoje tive muitas saudades de casa".

O fim está próximo. Muito próximo.

"Segunda-Feira, 31.10.60 — Último dia do mês. Papai, venha por piedade. 64 dias".

A fé em Deus, é uma constante. O corpo vai morrendo aos poucos. O que resta é pouco de lucidez e uma fé que empresta àquela condição humana, a sua divina consistência:

"Terça-Feira, 1.11.60 — Dia de todos os santos. Fazei, senhores, que venha uma salvação com urgência. Quero voltar vivo para casa. Minha última esperança é que o papai sabendo que não fomos para finados, venha à nossa procura. Como o sofrimento muda o pensamento de uma pessoa. Deus, dai-me uma nova oportunidade que quero mostrar que poderei ser bom pai, bom filho, bom esposo, que até hoje não fui e um bom católico. 65 dias".

A salvação tarda. Milton é um moribundo.

"Quarta-Feira, 2.11.60 — Dia de finados e o corpo de meu cunhado assim nessa situação, não é possível. Papai minha última esperança é que o senhor saia amanhã cedo à nossa procura. Por misericórdia, papai, venha. 66 dias, muitas saudades de casa".

E se o pai não chegar?

"Quinta-Feira, 3.11.60 — Papai, se o senhor não saiu hoje à nossa procura, eu não tenho mais esperanças, pois minhas forças e minha água estão no finzinho. Finados que eu tinha tanta fé que chovesse, não choveu. 67 dias de fome, sede, solidão e saudades. Sofro muito".

Nenhuma impreciação contra Deus nem contra a sua sina. Nenhum relato de suas dores físicas que, naquela altura, não deveriam ser poucas. Apenas a vontade de voltar, a fé em Deus, a confiança no pai.

"Sexta-Feira, 4.11.60 — Ó papai, salvai-me, estou perdendo as forças e as esperanças. Creio que está chegando o fim. Minhas vistas já estão fracas. Regina, mamãe e Miltis, rezai por nós. 68 dias".

Nada.

"Sábado, 5.11.60 — Esta manhã choveu. Daria para ter recolhido uns 10 litros d'água, mas estou sem forças até para colher o precioso liquido. Consegui apenas dois litros com muito esforço. Papai, espero o senhor amanhã".

XV

E RAM 18 horas quando o "C-82" desceu. A tripulação vinha silenciosa e sem pressa.

Ninguém tinha informações a transmitir, àquele homem alquebrado e nervoso. Só o capitão poderia dizer alguma coisa. Mas ele conversava, naquele instante, com o advogado Walter Dias, em companhia do cabo Ferreira, do "CAN". Manoel de Oliveira Verdi corre ao seu encontro.

— Não conseguimos descer no local, senhor Verdi.

O homem não falou. Respeitou a exaustão daqueles homens, após duas horas de vôo da primeira viagem e seis da segunda.

A verdade, no entanto, estava sendo escondida. O helicóptero descera na clareira e sob o olhar da tripulação do "C-82", o capitão Thomaz e o tenente Mota aproximaram-se do "Cessna". Silêncio. Milton estava morto dentro do avião, deitado, o corpo inclinado para o lado esquerdo, a palma da mão apoiando o rosto, como se dormisse. E Augusto, em adiantadíssimo estado de decomposição, jazia sob a asa do "Cessna" deitado, a cabeça acomodada sobre a sua mala. Papeis caídos aos pés do piloto defunto. O capitão levantou o mapa e leu:

"Domingo, 6.11.60 — Hoje faz 70 dias que sofro aqui. Minhas forças se acabaram por completo, minhas carnes e minhas reservas de energias se esgotaram, minha pele está ficando roxa, creio que está chegando o fim. Lutei e sofri muito para resistir, mas tudo tem seu dia".

XVI

No dia 24, véspera de Natal, chegou o brigadeiro Hardiman, logo informado de que o helicóptero H.13 não tinha maior autonomia nem capacidade suficiente para o transporte dos corpos do local a Santa Cruz de la Sierra. O capitão Thomaz, por falta de ordem do SAR do Rio, não queria operar da pista chamada "Monte Verde", que ficava a cem quilômetros da clareira. O brigadeiro determinou regressassem ao Brasil, o "C-82" e o helicóptero "H.13", com as suas tripulações. Disse ao advogado que mandaria um "Douglas" e um helicóptero "H.19", para a remoção dos cadáveres. No entanto, não poderia precisar o dia em que a tripulação viria

para executar aquêlê serviço. Dela fariam parte um capitão médico, enfermeiros, mecânicos e um piloto encarregado de conduzir o "Cessna-140" até Corumbá.

Manoel de Oliveira Verdi ignorava a realidade. Acreditava que o helicóptero não conseguira pousar e que outro mais possante era esperado. Estranhava, no entanto, o murmúrio geral, as rodinhas que se formavam e os excessos de gentilezas para com êle. Inclusive, a presença constante de Walter ao seu lado. Todos procuravam ser bons para com êle, especialmente o engenheiro Carlos Gonzales Lack e sua esposa, dona Ana Maria. Procurou retribuir às amabilidades, distribuindo presentes de Natal e ficava emocionado quando ao recebê-los, os amigos, que eram pais, não conseguiam conter as lágrimas. Também êle chorou, quando os sinos de tôdas as igrejas dobravam anunciando, mais uma vez, que numa mangedoura de humildade e pobreza, nascera Jesus.

— Meus filhos estão longe. Que Natal para Augusto e Milton!

Todos, na Bolívia e no Brasil, já sabiam do desfecho do grande drama. Todos, menos o incansável pai, prêso ainda em fios de esperanças. Um avião "Douglas" e um helicóptero "H.19" chegaram, do Rio e São Paulo, respectivamente. Sem gasolina, o "H.19" permanecia em Roboré, enquanto o avião reparava uma pane sofrida em Corumbá.

Eram 14 horas quando vários amigos, acompanhados pelo Loly e Dr. Carlos, foram ao quarto 19 do hotel. Tratar-se-ia de mais uma visita de cordialidade. Sentados nas camas e outros em

pé, não demonstravam despreocupação. Falavam de problemas familiares, mortes de irmãos, cunhados e filhos. Em dado instante, Walter Dias, começou a falar:

— Tio, todos aqui são seus grandes amigos. Participaram de nosso drama.

A situação era insustentável. O Dr. Carlos interrompeu:

— Neca, você precisa ser forte e não esquecer que nada podemos contra a vontade de Deus. Ninguém se acostuma ao desaparecimento de seus entes queridos, mas recebe as decisões do céu com humildade. Deus manifesta a sua vontade, quando chega o nosso dia, que só Êle conhece.

E num jato:

— Milton e Augusto morreram.

E mais aliviado:

— Você deve perdoar por não haveremos dado a notícia desde sexta-feira, quando o helicóptero desceu no local. Achamos que o amigo não estava em condições de recebê-la. Sabemos quanto você lutou, falou, pediu e implorou nestes três meses horríveis. Amanhã, o avião e o helicóptero deverão chegar e removerão os corpos.

Manoel de Oliveira Verdi era um ancião. Debruçou-se no espaldar da cama e chorou. Chorou como só um pai chora a morte de um filho. Tôda a dor acumulada em quatro meses, explodia em lágrimas e soluços.

— Walter, como foi?

— Milton está morto dentro do avião e o Augusto do lado de fora. Morreram na queda do "Cessna"...

Ninguém descreverá os diálogos de Manoel de Oliveira Verdi, pelo rádio-amador, com a sua esposa distante.

— Volte, Manoel.

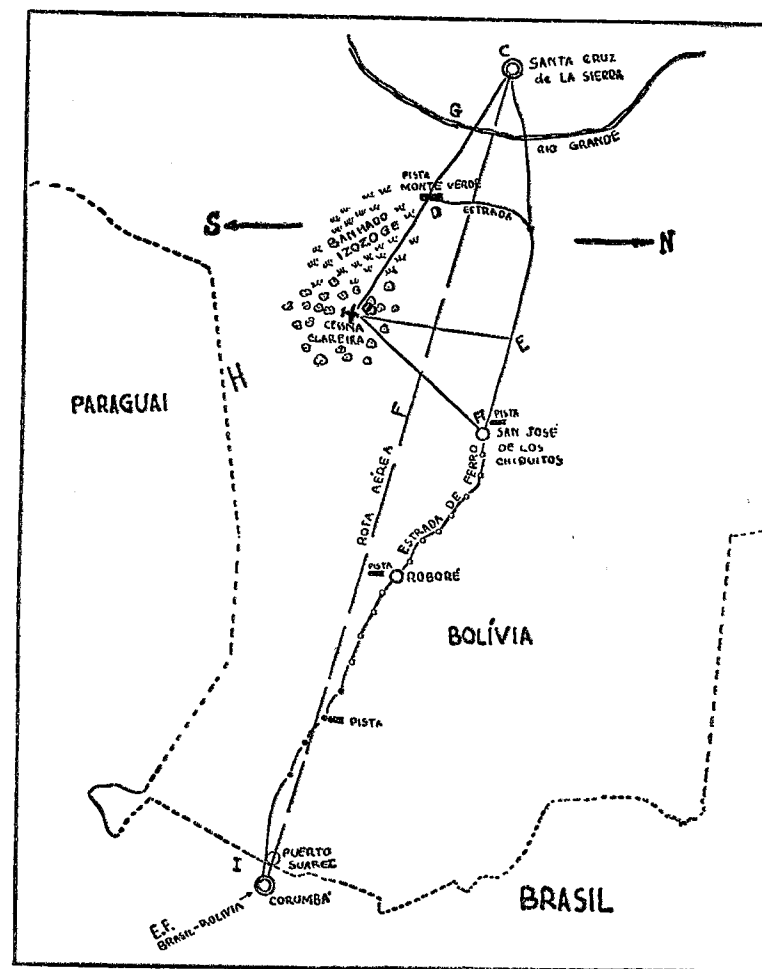
— Eles morreram, Filhinha.

A solidariedade das autoridades não aconteceu, mas findo o drama, o povo inteiro acorria em provas de amizade. Mensagens de pêsames chegavam de todo o Brasil. Radio-amadores de todo o território brasileiro e também da Bolívia, falavam de seu pesar. Telegramas e mensagens pelo rádio vinham até dos Estados Unidos, Inglaterra e África.

Oliveira Verdi, metido no seu silêncio profundo, enquanto Walter Dias, no aeroporto, aguardava o avião e o helicóptero, diante de um mapa da Bolívia, do ano de 1958, próprio para a navegação, sob a escala 1:3.000.000, copiava um gráfico.

No dia 30, chegaram as aeronaves. O "Douglas" C-47-2014, tinha a seguinte tripulação: pilotos, tenente-coronel Terra e 1.º tenente Simões; mecânico, sargento Moço; rádio-telegrafista, sargento Leite; e tripulantes: 1.º Tenente Gilson, capitão-médico Emanuel, capitão-coordenador Jacob, enfermeiro sargento Waldir e auxiliar-coordenador sargento Zózimo. A tripulação do helicóptero "H.19"-8.506: pilotos, 1.º tenentes Henrique e Lobo; mecânico sargento Albernaz; enfermeiro, sargento Cassulino.

Manoel de Oliveira Verdi não acompanha os trabalhos de remoção. Fica no hotel, sendo in-



MAPA DA REGIÃO

Pelo gráfico copiado do mapa da Bolívia, da região de Corumbá (Brasil) a Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), foram constatados os seguintes pontos e distâncias:

- A — San José de los Chiquitos
- B — Clareira onde estava o Cessna 140-PP-DOO
- C — Santa Cruz de la Sierra
- D — Pista de emergência "Monte Verde"
- E — Estrada de Ferro Brasil-Bolívia
- F — Rota Aérea
- G — Rio Grande
- H — Divisa Bolívia-Paraguai
- I — Divisa Brasil-Bolívia

DISTANCIAS

De San José de los Chiquitos (A) e o Cessna (B)	120 kms.
Do Cessna (B) a Santa Cruz de la Sierra (C)	200 kms.
Do Cessna (B) a Monte Verde (D)	100 kms.
Do Cessna (B) à Rota Aérea (F)	52 kms.
Do Cessna (B) à Estrada de Ferro (E)	110 kms.
Do Cessna (B) ao Rio Grande (G)	150 kms.
De Corumbá (I) a Santa Cruz (C) pela Rota Aérea (F)	600 kms.
De Corumbá (I) a Santa Cruz (C) pela Estrada de Ferro (E)	690 kms.

formado pelo tenente-coronel Terra. Walter providencia tudo.

A chuva torrencial impediu a viagem no dia 1.º de janeiro de 1961. No dia 2, os transportes ganharam altura. O "Douglas C-47" partiu para a pista de emergência de "Monte Verde", onde seria encontrado o helicóptero "H-19", que transportaria três tripulantes e três passageiros à clareira. Foram cem quilômetros de voo baixo, sob as rajadas de fortíssimos ventos. Walter Dias comunicou ao comandante que não prosseguiria a viagem de "Monte Verde" à clareira, no helicóptero. Dadas as péssimas condições atmosféricas, o comandante alterou os planos estabelecidos. O helicóptero iria uma só vez, levando o capitão-médico Emanuel, o capitão-coordenador Jacob e o advogado. Dois pilotos conversavam. Um deles afirmava que, há 17 anos piloto, jamais fizera voo tão difícil. O outro retrucava que piores momentos passariam sobre a floresta, onde não se divisava um buraco onde o helicóptero pudesse descer, em caso de pane. Logo depois, sobrevoavam a floresta e, durante cinquenta e cinco minutos, procuraram a clareira. Achada, o "H-19" começou a descer. Atingido o chão, começou o trabalho de remoção, recuperação dos objetos, roupas, malas. Tudo colocado no helicóptero, o "H-19" levantou voo e seguiu para "Monte Verde", às 10 horas. A ordem era para que seguissem todos naquela viagem de regresso. Entretanto, todos ficaram, permanecendo ali até às 14 horas, quando o "H-19" regressou.

Houve tempo de sobra para conhecer o ambiente, o que foi feito entre temores de ataques dos índios, possivelmente alertados pelos vãos

do avião e do helicóptero. O capitão-médico Emanuel, o capitão-coordenador Jacob e Walter Dias, viram a arapuca, cujos pequenos galhos foram quebrados, em vez de cortados; a carapaça do jabuti; tócos de cigarros fumados na primeira noite, já bem estragados pelo tempo; uma tósca cruz fincada ao lado de Augusto; folhas de abacaxizinhos mordidas; cactos destruídos; buracos onde tentaram encontrar água e onde Milton tentou sepultar o cunhado; vestígios de cinco fogueiras em vários pontos da clareira. De bichos, só um enorme jaracussu-dourado morto a tiros pelo capitão Emanuel e um filhote de jabuti, à margem da clareira, apanhado pelo capitão Jacob. Cobra, jabuti e arapuca foram conduzidos para "Monte Verde" e ali fotografados. Trilharam os caminhos percorridos por Milton, de norte para sul, de leste para oeste, sobre camadas secas de capim de campo.

Em "Monte Verde", o avião "Douglas" levou os caixões para Santa Cruz de la Sierra, onde chegaram às 18 horas. Foram conduzidos à Capela do Colégio Militar de Aviação, por gentileza do coronel Castilho. O velório foi concorrido. No dia seguinte, houve missa de corpos presentes, oficiada pelo capelão do Colégio Militar. Manoel de Oliveira Verdi não saía, um minuto, do lado dos caixões.

As certidões de óbito, expedidas dentro das formalidades legais, declaram que Antonio Augusto Gonçalves faleceu de intoxicação e inanição, no dia 7 de setembro de 1960, às 22,30 horas e Milton Terra Verdi, faleceu de inanição no dia 7 de novembro de 1960, não se registrando a

hora. Trazem as assinaturas do titular do Registro Civil, do Dr. Gutierrez, médico-legista, do governador do Estado de Santa Cruz de la Sierra e o "visto" do consul brasileiro naquela cidade. Aliás, não foi fácil conseguir esse "visto". Aborrecido porque não fôra informado do processo de pesquisas, o consul protelou o quanto pôde as suas providências. E apresentava os mais singulares motivos: jantares com amigos, ocupações outras. Sempre informando que tinha prazo de 3 dias para dar o "visto"...

No dia 4 de janeiro de 1961, foi o regresso ao Brasil, no "Douglas-C-47". O avião fez escalas e, atendendo ao pedido de dona Mariana Terra Verdi sobrevoou Fernandópolis, cuja população saiu em pêsso às ruas e praças, sem tirar os olhos do céu, o mesmo sucedendo em São José do Rio Preto, onde chegaram às 16 horas.

A cidade esperava os seus filhos, de luto. Milton e Augusto foram sepultados, lado a lado, no cemitério da cidade.

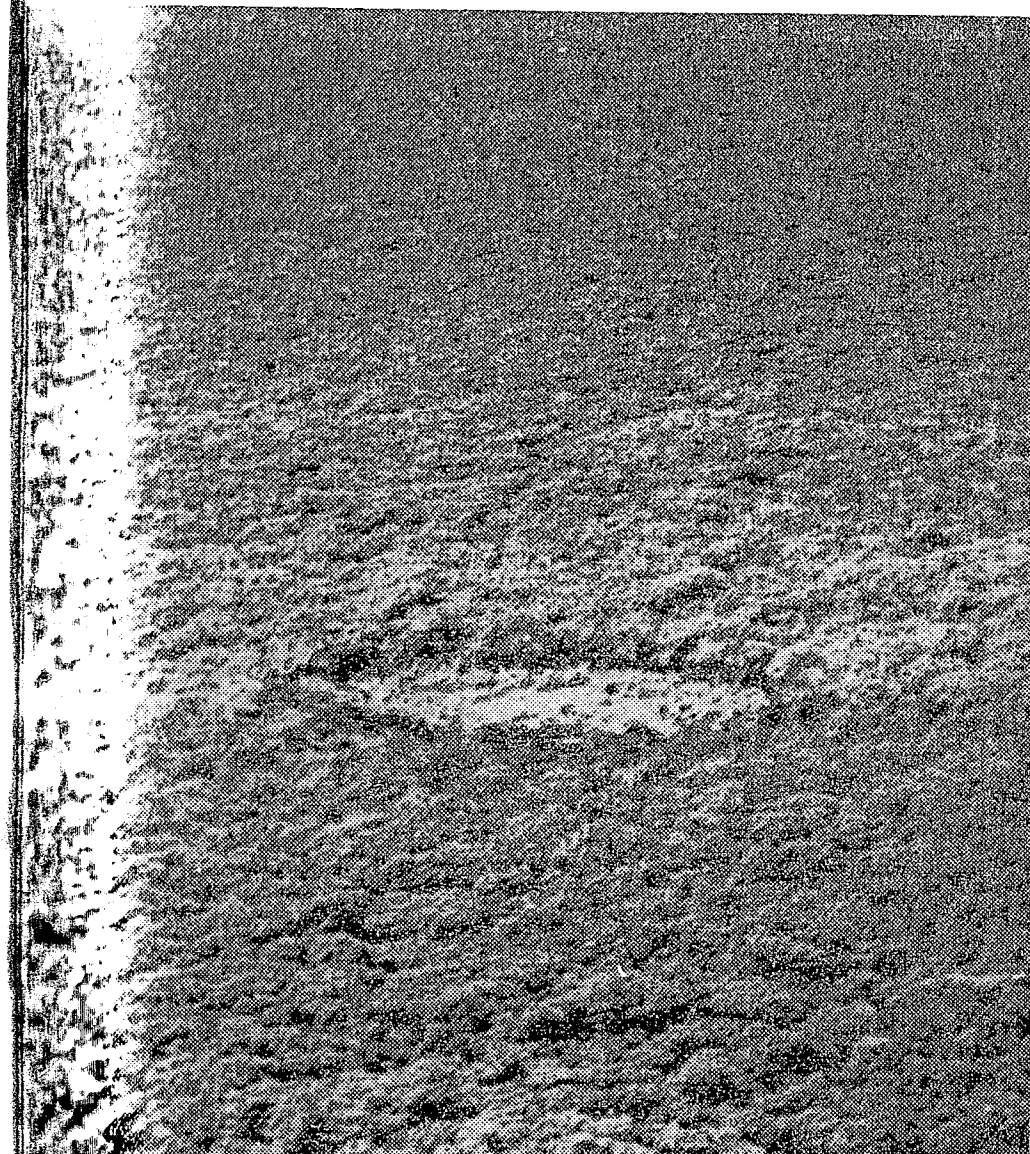
Somente uma semana após os funerais, Manoel de Oliveira Verdi conheceu o diário, lido para toda a família por Walter Dias.

**A luta de Milton e Augusto
pela sobrevivência na**

CLAREIRA DA MORTE

**por
Walter Dias**

Por esta rara fotografia obtida de um helicóptero, da fechada selva sobrevoada por Milton e Augusto e onde se vê a clareira de que se socorreram, podemos ter idéia das dificuldades encontradas por ambos e que Walter Dias procura ressaltar em seu trabalho.



O IMPRESSIONANTE fato que levou as preciosas vidas de Milton Terra Verdi e Antônio Augusto Gonçalves, apresentado através de inúmeros equívocos antes da publicação dêste livro, deu margem a interpretações inevitavelmente falsas ou errôneas não só a respeito das próprias pessoas vitimadas, como em relação a certas possibilidades de saírem com vida da chamada "clareira da morte". Teria faltado experiência ou presença de espírito a êsses jovens? Teriam subestimado suas próprias forças ou sua capacidade de resistência? Teriam se acovardado?

Tudo indica que Augusto foi vítima do desespero e num momento de alucinação ingeriu gasolina. Augusto não era piloto: não possuía, como

Milton, outros elementos de resistência ante a idéia do irremediável.

Milton Terra Verdi, porém, depois de haver usado dos recursos de suas inteligência e experiência, quando viu que começava a faltar-lhe energia física, parece que compreendeu a necessidade de resguardá-las e procurou antecipar cada ação e cada ato, de um raciocínio demorado, evitando que aquelas se esgotassem em vão. Sua resistência foi notável: setenta dias entre a sede, a fome, a inclemência do sol, a agudeza do frio e, mais que tudo, a solidão mais absoluta.

Ora, juntamente com os capitães Emmanuel e Jacob, tenentes Henrique e Lobo e sargento Albernaz, da nossa Força Aérea, pude ser testemunha dos esforços feitos para atingir e sobrevoar o local, ali descendo. Durante dias e dias em que acompanhei as buscas, ouvi a opinião dos aviadores, dos técnicos, enfim, dos entendidos, a respeito das inúmeras dificuldades e perigos que perseguem os vôos nessa rota, inexplicavelmente desprovida de pontos de socorro. Vivi juntamente com eles a impressionante visão da floresta que cerca aquêle solo hostil e agressivo. Experimentei a inclemência do sol daquelas paragens, de onde fogem até os índios e os animais, notadamente nessa época do ano. Ajudei a examinar tôdas as possibilidades de sair dali com vida, contando apenas com os recursos de que Milton e Augusto dispunham. Intentamos, mesmo, uma incursão pela mata. E, a cada minuto escoado — ali permanecemos apenas algumas horas... — foi crescendo em nossa mente precisamente o inverso de quanto pode ocorrer-

nos se apenas utilizamos a imaginação e nos encontramos distantes da realidade.

As injustiças de que foram vítimas os dois rapazes estão respondidas pelo relato do capítulo precedente, intitulado "A tragédia do Cessna 140". Mas, ainda me sinto na obrigação de fornecer ao leitor o resultado de emoções e de raciocínios que sòmente o conhecimento pessoal do local e das circunstâncias em que se viram aprisionados Milton e Augusto, permitem. Meu depoimento não tem outro objetivo que o de prestar serviço ao leitor, buscando fazer justiça à memória dos jovens e num reconhecimento que alguém haveria de registrar a todos aquêles que dêste ou daquele modo deram provas de sensibilidade e de solidariedade humana, ou dêste ou daquele modo colaboraram em favor de nossa missão.

* * *

Por falta de autonomia, Milton e Augusto voavam de Corumbá para Santa Cruz de la Sierra levando apenas um galão de vinte litros de gasolina; é que pretendiam reabastecer-se em San José de los Chiquitos, ou em pistas das imediações. Tudo perfeitamente possível, se não ocorressem anormalidades no vôo. De fato, surpreendidos por fortes ventos na rota de Roboré a San José de los Chiquitos, de 150 quilômetros, o Cessna foi empurrado para o sul dessa cidade, sobrevoando densa e inóspita mata amazonense, na imensa planície boliviana. Não possuindo ponto de referência, assemelhava-se aquela área a interminável tapete verde. O piloto, na ânsia de encontrar uma vargem onde descer para rea-

bastecer o aparelho, deve não ter observado que se encontrava desviado por muitos quilômetros, da rota certa. Adveio o desespero. Por isso, no primeiro capítulo, Milton declara haver procurado durante uma hora uma vargem para descer. O Cessna possuía gasolina para apenas mais cinco minutos de vôo, quando o seu piloto avistou a clareira como providencial solução.

Acostumado às mais difíceis peripécias no ar, conclui-se que se Milton confessa haverem êle e Augusto passado "maus momentos", é porque realmente presenciavam o fim durante a incursão sôbre a selva.

Não obstante as pequenas árvores e outros obstáculos do solo, na clareira como exímio piloto, conduziu o aparelho de tal maneira, que êle mesmo escreve: "desceram bem".

Antes haviam feito "um reconhecimento do terreno", isto é, haviam tratado de examinar os riscos da aterrissagem, como também contornaram os obstáculos naturais da clareira, tôda ela coberta por alto capim, cipós, galhos, etc., havendo estudado como se defenderem de animais selvagens, eventualmente dos índios — do alto se observam estranhos pontos donde sobe constante fumaça.

* * *

Já na terça-feira Milton fala de "sono incômodo no avião". Começam as condições desfavoráveis a maltratar o físico, o que representa uma ameaça maior. Passam as noites de vigília apenas sentados, dada a exiguidade do espaço na cabine. Não podem varar a noite fora dali, pois receiam a surpresa dos animais e dos índios.

Além disso, tornava-se necessário aumentar o pêso do aparelho, para evitar que fôsse arrastado pelos fortes ventos, pois não possuindo com que amarrá-lo, haviam feito dois pequenos buracos no chão, onde ajustaram as rodas dianteiras do Cessna.

Sòmente no dia imediato aumentou a certeza da profunda solidão do local e, examinados os pormenores, concluíram "que a possibilidade de decolagem era mínima". De fato, apenas dois terços da clareira oferecem terreno para tanto. O restante se vê obstruído por arbustos, raízes, tocos e outros obstáculos. Mesmo assim, a primeira tentativa de decolagem é feita em direção dêsses obstáculos. Houve um momento de pânico, pois correndo o Cessna a todo motor, pela margem direita da clareira, em tempo hábil Milton conseguiu arremessá-lo para a esquerda, detendo-o no outro extremo.

* * *

Pela leitura do Capítulo II do diário, vê-se que tudo quanto Milton e Augusto possuíam era "uma garrafinha de guaraná, um sanduiche e um maço de cigarros". Dêsde a saída de Corumbá não tomavam água. Para atenuar a inquietação, era natural que o único maço fôsse consumido em horas. Os que conhecem a tortura da falta de cigarros em momentos como êsse, ou apenas semelhantes a êsse, podem imaginar que um novo elemento de tortura punha à prova a resistência dos moços. Encontramos tocos duma só marca atirados de ambos os lados da cabine, o que serviu para determinarmos o local certo em que

passaram a primeira noite, a um terço da clareira, de norte para o sul. Enquanto que, em sentido contrário, do sul para o norte, também ocupando um terço da vargem, foi a posição definitiva do avião, como foi encontrado no dia 23 de dezembro de 1960.

A sede já os obrigava a preocuparem-se com a procura de água. Ao descer, haviam avistado uma vargem. Não dispunham de armas, nem de ferramentas. O aparelho de barbear foi encontrado sem lâmina. A idéia era, pois, decolar, não importando os riscos.

Numa segunda tentativa, pudemos notar que se preocuparam em arrancar com as mãos várias moitas de capim. Fizeram isso durante dias. Mas, o Cessna não decolava e ainda mais, o ruído do motor poderia estar chamando a atenção dos índios...

Por outro lado, "foi inútil", diz Milton, a tentativa de entrar na mata para procurar água. Esta é um entrelaçamento infernal de ramagens, os espinhos cobrem tudo, o cipoal vem desde o chão, com árvores baixas, de galhos grossos e fortes. O ruído do avião que ouviam do norte, indicava que este fazia a rota aérea a 52 quilômetros da clareira.

Buscando melhor preparar o campo para a decolagem, às 15 horas daquele dia, fizeram a terceira tentativa, depois a quarta e a quinta, esta sem as malas, "mas foi inútil". Foi quando se lembraram de passar água velva nos lábios, mas não a suportaram e suas bocas já estavam ressecadas.

Por fim, a noite trouxe novas esperanças com a mudança do "tempo para chuva". E no

entanto, o vento haveria de traí-los mais uma vez, mudando de posição "durante a noite e levando a chuva embora". Começaram a sentir-se uns pigmeus.

* * *

Era da técnica de Milton, quando nas fazendas não dispunha de suficiente espaço, contar com a ajuda do vento, enquanto um companheiro mantinha erguida a cauda do aparelho. Assim conseguia levantar vôo. Devem ter procedido assim, ele e Augusto, logrando Milton partir sozinho. Voou em direção à vargem antes avistada, mas logo verificou que tudo não passava de miragem. Não viu nem água, nem rio, nem nada. Mata fechada. E já havia queimado muita gasolina, restava-lhe para pouco mais de 20 minutos.

Ademais, a bruma seca da região ofusca a visão dos pilotos.

Ocorreu-lhe prosseguir, cair na mata, quem sabe salvando-se, ou para morrer. Poderia porém regressar e dar tristes notícias ao Augusto. Que fazer? Decidiu-se pela volta.

Nestas poucas horas de permanência na clareira, já se pode ter uma idéia do enorme esforço dispendido por ambos. Havia três dias e três noites que não tomavam água e se queixavam do calor. Mas, Milton consegue voar novamente às 15 horas, em busca de água. Nesta decolagem, do sul para o norte, a asa esquerda do Cessna atinge um galho seco de grande árvore, que a amassa no dorso, abrindo o alumínio na parte superior e numa extensão de uns trinta centímetros. Felizmente o galho partiu-se vencido pela

asa, e Milton pôde dominar o avião, ganhando altura ao sair pelo lado direito. Agora o vento penetrava o interior da asa pelo rombo aberto e ele não logrou permanecer no ar mais do que cinco minutos. "Estamos no meio de um deserto; há 52 horas que não comemos e não bebemos água".

Trataram daí de cavar "um buraco para ver se minava água". Logo após as primeiras camadas de terra, o chão se revelava duro. As mãos, os dedos não podiam mais. Nem com o auxílio de paus. Encontramos vários pontos perfurados. Milton escreve: "Água, palavra abençoada".

* * *

De fato, com a experiência que do mato possuía, Milton podia pressentir o líquido ali por perto, "pois existem muitos pássaros e muitos rastros de animais selvagens". Mas, os rastros eram antigos trilhos desordenados sob a mata. Para segui-los, somente rastejando. Vinham do tempo das chuvas. Quem quer que se abalas-se a tanto, chegaria com os pés e as pernas estraçalhados pelos espinhos e sem possibilidade de regresso...

Ali, nas secas os animais selvagens fogem para outras regiões, nas proximidades do rio Grande, a 150 quilômetros. Acompanham-nos os índios. Onde se encontra a clareira, impera a solidão e somente de quando em quando se vêm pássaros de largo vôo.

Assim mesmo, Milton e Augusto, levando a bússola, tentaram a perigosa incursão pela mata. "Saimos agora e não sabemos se voltaremos",

escreveu no diário, que teve o cuidado de deixar na cabine. Ainda caminharam 200 metros "no meio daquele mato fechado". Tudo em vão. Podemos acrescentar que essa mata mede às vezes uns 10 metros de altura, mas os galhos começam rentes ao chão, quase confundindo-se com as raízes descobertas, cruzam-se e se amarram entre si, misturadas a moitas, arbustos, e cipós. Há o martírio dos pernilongos.

À tarde, na clareira, êstes se tornam intoléráveis. Regressando, Milton registra: "Conseguimos voltar, estamos exaustos."

* * *

À noite a temperatura baixa consideravelmente. De madrugada vem o frio insuportável desde a cordilheira. E não possuíam nenhum agasalho. Com todos êstes elementos de tortura, registra Milton: "Temos esperanças de resistir mais dois dias".

Ainda Milton tenta embrenhar-se na mata, desta feita sozinho.

Ambos resolvem provar folhas de abacaxieiros. Encontramos centenas delas mastigadas. Vê-se que as preferiam aos cactos. As folhas dão um caldo verde, de sabor azedo, que é preciso expelir. Entretanto, eles o engoliam, tal o horror da sede. Vários caules de cacto estavam amassados e atirados à margem da clareira. Tudo isto é o que se depreende do capítulo V.

* * *

Pelo capítulo VI do diário, vê-se que Milton, possuindo experiência de incursões pela mata, prestava atenção ao cantar das saracuras ao entardecer, o que poderia indicar a existência de água por perto. Nessa mesma ocasião, porém, escreveu: "Faz exatamente 100 horas que não comemos nada e nem bebemos água". E foi quando pela primeira vez avistaram um avião.

* * *

Milton tentara em vão ingerir urina. Mas, Augusto, em momento de delírio, tomou "uma garrafa de gasolina como se fosse água". Eles a reservavam para despejar o inflamável nos montes de lenha destinados a dar sinal de socorro, dos quais encontramos todos os vestígios. Contudo, vários aviões já haviam sobrevoado o local sem notar os pedidos de socorro. Eram cinco os montes de gravetos e de lenha por nós encontrados.

* * *

Pelo capítulo XV nota-se que Milton imaginava a Estrada de Ferro Brasil-Bolívia a 20 quilômetros e tentara alcançá-la em companhia de Augusto. Em verdade, porém, tal ferrovia se encontra a 110 quilômetros. Nem mesmo "bem na rota de Corumbá a Santa Cruz", como imaginava. Estava a 52 quilômetros.

* * *

Enfim, chega-se à conclusão de que enquanto Augusto teve vida, ambos lutaram com tôdas as

fôrças pela sobrevivência. E, com o conhecimento muito grande da parte de Milton dos recursos que um sêr humano isolado na selva pode usar, essas possibilidades cresceram principalmente para êste, que pôde assim confiar melhor na sorte.

* * *

A utilização da escrita para se comunicar com o semelhante não era o forte de Milton. Ao contrário, sempre que tinha necessidade de escrever, mesmo uma simples carta, preferia encarregar alguém de fazê-lo. Sua maneira de se comunicar com o próximo era através da efusividade de palavras orais e também nas horas de lazer, através da pintura. Daí o fato do diário iniciado por êle logo nos primeiros dias de isolamento demonstrar que Milton experimentou ímpetos interiores, tão acentuados, de tal maneira martirizando-o, que o levaram a lançar mão dêste recurso, para êle extremo, a fim de sentir-se conversando com alguém. Basta notar o quanto suscinto foi em cada linha escrita. Os êrros, inclusive de datas históricas e pormenores, se devem naturalmente ao seu estado de alucinação e ao enfraquecimento paulatino da mente. Mesmo assim, e evidentemente certo do fim, é extraordinário o fato de que buscasse registrar seus últimos momentos:

"Minhas fôrças estão no fim, se fizer muito calor hoje não sei se resistirei".

* * *

A partir do capítulo XVI, Milton continua o diário no verso dum mapa do Estado de Goiás. Consumiu tôda a tinta da única caneta e continuou o trabalho com a lapiseira, último presente de sua espôsa.

* * *

No exame do local encontramos realmente a carapaça do jabuti, cujas carnes lhe serviram de alimento; vimos também outras duas carapaças cujos vestígios indicam, porém, que se tratava de jabutis mortos anteriormente e não caçados por êle, tanto que o diário nenhuma referência a respeito registra.

* * *

Não resta a menor dúvida também que tanto êle quanto Augusto atiraram-se a esta aventura levados pelo seu espírito livre, acostumados a emoções constantes, tanto no trabalho como nas diversões. O desejo de conhecerem a Bolívia e a confiança que Milton depositava em sua capacidade, levaram-no a não considerar nem seguir os desesperados rogos da espôsa, que até o último momento, como num triste pressentimento, procurou impedir que partisse, colocando-se mesmo à porta da casa para cercá-lo, nem a deter-se quando das advertências dos que conheciam a perigosa rota. E de tal maneira pressentiu o seu fim na clareira da morte, que no verso duma carta de apresentação, escrita pelo administrador do aeroporto de Corumbá, depois de ter

ESTADO DE LA REPUBLICA DE BOLIVIA
CORUMBA, BRASIL



SALVOCONDUCTO N° 157/60

EL SEÑOR CONSUL DE LA REPUBLICA DE BOLIVIA EN CORUMBA, República de los EE. UU. del Brasil, en nombre del señor Ministro de Gobierno e Inmigración, y en uso de sus facultades, otorga el presente SALVOCONDUCTO en favor del ciudadano de nacionalidad Brasileño MILTON TERRA VERDI, a quien se le autoriza el ingreso y viaje respectivo, hasta la ciudad de Santa Cruz de la Sierra, viaje efectuado con firmas petroleras. A objeto de control deberá presentarse a la Policía dentro las 24 hs de su llegada. El presente Salvoconducto es válido para el VIAJE Y RETORNO. VALIDO POR 8 DIAS.

Corumbá, 26 de agosto de 1960


ARMANDO GONZÁLEZ GARRÓN
Consul en Bolivia

RELACION

Nombre Milton Terra Verdi
Edad 26 años
Estado casado
Profesión piloto aviador
Color piel blanco
Ojos pardos
Cabellos castaños
Estatura 1.85 mts
Crt. Ident. 2017169

Art. 351 y 296
Reg. 368

reunido em sua mala todos os objetos, escreveu a seguinte recomendação a quem a encontrasse primeiro: "Esta mala e seus pertences deverão ser entregues a dona Maria Olimpia Bonassoli Verdi, Rua Coronel Espinola 3.163, São José do Rio Preto, Estado de São Paulo — Brasil".

* * *

Depois de fornecidos todos os possíveis dados que nos ocorreram a respeito dêste estranho quanto lamentável fato que enlutou várias famílias, calou profundamente na opinião do país e mesmo do mundo, deixamos o leitor a vontade para tirar as suas conclusões. Os propósitos da viagem foram imaginados por uma parte da imprensa e do público, da mais variada forma. Penso que a descrição realizada na primeira parte dêste livro fornece subsídios suficientes para uma justa opinião. Mas, é ao leitor mesmo que peço permissão para acrescentar alguns outros.

Milton Terra Verdi participando dos trabalhos relacionados com os negócios de seu progenitor, todos ligados ao trato da terra e da agricultura era, entretanto, um moço da sua época. Não se pode dizer que fôsse um ser simplesmente instintivo, embora a preocupação das fortes emoções possa levar-nos a supor que assim fôsse. Bem ao contrário, Milton possuía as mais variadas rodas de amigos e com êles trocava constantes idéias a respeito da evolução da economia brasileira. Em contato com amigos da família, como o saudoso Coutinho Cavalcanti, com êstes aprendeu a evolução nacional que no

Segunda-feira — Aterrizamos nesta vargem as 17,15 hs. do dia 29/8/60, estamos com gasolina para somente 05 minutos de vôo, à uma hora que procuravamos um lugar para descer, pois tínhamos conosco um galão de 20 lts. de gasolina, passamos, maus momentos, pois a gasolina estava no fim, e só viamos mato fechado. Avistamos esta vargem, como se fosse um milagre de Deus, descermos bem, estávamos tomados de um cansaço geral logo escureceu, após termos feito um reconhecimento do terreno, tínhamos somente 2 coisas em mente, nossa família e a possibilidade de decolarmos no dia seguinte.

Terça — 30/8/60 — Acordamos cedo, ainda cansados, depois de um sono desconforto no avião e agitado, pusemos a gasolina no tanque fizemos novamente o reconhecimento da vargem, sabia que a possibilidade de decolagem era mínima, as 7 horas funcionamos o avião, depois de esquentar o motor, tentamos decolar, de N. para S., porém o capim, segurou o avião e não foi possível a decolagem — Não tinha vento.

Quarta — 31/8/60 — Vento forte de N. a S., Não temos água somente uma garrafinha de guaraná, 1 sanduiche e um maço de cigarros, vamos tentar encontrar água, em uma vargem que avistamos do avião, ao Norte daqui. Não temos nenhuma arma, e nem um canivete.

Segunda-feira — Aterrizamos nesta vargem as 17,15 hs. do dia 29/8/60, estamos com gasolina para somente 05 minutos de vôo, à uma hora que procuravamos um lugar para descer, pois tínhamos conosco um galão de 20 lts. de gasolina, passamos, maus momentos, pois a gasolina estava no fim, e só viamos mato fechado. Avistamos esta vargem, como se fosse um milagre de Deus, descermos bem, estávamos tomados de um cansaço geral logo escureceu, após termos feito um reconhecimento do terreno, tínhamos somente 2 coisas em mente, nossa família e a possibilidade de decolarmos no dia seguinte.

Terça — 30/8/60 — Acordamos cedo, ainda cansados, depois de um sono desconforto no avião e agitado, pusemos a gasolina no tanque fizemos novamente o reconhecimento da vargem, sabia que a possibilidade de decolagem era mínima, as 7 horas funcionamos o avião, depois de esquentar o motor, tentamos decolar, de N. para S., porém o capim, segurou o avião e não foi possível a decolagem — Não tinha vento.

Quarta — 31/8/60 — Vento forte de N. a S., Não temos água somente uma garrafinha de guaraná, 1 sanduiche e um maço de cigarros, vamos tentar encontrar água, em uma vargem que avistamos do avião, ao Norte daqui. Não temos nenhuma arma, e nem um canivete.



Quarta-feira

31/8/60

O dia amanheceu nublado, estamos pedindo a Deus que mande chuva, o vento mudou de S. para N. o que melhorava as condições de decolagem, tentei decolar sozinho às 7,00 H., mas nada encontrei, aterrisei, não sentimos fome, mas a cêde, é desesperadora, nossa única esperança, é que Corumbá seja comunicada de Santa Cruz que nós não chegamos e cremos que não merecemos uma morte tão estúpida, nossos pensamentos estão somente em nossos filhos, mulheres e pais.

10,15 H. — Ouvimos barulho de avião passou na mesma direção que o de ontem, também não o vimos, estamos com a boca completamente seca e com sede insuportável.

15,00 H. — Decolei novamente a procura de água, nada encontrei, aterrisei, não sentimos fome, mas a cêde, é desesperadora, nossa única esperança, é que Corumbá seja comunicada de Santa Cruz que nós não chegamos e cremos que não merecemos uma morte tão estúpida, nossos pensamentos estão somente em nossos filhos, mulheres e pais.

Quinta-feira

31/8/60

O dia amanheceu nublado, estamos pedindo a Deus que mande chuva, o vento mudou de S. para N. o que melhorava as condições de decolagem, tentei decolar sozinho às 7,00 H., mas nada encontrei, aterrisei, não sentimos fome, mas a cêde, é desesperadora, nossa única esperança, é que Corumbá seja comunicada de Santa Cruz que nós não chegamos e cremos que não merecemos uma morte tão estúpida, nossos pensamentos estão somente em nossos filhos, mulheres e pais.

10,15 H. — Ouvimos barulho de avião passou na mesma direção que o de ontem, também não o vimos, estamos com a boca completamente seca e com sede insuportável.

15,00 H. — Decolei novamente a procura de água, nada encontrei, aterrisei, não sentimos fome, mas a cêde, é desesperadora, nossa única esperança, é que Corumbá seja comunicada de Santa Cruz que nós não chegamos e cremos que não merecemos uma morte tão estúpida, nossos pensamentos estão somente em nossos filhos, mulheres e pais.

10,30 H — Tentamos nova decolagem, de S. para N., pois o vento está bom, mas não conseguimos devido o capim muito alto. Tentamos encontrar água, mas foi inútil, temos muita cede. As 14,23, ouvimos barulho de avião, o que nos deu um pouco de alegria, cruzou bem ao N. de onde estávamos, só ouvimos o barulho, cruzou de E. para O.

15,00 H — Tentamos decolar novamente desta vez deixamos as malas somente nós dois no avião, tentamos 3 vezes, mas foi inútil. a guaraná, há muito que acabou, temos muita cede, estamos passando água velva nos lábios, para refrescar um pouco, à noite o tempo mudou para chuva, ficamos contentes pois tínhamos esperanças de colher alguma água, mas o vento virou durante a noite e levou a chuva embora, só caiu alguns pingos.

III

Quarta-feira

31/8/60 — O dia amanheceu nublado, estamos pedindo a Deus que mande chuva, o vento mudou de S. para N. o que melhorava as condições de decolagem, tentei decolar sozinho às 7,00 H. Consegui, procurei localizar água, mas foi inútil, voei uns 0,20 H, mas nada encontrei, aterrisei, não sentimos fome, mas a cêde, é desesperadora, nossa unica esperança, é que Corumbá seja comunicada de Santa Cruz que nós não chegamos e que mandem aviões a nossa procura, temos fé em Deus e cremos que não merecemos uma morte tão estúpida, nossos pensamentos estão somente com nossos filhos, mulheres e pais.

10,15 H — Ouvimos barulho de avião passou na mesma direção que o de ontem, também não o vimos, estamos com a boca completamente seca e com sede insuportável.

15,00 H — Decolei novamente a procura de água, nada

encontrei estamos no meio de um deserto, não sentimos fome, mas a cêde está desesperadora á 52 horas que não comemos e não bebemos agua. Cavamos um buraco em um lugar umido, para ver se minava agua, agua palavra abençoada, que somente nesta situação é que se dá o valor que merece. Rezamos muito, fizemos promessas, pensamos na familia e dormimos.

IV

Quinta-feira

1.º/9/60 — Dormimos muito pouco esta noite, amanehecemos mais fracos, não nos conformamos com a situação, pensamos que ninguém no mundo merece uma morte desta, morrer de cêde, deve ser a pior morte do mundo.

O tempo está nublado, estamos pedindo demais a Deus, que chova para que possamos pelo menos molhar a boca. Temos muita fé em Deus e já fizemos muita promessa, para que nos encontrem. Sabemos que deve existir agua aqui por perto, pois existem muitos passaros e muitos rastros de animais selvagens, mas onde estará essa agua meu Deus, já não temos mais disposição para procurar

13,15 H — Não resistimos a cêde arranquei a bussola do avião para irmos procurar agua mais longe, saímos agora não sabemos se voltaremos.

Só temos um desejo, tornar a vêr nossas familias. Andamos mais ou menos 200 mts no meio deste mato fechado, com o auxilio da bussola, conseguimos voltar, chegamos exaustos, devido nosso estado de fraqueza e desanimo. A noite chegou, dormimos pensando em nossas mulheres e filhos, pais, mães e irmãos.

V

Sexta-feira

2/9/60 — Passamos mais uma noite dentro do avião o que é muito desconforto, mas fora estava muito frio. As 6 H levantamos, e aproveitando a hora da Ave Maria, rezamos muito, fizemos promessas e pedimos a Deus e N. Senhora, que mandassem um avião a nossa procura, temos muita fé em Deus e N. Senhora, é isso que nos ajuda a mantermos calmos e esperançosos. Fome, não temos sentido, mas a cede cada vez mais desesperadora. Temos esperanças de resistir mais dois dias.

10 H — Sai novamente a procura de agua, não andei muito, pois o terreno é sempre igual, só se vê cactus e uma espécie de abacaxizeiro bem pequeno que está por todo lado, não resistindo a um impulso, abaixei e arranquei uma folha desse abacaxizinho, levei na boca, mastiguei, vi que tinha muito caldo de cor verde e meio azedo, não sei se faz bem ou mal, mordemos muitas destas folhas, sentimos a boca mais fresca e aliviada engoli um pouco deste caldo, vou esperar uma reação, se não der creio que possamos aliviar um pouco a cêde com estas folhas. O que mais me desespera é saber que tem agua muito perto daqui, devido a quantidade de passaros.

VI

Tenho procurado todas as tardes ouvir o cantar das saracuras, pois sei que elas só cantam na beira d'agua, mas infelizmente creio que por aqui não existem as saracuras.

13,05 H. — Fazem exatamente 100 horas que não comemos nada e nem bebemos "agua".

16,05 H. — Avistamos um avião, a uns 20 kms ao Norte, pedimos demais a Deus para que ele desviasse a rota e

① Sexta-feira

10/9/60 - Passamos mais uma noite dentro do avião que é muito desconfortável, mas fora estava muito frio. Às 11 H levantamos, e aproveitando a hora da Ave Maria, rezamos muito, fizemos promessas e pedimos a Deus e N. Senhora, que mandassem um avião a nossa procura, temos muita fé em Deus e N. Senhora, e isso que nos ajuda a mantermos calmos e esperançosos. Porém, não temos sentido, mas a cada vez mais desconfiamos de resistir mais dias.

10.15 H - Por novamente a procura de água, não andei muito, pois o terreno é sempre igual, só se vê elctus, e uma espécie de abacaxinho bem pequeno que está por toda a parte, não resistindo a um impulso, ~~abacaxi~~ abacaxi e arranjei uma folha desse abacaxinho, levei na boca, mastiguei, e que tinha muito caldo de cor verde e muito azedo, não sei se foi bem ou mal, mandamos então um pouco deste caldo, com espinais e com a casca da folha, e se não conseguirmos, talvez um pouco a cada vez com as folhas, que nos vai ajudando a saber que tem água muito perto.

11.15 H - Temos prometido todos, as tardes ouvir o cantar dos passarinhos, pois se que eles só cantam na beira d'água, mas infelizmente aqui não existem os passarinhos.

12.05 H - Passamos exatamente 100 H, que não comemos nada, a não ser água.

16.05 H - Arranjamos um avião, a 20 km ao Norte, pedimos de usá-lo até que ele sumisse a vista e nos visse, ficamos olhando até que ele sumisse era um avião pequeno deve ser CESSNA. Às 18.00 H rezamos para que a N. S. Aparecida nos ajude a sair desta dolorosa situação. Depois tentamos dormir, mas fez tanto frio a noite, que não foi possível, apesar de termos passado muito frio.

Sábado - 3/9/60 - Estamos muito fracos e cansados, por não termos dormido a noite. Temos esperanças que nos encontrem hoje. A nossa situação já está sendo desesperadora. 13.05 H - Fazem 124 horas que não comemos nem bebemos água, o que tem nos aliviado um pouco é a folha do abacaxinho que tem sabor azedo, temos falado toda hora, que se sairmos desta, em nossa casa, nunca haverá de faltar na geladeira, principalmente água, mas também todas as qualidades de refrescos, com muita fartura. Já devemos ter emagrecido uns 8 kgms cada um. Neste momento faço um apelo "Deus tende piedade de nós, precisamos ver novamente nossas famílias".

nos visse, ficamos olhando até que ele sumiu era um avião pequeno deve ser CESSNA.

As 18,00 H rezamos um terço a N. S. Aparecida para que nos ajude a sair desta dolorosa situação. Depois tentamos dormir, mas fez tanto frio a noite, que não foi possível pegar no sono, passamos muito frio.

SABADO — 3/9/60 — Estamos muito fracos e cansados, por não termos dormido a noite. Temos esperanças que nos encontrem hoje. A nossa situação já está sendo desesperadora.

13,05 H — Fazem 124 horas que não comemos nem bebemos água o que tem nos aliviado um pouco é a folha do abacaxinho que tem sabor azedo, temos falado toda hora, que se sairmos desta, em nossa casa, nunca haverá de faltar na geladeira, principalmente água, mas também todas as qualidades de refrescos, com muita fartura.

Já devemos ter emagrecido uns 8 kgms cada um. Neste momento faço um apelo "Deus tende piedade de nós, precisamos ver novamente nossas famílias".

VII

15,15 H — Houvimos ronco de motores, como o vento estava muito forte, não foi possível distinguir a direção que passou, mas creio que foi de Sul para N., passou a nossa direita, pelo barulho do motor, tive a impressão de que era um Elicóptero, isso nos deixou muito contente, porque se for mesmo Elicóptero, é porque estão nos procurando. Ficamos atentos em novos barulhos, até que escureceu, as 18 H rezamos a ave-Maria e fomos ver se conseguíamos dormir, com muita fé que nos achassem no dia seguinte.

12. 10.15 - Houve uma de noites, como é de costume, muito frio, e não dormimos quazi nada, há duas noites que não dormimos quazi nada, e passamos muito frio, o que não contribuindo ainda mais para nosso estado de fraqueza, cêde, nem se fala estamos a ponto de delirar, e ter miragem de agua, temos muita esperança no dia de hoje, e Deus que ajude para que nos encontrem hoje.

13. 4/7/60 - Esta noite também fez muito frio, e não dormimos quazi nada, a duas noites que não dormimos quazi nada, e passamos muito frio, o que não contribuindo ainda mais para nosso estado de fraqueza, cêde, nem se fala estamos a ponto de delirar, e ter miragem de agua, temos muita esperança no dia de hoje, e Deus que ajude para que nos encontrem hoje.

14. Hoje, a 150 horas que estamos nesta agonia, não estamos rezando mais, as nossas forças estão abandonando, a certeza é que não está evitando o suicídio, é a crença em Deus, a vontade de vermos novamente nossos filhos.

III. Segunda Feia 5/9/60 - Faltam 3 dias para o meu aniversário, e esse dia eu queria demais passar com minha mulher, filhos e familiares, talvez Deus ainda permita isso, não fez frio, o que permitiu que dormíssemos um pouco, e foi muito bom, porque o sono também alimenta, acordamos mais dispostos hoje e mais esperançosos, esperamos que hoje não faça tanto calor como ontem, pois judia demais de nós.

15. 6/7/60 - Dormimos pouco, tivemos muita vontade de fazer muito calor, já tentamos beber água, mas não foi possível, mas não de sal amargo, temos muita fé que Deus nos ajude para que nos encontrem hoje.

16. 7/7/60 - Dormimos pouco, tivemos muita vontade de fazer muito calor, já tentamos beber água, mas não foi possível, mas não de sal amargo, temos muita fé que Deus nos ajude para que nos encontrem hoje.

DOMINGO — 4/9/60 — Esta noite também fez muito frio, e não dormimos quazi nada, há duas noites que não dormimos quazi nada, e passamos muito frio, o que não contribuindo ainda mais para nosso estado de fraqueza, cêde, nem se fala estamos a ponto de delirar, e ter miragem de agua, temos muita esperança no dia de hoje, e Deus que ajude para que nos encontrem hoje.

14 Horas, a 150 horas que estamos nesta agonia, não estamos rezando mais, as nossas forças estão nos abandonando, a unica coisa que nos está evitando o suicídio, é a crença em Deus e a vontade de vermos novamente nossos filhos.

Durante a tarde sofremos muito com o calor que fez hoje, o que ainda nos ressecou mais, temos rezado todas as 6 horas da manhã e da tarde e pedido muito a Deus que nos leve as nossas famílias.

VIII

Segunda Feia 5/9/60 — Faltam 3 dias para o meu aniversário de casamento, e esse dia eu queria demais passar com minha mulher, filhos e familiares, talvez Deus ainda permita isso. Essa noite não fez frio, o que permitiu que dormíssemos um pouco, e foi muito bom, porque o sono também alimenta, acordamos mais dispostos hoje e mais esperançosos, esperamos que hoje não faça tanto calor como ontem, pois judia demais de nós.

Porém o calor foi insuportavel, havimos dois aviões que cruzaram o primeiro, foi as 10,15 deve ser a Cruzeiro do Sul que vinha de Corumbá, o segundo, foi a tarde mais ou menos 15,00 horas, tive a impressão de que esse estava nos procurando, pois chegou bem perto de nós e mudou de rumo, ficamos com fé que ele voltasse —

Terça feira — 6/9/60 — Dormimos mais ou menos, sonhei muito com agua essa noite, estamos mais fracos ainda e o dia hoje promete fazer muito calor, já tentei beber urina, mas não foi possível, tem sabor de sal-amargo, temos muita fé que N. S. Aparecida, faça um milagre hoje.

Hoje não ouvimos barulho algum de avião, o calor foi insuportavel. O Augusto desesperou-se e tomou uma garrafa de gasolina como se fosse agua, passou muito mal, a noite variou muito.

IX

Quarta feira — 7 de Setembro de 1960 — dia da Proclamação da Republica, dia de festa no meu Pais, amanhã, dia de aniversario de casamento de meus pais, minha irmã e meu, dia de N. S. Aparecida, Padroeira do Brasil. Se fizer o calor que fez ontem a tarde não resistiremos passar o dia de hoje, pois a 9 dias e 9 noites que não bebemos agua, não comemos nada e dormimos muito pouco. Como se acabam as iluzões de um homem, hoje para mim um litro d'agua que é a coisa mais barata que nós temos, vale mais que todo o dinheiro do mundo e um prato de arroz com feijão, não tem dinheiro que pague, se Deus nos der nova chance, temos planos de ser os homens mais humildes do mundo, queremos apenas ter nossa comida, agua em abundância e o carinho das esposas, filhos e familiares.

A tarde fez muito calor, o Augusto está delirando muito, creio que não resistirá hoje.

22,30 H. — Augusto faleceu, meu cunhado deixou-me só. Que desespero, meu Deus.

Terça feira 7 de Setembro de 1960 — dia da Proclamação da Republica, dia de festa no meu Pais, amanhã, dia de aniversario de casamento de meus pais, minha irmã e meu, dia de N. S. Aparecida, Padroeira do Brasil. Se fizer o calor que fez ontem a tarde não resistiremos passar o dia de hoje, pois a 9 dias e 9 noites que não bebemos agua, não comemos nada e dormimos muito pouco. Como se acabam as iluzões de um homem, hoje para mim um litro d'agua que é a coisa mais barata que nós temos, vale mais que todo o dinheiro do mundo e um prato de arroz com feijão, não tem dinheiro que pague, se Deus nos der nova chance, temos planos de ser os homens mais humildes do mundo, queremos apenas ter nossa comida, agua em abundância e o carinho das esposas, filhos e familiares.

22,30 H. — Augusto faleceu, meu cunhado deixou-me só. Que desespero, meu Deus.

(XI) Sexta-feira — 7/9/60 — Hoje fará 12 dias que estamos perdidos aqui. Nunca pensei que a aviação estivesse tão desorganizada assim ao ponto de um avião ficar perdido. Eu não sei o que aconteceu com o meu avião, mas sei que não posso ficar aqui sozinho. Hoje Jesus iluminai-me, fazei com que chegue socorro agora cedo.

O calor da tarde foi castigante, agora sinto-me um pouco mais forte devido a água, como é duro controlar a água, quando se tem sede. Que dia solitário meu Deus, como é duro ficar sózinho em um lugar deste. Rezei o dia inteirinho, já fiz varias promessas para que Deus nos tire daqui, não suporto mais ficar aqui nesta solidão, acabarei enlouquecendo se Deus não me tirar daqui.

Sabado, 10/9/60 — O dia amanheceu muito limpo, prometo fazer muito calor, fiz minhas orações à Ave Maria, esta hora, já fiz promessas, a N. S. Jesus Cristo e N. S. Aparecida, e as santas Tereza, a São Paulo, Jesus de Pinapora e S. Antonio, e se me tirarem com vida daqui, irei uma vez por ano visitar os santos e igrejas deles, e trarei de joelhos da porta da igreja até o seu altar, rogarei, darei graças e agradeceri ao meu tamanho de minha mulher e de meus filhos.

Sei também piedade de não tirar mais daqui hoje, que todos que perduram o sepultamento do meu querido avião e cunhado, e os outros que não vão o avião do meu querido avião, os meus filhos que desapparei, eu penso que talvez seja a unica chance de salvamento de passar tão alto e não vir os filhos que eu fiz. "Ó Deus tem piedade por mim e por meus filhos Jesus Cristo".

15.00 H. Calor forte no ar, fui levantar de pressa para fazer pipal, mas devido o meu estado de fraqueza, me deu tontura e me encolhei as vistas, quando fiquei bem já tinha parado. Será que não posso mais lembrar de um proclamar meu Deus.

O calor foi calor, não consigo controlar a água, a água precisa a minha mulher e meus filhos, e não dá de se viver sem eles.

X

Quinta-Feira, 8/9/60, Dia da minha padroeira, N. S. Aparecida, dia de meu aniversario de casamento, do meu pae e de minha irmã, dia de festa em casa. Esta madrugada choveu, deu para beber um pouco d'agua, pena que o Augusto não resistiu, talvez se salvasse. Estou pedindo a Nossa Senhora que nos leve para casa hoje, para podermos fazer o sepultamento. Deus que o tenha em bom lugar, morreu como homem.

11,00 Horas, agora que a chuva está parando, deu para mim beber bastante agua e juntar uns 8 litros na lata. Que farei com o corpo do Augusto meu Deus, iluminai-me a respeito, não tenho nada com que enterra-lo, pobre cunhado, grande amigo.

XI

Sexta-feira — 9/9/60 — Hoje fará 12 dias que estamos perdidos aqui, nunca pensei que a aviação estivesse tão desorganizada assim ao ponto de um avião ficar perdido 12 dias sem eles irem procurar. Como é duro ficar sosinho aqui, que farei Deus com o corpo do meu cunhado, sei que não pode ficar assim. Ó Jesus iluminai-me, fazei com que chegue socorro agora cedo.

O calor da tarde foi castigante, agora sinto-me um pouco mais forte devido a água, como é duro controlar a água, quando se tem sede. Que dia solitário meu Deus como é duro ficar sózinho em um lugar deste. Rezei o dia inteirinho, já fiz varias promessas para que Deus nos tire daqui, não suporto mais ficar aqui nesta solidão, acabarei enlouquecendo se Deus não me tirar daqui.

XII

Sabádo, 10/9/60 — O dia amanheceu muito limpo, prometo fazer muito calor, fiz minhas orações à Ave Maria,

as seis horas, já fiz promessas, a N.S. Jesus Cristo, à N.S. Aparecida, a S. Judas Tadeu, a São Bom Jesus de Pirapora e a S. Antonio, que se me tirem com vida daqui, irei uma vez por ano durante 5 anos as igrejas deles, entrarei de joelhos da porta da igreja, até os seus altares, rezarei, darei graças e acenderei velas do meu tamanho, de minha mulher e de meus filhos. Deus tñde piedade de nós tirai-nos daqui hoje, que tenho que providenciar o sepultamento do meu querido amigo e cunhado.

10,00 H — Passou bem sobre nós o avião do Loyd Aéreo Boliviano, ai meu Deus que desespero, em pensar que talvez seja a unica chance de salvamento e ele passou tão alto e não viu os sinais que eu fiz. "Hó Deus tñde piedade, por misericórdia Jesus Cristo".

15,00 H — Passou sobre nós outro avião, fui levantar depressa para fazer sinal, mas devido o meu estado de fraqueza me deu tontura e me escureceu as vistas, quando fiquei bom já tinha passado. Será que ninguem vai se lembrar de nos procurar meu Deus.

A tarde fñz calor, não consigo economizar a agua, as 18 horas rezei A. Maria e procurei dormir, pensando se no dia de amanhã alguém nos achasse.

XIII

Domingo — 11/9/60 — Como todos os dias tenho feito, levantei as 6 H para rezar a A. Maria, mas não é só essas horas que rezo não, tenho rezado o dia todo, a toda hora, estou sozinho não tenho com quem conversar, tenho a impressão que faz um ano que estou aqui, tenho muita saudade de casa, da minha mulher, meus filhos, meus pais e meus irmãos, tenho pensado muito nas minhas sobrinhas e na Miltis, coitadinhas tão novinhas e já sem pai,

Se Deus me tirar vivo daqui, quero cuidar delas, como se fossem minhas filhas, tenho rezado muito para a alma do saudoso Augusto e rezado, para que Deus nos tire daqui, eu rezo muito, porque tenho a impressão de estar conversando com Deus. Hó Deus não consigo controlar a agua, levo a lata na boca para molhar os labios, quando vejo, já tomei 6 ou 7 goles, preciso me controlar para não acabar logo.

Todos os dias de manhã, me levanto, e olho no avião para ver se serenou, aqui serena muito pouco, o dia que serena um pouco, pego uma camisa minha, vou enxugando o avião e torcendo a agua na lata, sempre dá para aproveitar 1/2 ou 1 copo de agua, pena que não serena toda noite.

10,30 H — Meu Deus, já fazem três dias e meio, ou melhor 84 horas que o Augusto está morto, que farei meu Deus com o corpo, tenho certeza, que com esse calor, até a tarde, ele entrará em decomposição, ajudai-me Jesus para que nos tirem hoje daqui, para que eu possa providenciar uma urna lacrada, para leva-lo para casa.

XIV

Segunda feira — 12/9/60 — Hoje farão 2 semanas, ou melhor 15 dias, que estamos aqui, será que ninguem vai se lembrar de nós? O dia hoje amanheceu nublado, pedi a Deus que chovesse, pois minha agua já estava no fim, as 7 horas, depois que rezei a Ave Maria, começou a chover, chuva forte, consegui desta vez tambem beber bastante agua e guardar uns 15 lts na lata, para guardar essa agua, dá muito trabalho, é preciso me molhar todo, molhando uma porção de roupas (camisas, calças e paletós de linho) na asa do avião e de pouco em pouco tempo, vou torcendo essas roupas na lata, me molho todo e fico

[illegible]

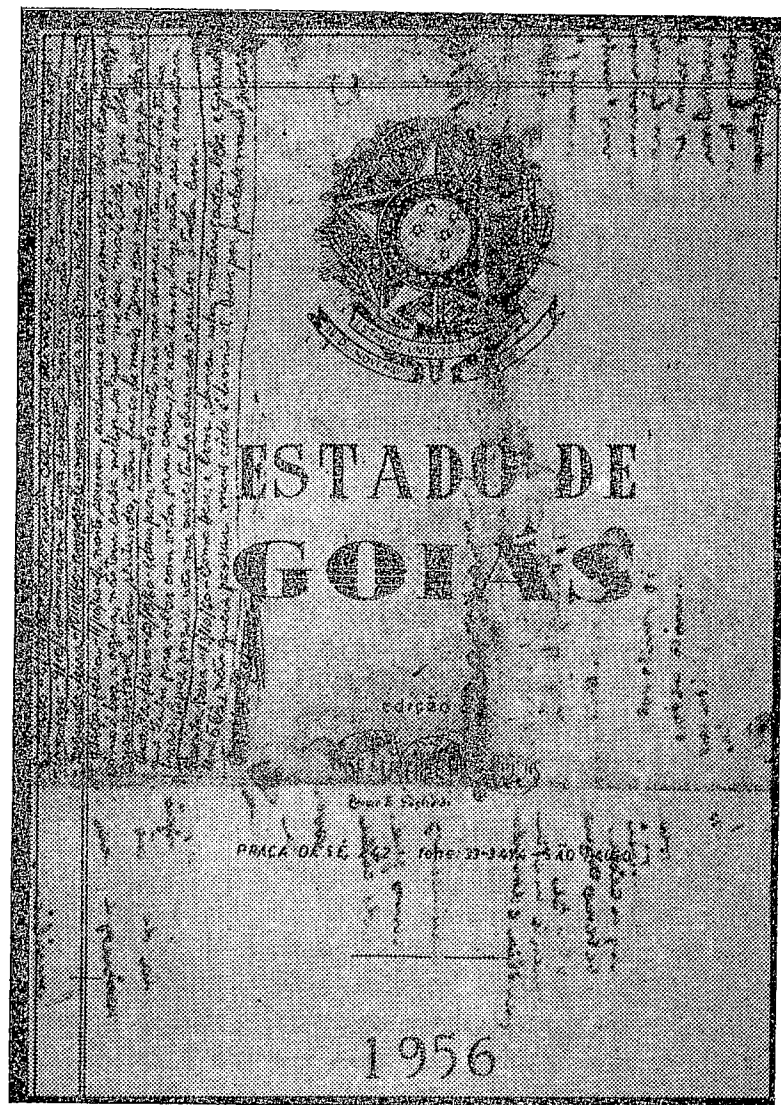
211

[illegible]

e ainda estamos aqui sem ao menos o sepultamento do corpo, que está desprendendo um mau cheiro horrível, à 16 dias que estamos aqui, será que ninguém vai lembrar-se de nós, estou ficando desesperado meu Deus, tirai-nos daqui hoje, pelo amor de tudo o que é mais sagrado no mundo, pelo amor de meus filhos.

— Quinta feira — 15/9/60 — Levantei as 6 horas rezei a Ave Maria. Tenho rezado todos os dias as 6 H da manhã e da tarde a Ave Maria, rezo muito pela alma do Augusto, pela saúde de minha família e peço a Deus que nos tire daqui. Que monótono são os dias aqui sozinho.

— Sabado — 17/9/60 — Hoje meu filho completa 6 meses de idade, Deus dê-lhe saúde. As 10 H. esperei que passasse o avião do Loyd Boliviano, mas não passou. Só às 15,30 H. é que ouvi barulho de avião, mas não o vi. Não sei o que fazer, o corpo do Augusto está se decompondo, os urubús estão rodeando, não quero que eles o coma. Deus tende piedade tirai-nos daqui para que eu possa leva-lo para casa para sepulta-lo.



XVI

— Domingo — 18/9/60 — Tenho rezado e pedido muito a Deus para nos tirar daqui.

— Segunda-feira — 19/9/60 — Meu Deus será que ninguém se lembra de nós? As 8,40 passou um avião grande, bem em cima de nós e baixo, acendi uma fogueira que tinha preparado, fiz sinais, mas infelizmente não me viram, que desespero. 10,20 ouvi barulho de avião grande, será que estão nos procurando? Queria Deus.

— Terça-feira — 20/9/60 — Dia do aniversário da Mara Regina, como o Augusto falou neste dia, queria passar junto de sua filha. Minha agua está acabando, estou perdendo as esperanças, 23 dias de sofrimento.

— Quarta-feira — 21/9/60 — Hoje faz um mês que vi minha querida Regina pela ultima vêz, 7,30 avistei um avião que cruzou ao N. rumo a Corumbá — 8,40 cruzou um avião bem em cima de nós não muito alto, avião grande fiz muito sinal e pedi a Deus para que me visse, mas não viram foi para S. Cruz, sei que S. Cruz está a 300 graus daqui e a uns 50 kms hó Deus se eu tivesse gasolina. A agua está no fim.

— Quinta-feira — 22/9/60 — 9,10 cruzou um avião grande para S. Cruz. A noite minha agua acabou toda.

— Sexta-feira — 23/9/60 — Hoje faz um mes que saímos de R. Preto. Hó Deus tirai-nos hoje daqui ou mande chuva.

— Sábado — 24/9/60 — A cêde está ficando insuportavel, calor demais. Papai venha a nossa procura. Como

Deus tem sido bom para mim hoje rezei o dia todo pedindo que chovesse, as 15 H choveu deu para beber e guardar 1 lt.

— Domingo — 25/9/60 — A cêde era demais, a agua acabou-se toda durante a noite passada, o dia amanheceu nublado e frio, estou rezando e pedindo a Deus que chova. Que saudades da minha familia.

— Segunda- — 26/9/60 Estou pedindo a Deus que mande socorro ou chuva. 29 dias de sofrimento.

— Terça-feira — 27/9/60 — Tenho muita cêde. Piedade meu Jesus Cristo. Tire-nos daqui por favor.

— Quarta-feira — 28/9/60 — A 30 dias que estou aqui. Que cêde horrorosa. A 3 dias e 3 noites que não bebo.

— Quinta-feira — 29/9/60 — Estou completamente acabado já devo ter emagrecido uns 20 kgms. Tenho muita cêde.

— Sexta-feira — 30/9/60 — 33 dias de desespero e sofrimento, não resisto a cêde, estou muito fraco, vou me aprofundar no mato a procura de agua, Deus dai-me forças. Sinto que não resistirei mais.

— Sabado — 1.º/10/60 — Em 9 dias e 10 noite que eu bebi agua só uma vez, sabado passado, hoje não resistindo mais, tapei o nariz e bebi uma garrafinha de urina que misturei com um pouquinho de agua velva e um pouquinho de gasolina, bebi como se fosse laranja. A noite bebi outra vêz urina.

— Domingo — 2/10/60 — Minhas forças estão no fim, se fizer muito calor hoje não sei se resistirei.

— Segunda-feira 3/10/60 — Dia das eleições no Brazil, quando pensava que estava tudo perdido, Deus mandou-me chuva esta manhã, não deu para guardar mas sim para beber, o ceu, continua nublado estou pedindo que chova mais tenho quazi certeza que nesses 2 dias o papai virá a nossa procura. A tarde choveu novamente, agora tenho esperança de voltar para casa.

XVII

— Terça-feira — 4/10/60 — Tenho muita fé que o papai virá hoje a nossa procura, hó Deus fazei com que ele venha, agora tenho esperança de voltar vivo para casa.

— Quarta-feira — 5/10/60 — 38 dias de cêde, fome e solidão. Rezo muito e tenho esperanças. Papai venha logo.

— Quinta-feira — 6/10/60 — Minha agua acabou-se toda durante esta noite. Vai começar o martirio da cêde.

— Sexta-feira — 7/10/60 — O dia amanheceu nublado estou pedindo a Deus para que chova bastante. 40 dias, hoje faz um mês que o Augusto faleceu, seu corpo ainda está a meu lado sem sepultamento hó Deus.

— Sábado — 8/10/60 — Tenho muita cêde, Deus dai-me agua ou tire-nos daqui hoje.

— Domingo — 9/10/60 — Ameaçou chuva durante a noite mas não choveu, cêde bárbara.

— Segunda-feira — 10/10/60 — Novamente ameaçou chuva a noite mas não choveu, 43 dias de sofrimento.

— Terça-feira- 11/10/60 — À noite serenou, enchuguei o avião e consegui beber um copo de agua, como é boa a agua, não tem coisa melhor, só que me deu mais cêde, que cêde insuportavel estou sentido, estou fraco demais “Deus dai-me chuva por piedade”.

— Quarta-feira- 12/10/60 — Relampeou muito a noite mas não choveu, estou dando tudo que tenho para voltar com vida para casa, se não chover hoje não sei se resistirei mais, papai porque não me ouves tenho chamado o senhor a toda hora.

— Quinta-feira- 13/10/60 — Como Deus é bom, choveu esta madrugada, bebi e guardei uns 5 lts, não quero passar mais cêde é horrivel. Deus por piedade mande socorro.

XVIII

— Sexta-feira- 14/10/60 — Hoje começou a chover cedo, foi o dia que mais choveu, deu para encher o latão, tenho muita fome, demais da conta, a saudade que estou sentindo de casa é muita. Papai venha logo que eu já estou muito fraco.

XIX

— Sábado — 15/10/60 — Tenho agua para beber, graças a Deus, mas estou com a pele sobre os ossos de tão magro, a saudade de casa e a fome é demais.

— Domingo — 16/10/60 — A novidade do dia de hoje, foi que eu peguei um cágado com muito sacrificio conse-

gui quebrar um pedaço do casco dele e comi um bom pedaço de carne crua e sem sal, mas fez-me bem me senti mais forte. Hoje fazem 2 meses que não vejo meus filhos, que saudade louca.

— Segunda-feira — 17/10/60 — Hoje meu filho completa 7 meses. Com deve esta bonito, já deve ter destinhos nascidos e deve esta engatinhando. 50 dias de tormento.

— Terça-feira — 18/10/60 — Hoje, com muito sacrificio, consegui fazer uma arapuca, se conseguir pegar alguns passaros para comer carne, creio que resistirei mais uns dias, meu Deus porque o papai não vem a nossa procura. A tarde, levantei e olhei para cima devido a fraquesa eu desmaiei. 51 dias.

— Quarta-feira — 19/10/60 — Hó Deus que espera desesperadora, será que não vou voltar vivo?

— Quinta-feira — 20/10/60 — Hoje cedo, tive um desmaio, estou muito fraco.

— Sexta-feira — 21/10/60 — Hoje fazem 2 meses que não vejo a minha querida Regina, que saudades louca meu bem. 54 dias de tormento.

— Sábado — 22/10/60 — Hoje foi um dia muito monotono tive muitas saudades de casa.

— Domingo — 23/10/60 — Fazem hoje 2 meses que saímos de Rio Preto, papai por misericórdia, veja que não está certo ficar tanto tempo fora, venha a nossa procura,

— Segunda-feira — 31/10/60 — Último dia do mês, papai venha por piedade 64, dias.

— Terça-feira — 1/11/60 — Dia de todos os santos, faizei senhores que venha uma salvação com urgência, quero voltar vivo para casa. Minha última esperança é que o papai sabendo que não fomos para finados, venha a nossa procura. Como o sofrimento muda o pensamento de uma pessoa. Deus dai-me uma nova oportunidade que quero mostrar que poderei ser bom pai, bom filho, bom esposo, que até hoje não fui e um bom católico. 65 dias.

— Quarta-feira — 2/11/60 — Dia de Finados, e o corpo do meu cunhado assim nesta situação, não é possível. Papai minha última esperança é que o senhor saia amanhã cedo a nossa procura, por misericórdia papai venha. 66 dias, muitas saudades de casa.

— Quinta-feira — 3/11/60 — Papai se o Senhor não saiu hoje a nossa procura, eu não tenho mais esperanças, pois minhas forças e minha água estão no finzinho. Finados que eu tinha tanta fé que chovesse, não choveu. 67 dias de fome, cêde, solidão e saudades. Sofro muito.

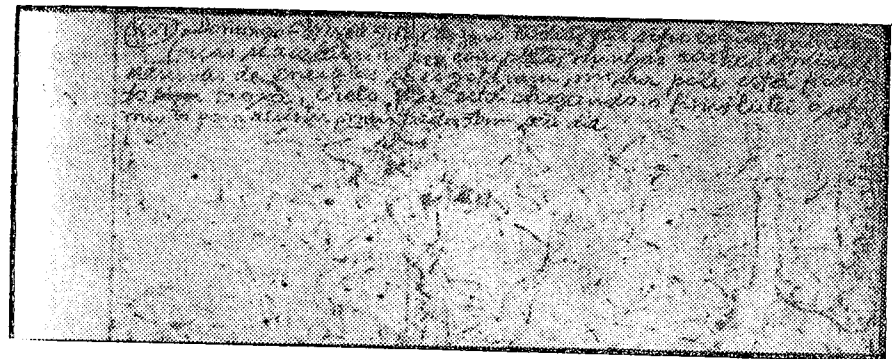
— Sexta-feira — 4/11/60 — Hó papai salvai-me, estou perdendo as forças e a esperança, creio que está chegando o fim, minhas vistas já estão fracas, Regina, mãe e Miltis rezai por nós. 68 dias.

— Sábado — 5/11/60 — Esta manhã choveu, daria para ter recolhido uns 10 lts dagua, mas estou sem forças até para colher o precioso liquido. Consegui apenas 2 lts com muito esforço. Papai espero o senhor amanhã.

XXI

Domingo — 6/11/60 — Hoje fazem 70 dias que sofro aqui, minha forças se acabaram por completo, minhas carnes e minhas reservas de energias se esgotaram, minha pele esta ficando roxa, creio que está chegando o fim, lutei e sofri muito para resistir, mas tudo tem seu dia

FIM DO DIARIO



Nota: Se o leitor aprofundar-se na análise da letra destas últimas linhas, notará que as palavras foram escritas com dificuldade, letra por letra, a traços retos e penosos, faltando, ainda o ponto final.

DECLARAÇÃO: - Eu, Walter Dias, brasileiro, advogado, casado, residente e domiciliado em São José do Rio Preto, acervo, para os devidos efeitos, que presenciei a reprodução em fotocópias, como a presente, dos respectivos originais dos escritos deixados por Milton Terra Verdi, assumindo inteira responsabilidade pela fidelidade das mesmas e conservação dos escritos originais como foram feitos, sem qualquer alteração.-

São Paulo, 19 de fevereiro de 1961

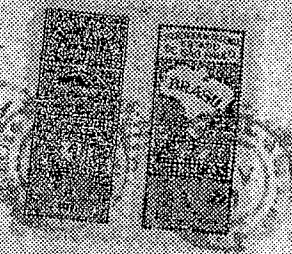
[Handwritten signature]

ABELIONATO FRANKLIN
Rua Libero Badur, 448 - Fone 3-3758

Reconheço e assinou
de Walter Dias

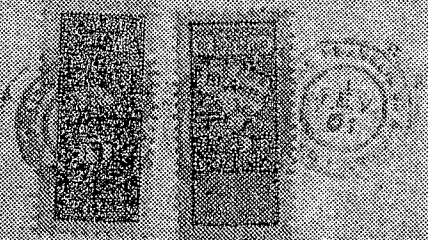
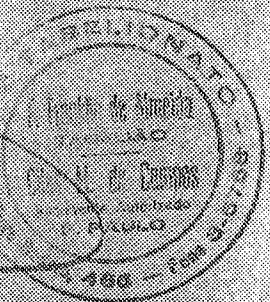
S. Paulo, 19 de fevereiro de 1961
Em test.

Carimbo notário



A presente fotocópia está conforme ao seu próprio original
deu fe.

S. Paulo, 19 de fevereiro de 1961
Ass. Walter Dias
Adv. Walter Dias



Carta de
Milton Terra Verdi
*à esposa, escrita no verso
do salvo-conduto para a Bolívia*

~~Minha querida esposa~~

Minha querida esposa, e dedicada
mãe de meus filhos, primeiramente,
peço que me perdôe, pelos
maus momentos que te fiz passar, vejo agora que
se Deus me desse mais uma oportunidade eu
seria o marido e pae ideal, pois sei agora que
tudo não passa de ilusão, o que vale mais no
mundo, é a agua, a comida de todo dia e o carinho
da nossa querida esposa e filhos, saiba que você
foi o unico amor de minha vida, não duvides
porque é um moribundo quem está falando.
Nunca deixes ninguém passar sede, pois é a pior
coisa do mundo. Relembre-me sempre a meus
filhos, minha querida Maria Cristina tão linda,
meu pequeno Miltinho, que não vae me conhecer.
Eu tinha combinado com o Augusto, que se Deus
nos tirasse daqui, ele e a Miltis seriam os padri-
nhos do Miltinho, mas não podendo ser ele, peço
a você dar ele para o papai e a Miltis batizá-lo.
Quero que você seja amiga de meus pais, pois
eles são muito bons. Peça a mamãe arranjar
um emprego para você junto com a Miltis.

Os meus paes peço que me perdôem, quizeria
apenas ter mais uma chance para mostrar o
filho bom que poderia ser pois fui bem castigado
e já vejo a vida por outro prisma completa-
mente diferente. Beijos a meus paes.

Aos meus irmãos, Miriam, Manoelzinho, Mil-
tis e Marty, beijos eternos do irmão infeliz.

Aos avós e tios beijos também do neto e
sobrinho. Regina, querida Regina, deixo para você
o dinheiro que está nesta mala Cr\$ 150.000,00
cento e cinquenta mil cruzeiros, para que você
possa tratar melhor de nossos queridos filhos.

Rezem por nós, eu do céu se Deus quiser
estarei velando por vocês.

Do pae, marido e filho desesperado

Milton Terra Verdi

Dezerto Boliviano /7/ setembro de 1.960

À minha sogra e cunhados, abraços e beijos sau-
dosos do genro e cunhado

Milton

Queridos pais, meus filhos,
meus irmãos, queridos amigos, todos os
que amam a vida, para mostrar o filho
que eu deixei para vocês, pois fui bem
castigado e já vejo a vida por outro
olhar. Sempre sorridente e feliz.
Beijos a todos, meus pais,
meus irmãos, Miriam, Milton e Harry,
sempre eternos da família.
Agora, meus filhos, também do neto e sobrinho
Regina, querida Regina, deixo para você
o dinheiro que está nesta mala Cr\$ 150.000,00
cento e cinquenta mil cruzeiros, para que
você possa tratar melhor de nossos queridos
filhos.
Rezem por nós, eu do céu se
Deus quiser estarei velando por vocês.
Do pae, marido e filho
desesperado.
Milton Terra Verdi
Dezerto Boliviano /7/ setembro de 1.960
À minha sogra e cunhados,
abraços e beijos saudosos do genro e cunhado.
Milton

SALMO XXIII

- 1 O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.
- 2 Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.
- 3 Refrigera a minha alma; guia-me pelas veredas da justiça, por amor do seu nome.
- 4 Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, porque tu estás comigo; a tua vara e o teu cajado me consolam.
- 5 Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos, unges a minha cabeça com óleo, o meu calice transborda.
- 6 Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida: e habitarei na casa do Senhor por longos dias.



Este livro foi executado nas oficinas da
EMPRESA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS" S.A.
à Rua Conde de Sarzedas, 38

para a
EDIÇÕES AUTORES REUNIDOS LIMITADA
Avenida Rio Branco 320, 5º andar, Cj. 53
Caixa Postal 2575

São Paulo
terminando-se sua impressão
em 1961.

LIVRARIA FREITAS BASTOS S. A.
RUA 15 DE NOVEMBRO, 62-66
TELEFONE, 33-2999 - SÃO PAULO

INSCRIÇÃO N. 9.424
1.ª VIA - Série A

NOTA FISCAL

№ 412893

São Paulo, / / 19

Natureza da Operação: Venda a Consumidor

$$Ilmo.(s) \quad Snr.(s).$$

HELIO SODERI - Av. Bosque Saúde, 2.043 - Inscrição 267.420 - 2.000 Tls. 50x2 - Num. de 350.001 a 450.000 - 9-60

[illegible]

ESTA NOTA NÃO VALE COMO RECIBO

Isento do Imposto de Vendas e Consignações de acordo com o § único
do Art. 18 da Lei N. 13 de 22 de Novembro de 1947
Artigo 4.º letra J do decreto 28.252 de 29/4/57.

SOMA Cr\$

